



L 15

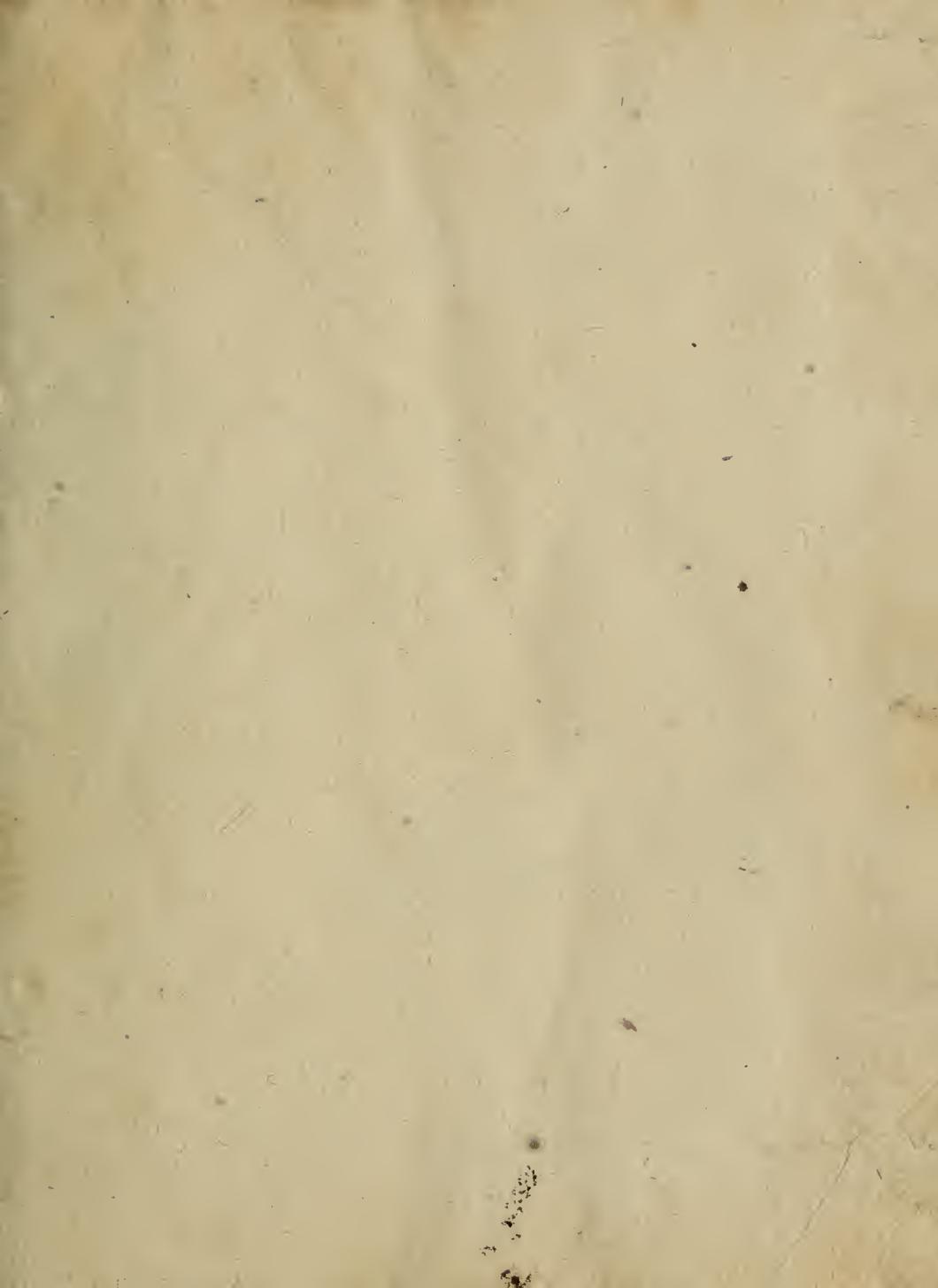


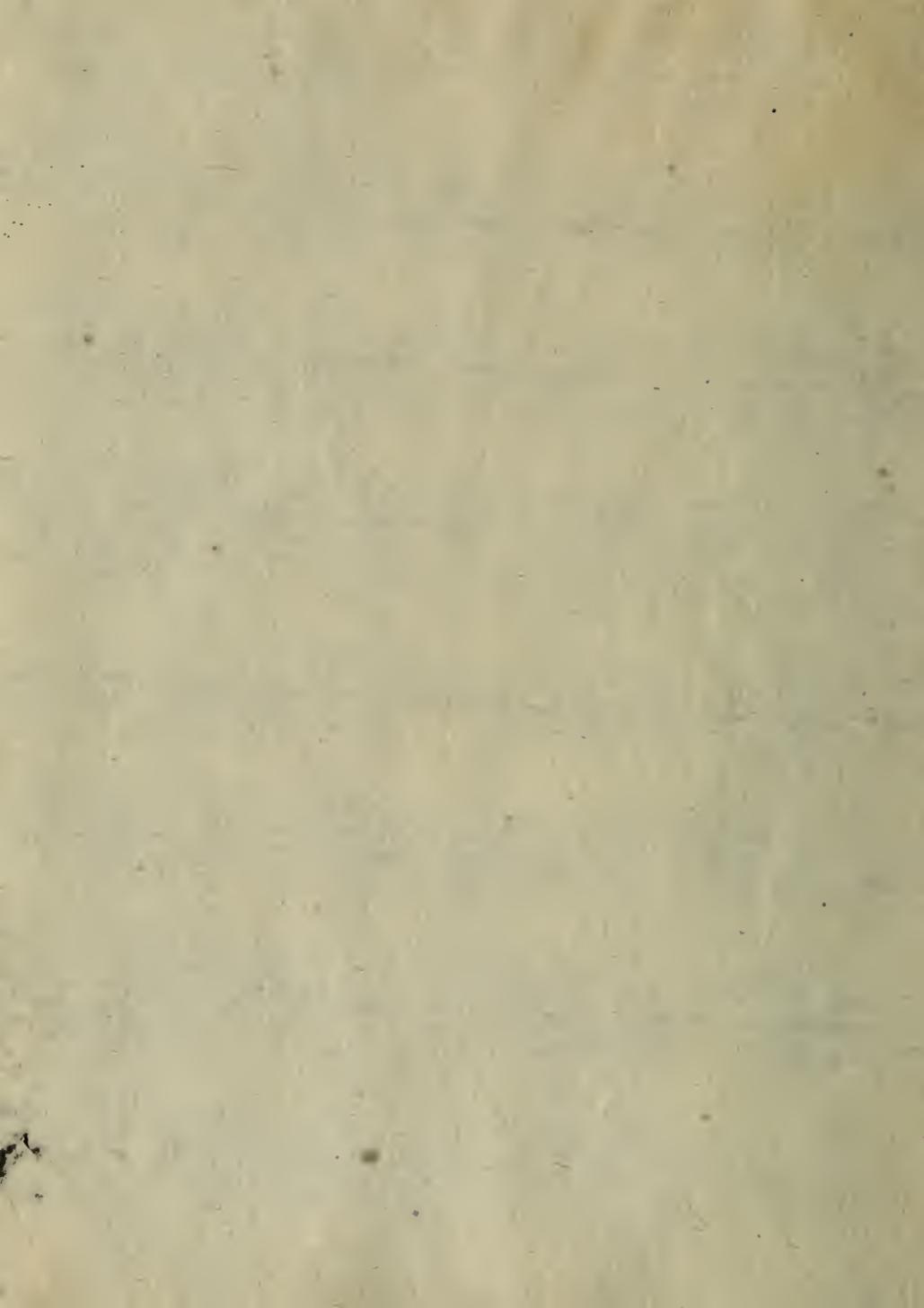
R0186,567

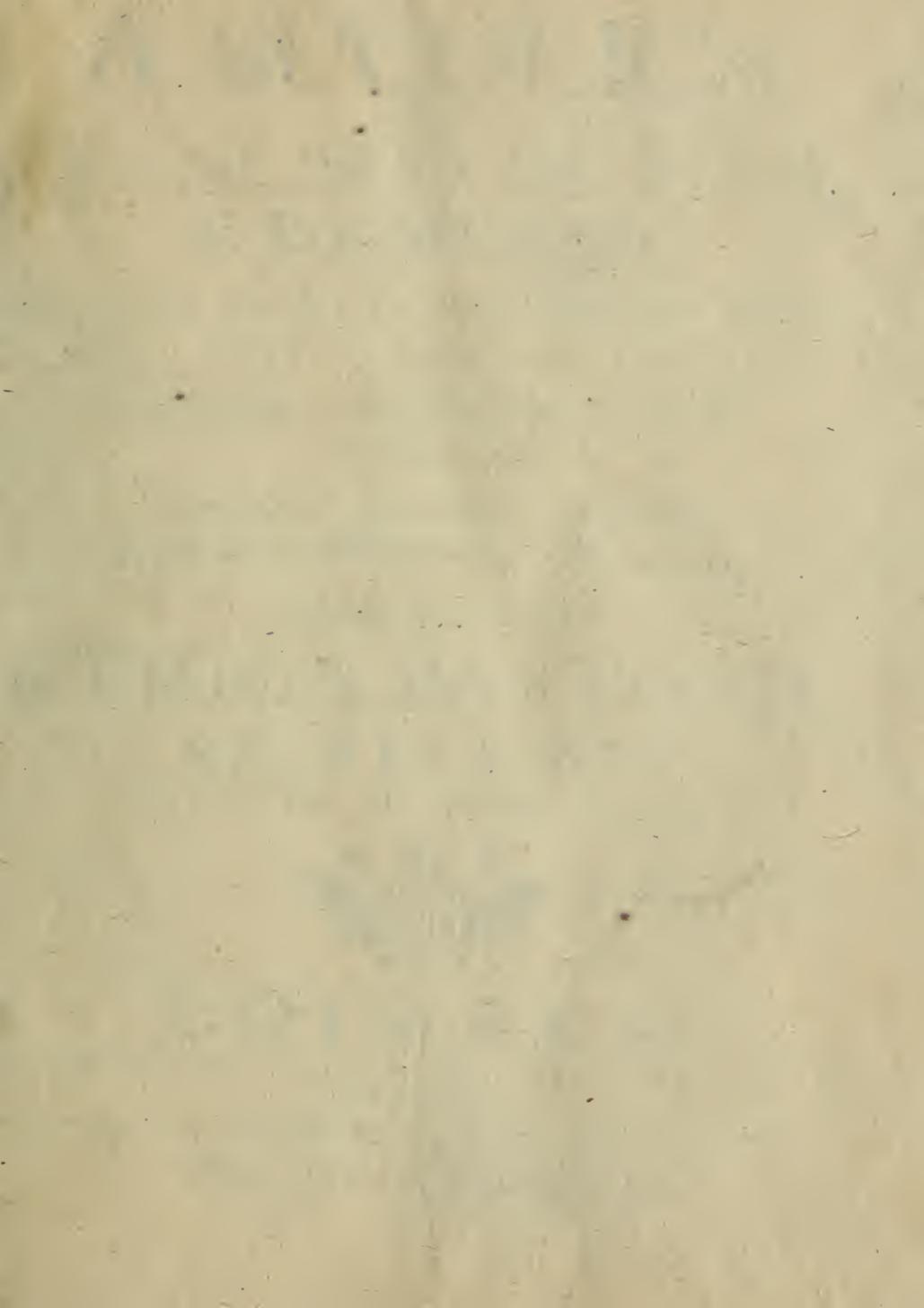


Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

X9303







1000

A BUCOLICA

D E

FRANCISCO DE PINA,
E DE MELLO,

Repartida em dês Eglogas de estylo rustico,
em que fallaõ, e condemnaõ, com varias
sentenças, e moralidades, os vicios
communs,

*Vaqueiros, Seareiros, Pescadores,
Lavradores, Vinhateiros, e Hortoloens;*

A que se pode chamar

ETHICA PASTORIL.

QUARTA PARTE

Das Rimas do mesmo Author.



COIMBRA:

No Real Collegio das Artes da Companhia de JESU, Anno de
M.DCCLV.

Com as licenças necessarias.

A BUCOLICA

FRANCESCO DE VIGNA

E DE MELLA

Reg. n. 10000 del 1870 - 1871
L. 10000 del 1870 - 1871
L. 10000 del 1870 - 1871

FRANCESCO DE VIGNA
E DE MELLA

ETHICA PASTORALE

QUARTA PARTE
DEL LIBRO DE VIGNA



COLMERA

FRANCESCO DE VIGNA
E DE MELLA

FRANCESCO DE VIGNA
E DE MELLA

Modicis rebus, longius ævum est,
Felix media quisquis turba
Sorte quietus,
Aurâ stringit littora tutâ,
Timidusque mari credere Cymbam,
Remo terras propiore legit.

Senec. in Agamemnon.

Medicis vobis, longinqua aequa est,
Eius medicis possunt vobis
Sunt quibus,
Sunt quibus vobis vobis
Sunt quibus vobis vobis
Sunt quibus vobis vobis
Sunt quibus vobis vobis
Sunt quibus vobis vobis

A BUCOLICA,

OU

ETHICA PASTORIL

DE

FRANCISCO DE PINA
E DE MELLO,

Moço Fidalgo da casa de sua Magestade, e Aca-
demico da Academia Real da Historia.

QUARTA PARTE DAS SUAS RIMAS

Egloga I

INTERLOCUTORES.

*Aleixo
Gonçalo*

*Montano
Anfriso.*

Gonç. Graças a Deos, que a encontrar
te venho, Aleixo: eu não fei
em que parte, em que lugar
tens estado, que busquei
tudo, sem poder te achar.

Aleix. Pouco sabes da ventura;
e como os enganos tece:
sempre a coiza mais segura
nos furta; e logo apparece
quando menos se procura.

A

Quando

Quando o outro dia andava
embusca do meu bezerro,
já perdido o imaginava;
e vim a achallo por erro
quando menos o cuidava.

Gonç. Na conversação benina
que tens, com razão repoiza
quem deseja disciplina;
porque em fim de qualquer coiza
tiras logo huma doutrina.

Aleix. Essa, amigo, devo aos anos,
e á minha antiga experiencia;
se he q̄ a não devo a meos danos;
que ensina muita prudencia
a escóla dos defenganos.

Mas se queres ser sizudo,
não te attenhas ao caltigo,
que alem de ser de homem rudo,
quem aprende no perigo
tem mui arriscado estudo.

A prevenção he ideia
do sabio, e ao necio he impropria;
e assim o aviso grangeia
o necio em cabeça propria,
o sabio em cabeça alheia.

Mas se tu vens taõ cançado,
como estás assim? bôfê
que fui moço; e estou lembrado
de que nunca estive em pê
podendo estar assentado.

Gonç. Algum sobroço sentia,
sem conhecello; e de veras
que contigo me esquecia
tanto, que se o não differas,
nem agora o conhecia.

Aleix. Pois nesta relva mimosa
descança desse trabalho;
e contra a sêsta calmosa
aqui tens este carvalho
com sombra bem deleitosa.

Gonç. Obedeço a teu preceito,
não por buscar meo descançaço,
porem só porque sospeito
que contigo sempre alcanço
meu coração satisfeito.

Aleix. Ora a monteira, e gabaõ
tira por amor da Calma:
pratiqueemos, que o risaõ
tambem diz q̄ he passo d'alma
a boa conversação.

Gonç. Já eu vinha prevenido
para te dizer hum conto,
que inda não terás ouvido,
com que este será o ponto
da pratica: tem sentido.

Aleix. Nessa tentação perigas
Gonçalo: hũ conto, e huma trova
te causão grandes fadigas:
mais queres dar huma nova,
que comeres humas migas.

Gonç. Ja fei que tirando a gente
de fallar á tua moda
nunca estás de boamente;
e não pode a gente toda
ser taõ sabia, e taõ prudente.

Aleix. Tambem com esse desconto
eu não aprovo que doires
agora o teu contraponto:
eu me callo, e antes que estoires
acaba, e dize o teu conto.

Gonç.

Gonç. Hontem vinha apastorando
as vacas, junto ao curral,
chega Gil, vai se não quando,
dizme elle, amigo Zagal
eu estou arrebetando.

Saberás que vindo agora
junto do nosso ribeiro
vi passar por elle fora
hum pastor: tão estrangeiro,
que o nosso montado ignora.

Depois de me faudar
me disse: home em terra estranha
he percizo perguntar:
dirmehes por onde se ganha
o caminho do lugar?

Vendo a sua cortezia,
bom modo, geito, e pessoa
quize fazerlhe companhia
que he certo, que a gente boa
traz na prizença a valia.

E assim lhe disse, essa he a estrada,
mas o vosso proceder
em tanta forma me agrada,
que pretendo agora ser
vossa guia, e camarada.

Com notavel affeição
me agradeceo o agasalho,
afirmando que esta acção
tinha sido em seu trabalho
unica consolação.

Trazia hum gabaõ vestido
de cor, que atirava à ruça
com huma faxa cingido:
polainas, e carapuça
eraõ de hum panno tingido.

De pau preto era o cajado,
seu coração parecia
da mesma cor, que o cuidado
pelos olhos pretendia
mostrarlo em tão triste estado.

Fomos prosseguindo o giro
da nossa aldeia, mas quando
n'alguma occasião me viro
Se eu o achava soluçando,
logo afogava o suspiro.

Como o tempo era tão breve,
e a confiança era poca,
por mais q̃ a minha ancia esteve
com a pergunta na boca,
não quize mostrar que era leve.

Quando chegamos a Aldeia
tira huma carta que tinha
no çurraõ: dizme que leia
o sobreescrito, o qual vinha
para o Padraõ de Alteia.

Perguntou por seu assento,
mostrreilho, e apenas o vio,
muito agradecido e attento
se apartou, e despedio
com mui grande offrecimento.

Com q̃ suspirando estou,
Gonçalo, já por saber
quem he este, que chegou
ao nosso monte, e entender
que busca, e quem o enviou.

Assim disse Gil; e eu
fiquei com igual dezejo;
fui lá, tanto me venceu,
sem olhar, que por sobejo
me chamariaõ sandeu.

A Bucolica, ou

Em casa entrei de Montano
e logo achei o estrangeiro ;
não vi pastor mais humano;
nem mais grave, e prazenteiro,
nem tão doce, nem tão lhano.

O seu modo de fallar,
seu agrado, e cortezia,
sua attenção singular
he com tanta galhardia,
que ta não posso explicar

Despedime, e o meu cuidado
quiz vir logo ter contigo
a contarte o que hei paliado;
e eis aqui o conto amigo
que te havia preparado.

Aleix. O Fado, Gonçalo, tem
hum modo mui desigual;
+ e assim muitas vezes vem
a qualquer, hum grande mal,
quando cuida que está bem.

Esse pastor se acompanha
de desgraça affás danosa;
e talvez será tamanha,
que fosse coiza forçosa
vir buscar a terra estranha.

Pois estar tão instruido
nessas partes, isto reza:
dà cá homem bem nacido,
com taes dons da natureza,
que eu to darei perseguido.

Sem embargo que a vontade
he cega, e faz parecer
melhor, o que na verdade
talvez não tem outro ser,
mais do que ser novidade.

Isto he já comum sabor
desta ignorancia do povo:
sempre julga por menor
o que está tratando; e o novo
o finge muito melhor.

Gonç. Ora tomara que o viras
por não cuidares que he peça,
e porque não prefumiras
que te vinha na cabeça
meter algumas mentiras.

Mas acolá, se eu bem vejo,
me parece alcanço agora
vir dois vultos com despejo:
quem me dera que elle fora,
para cumprir meu desejo.

Dito, e feito: elle, e Montano:
deita tu tambem os olhos;
enxergas aquelle lhano?
pois junto áquelles rastolhos:
eu cuido que não me engano.

Aleix. Tenho a vista já cansada,
vejo ao longe muito mal.

Gonç. Vem agora na affomada,
e Montano por final,
encostandose a aguilhada.

Já elle nos lubrigou,
pois hum apupo nos deu.

Aleix. e presumo que acenou.
Gonç. he verdade.

Aleix. ora es fandeu;
pois não lhe tornas hum -- Ou?

Gonç. Não lho torno, porque temo
que fuja o gado com outro
grito; ja eu me apostemo,
porque do apupo de effoutro
lá vai a fusea có demo.

Mas a vaca do chocalho
a vem trazendo ao poufio,
e elles vem por este atalho,
por não fugir o armentio,
buscando o nosso carvalho.

Mont. Salve Deos a companhia:
Aleix. elle venha em vossa guarda:
Mont. que bem do mundo sabia
quem disse, que tanto tarda
o bêm, como o mal se avia.

Desde esta manhaá teimei
em buscarte: fui á fonte,
mato, pasto, e serra andei;
não ficou valle, nem monte,
e só á tarde te achei.

Aleix. O mesmo passou Gonçalo;
e se eu cuidara que tinha
de me vir este regalo,
não sahira taõ afinha;
mas quem podia cuidalo?

Porem estranho que tenhas
tal Pastor na tua choça,
e que a procurar me venhas,
trazendo o coitado á roça
por esses matos, e brenhas.

Anfr. Não o culpeis, sem me ouvir,
que eu fui causa principal
de eu, e elle vos seguir;
porque hoje ao meu natural
não pude em fim resistir.

Tendes tal aceitação
por vossa idade, e agudeza,
vosso humano coração,
que contra a minha estranheza,
se arrastou a inclinação.

E assim só com este intento
vos procuro desta forte,
que sobra o conhecimento,
para que os homens de porte
communicem seu talento.

Aleix. Da vossa boa chegada
sabia, e não foi mui cedo;
pois sempre á forte malvada
lhe mete a ventura medo,
para a trazer apreslada.

E tendo já certo aviso
dos dons, que o Ceo de sobejo
vos tinha dado, indeciso
me achei, mas se agora o vejo,
que o confirme he já preciso.

Mas havendo sempre fido,
inda o melhor, mais grosseiro
na vista, que no sentido,
só em vóz o verdadeiro
he maior, do que o fingido.

Anfr. Deixai lisonjas bom velho,
porque verdades só gasta
sabedoria, e conselho,
e muito menos me basta
para fazerme vermelho.

Aleix. Não estou eu já em anos
de fingir: do coração
o digo, e não são enganoso:
como há de amar a ficção
quem só sabe defenganos?

Mas deixando a urbanidade
da primeira vista, digo
que aqui está a amenidade
desta sombra, onde comigo
podeis fartar a vontade.

E se o ser voffo cativo
ter pode algum valimento,
dizeinos este motivo,
que vos traz do patrio asliento
desterrado, e fugitivo.

Anfr. Muito estranho houvesse via
de faberes meu defeito,
e mais quando presumia
que só dentro de meu peito
he que este mal se sabia.

Aleix. Não digo que fei o mal,
que por isso he que o procuro;
mas vir ao noífo cazal
hum tal pastor, conjecturo,
não ser coiza natural.

E como o mundo esta cheio
de enganos, e falsidade,
ca dentro de mim receio
que huma grande tempestade
vos lance em terreno alheio.

Anfr. Sois discreto, e fois prudente;
como tal heis discorrido:
na verdade' estranha gente'
venho buscar, combatido
do mais funesto accidente.

E pois não posso negalo,
he bem vos faça esse goíto,
inda que o maior abalo
me há de caufar o desgosto
de tornar a recordalo.

Aleix. Antes tereis menor pena
nessa paixão duplicada,
a que o Fado vos condena,
que a magoa communicada
diz que se faz mais pequena.

Anfr. Isso fora se admitira
alivio o meu sentimento,
mas he tanta a sua ira,
que não difere o tormento
quando se afoga, ou respira.

Mas como vejo que ganho
em servirvos tanta gloria,
ouvi pois meu mal estranho;
bem que o dizer minha historia
me custe hum pezar tamanho.

Entre montes, e penhascos
consultou o Fado esquivo,
que em anuncio de meus males,
foíse abortado, ou nacido.

Da incultura dos rochedos
tirou no influxo maligno
a indignação de passarem
os insultos por auxilios.

Confundiraõse os arullos
com lagrimas, e suspiros,
pois supriirão as exequias
as pompas do natalicio.

Quem me dava o alento debil
tinha o alento tão tibio,
que o gemido derradeiro
foi meu primeiro gemido.

Triste entrada a hū mūdo infaulto,
pois chegou o meu destino
a fazerme criminoso,
sem conhecer o delicto.

Com estrella taõ funesta
fui percebendo os vestigios
daquelle primeiro raio,
que cegou mais o juizo.

Era todo o meu emprego
seguir toda a lei do arbitrio,
e cuido que a liberdade
foi maior que o alvedrio.

Naõ teve a montanha fera,
que no inchado frontispicio
do rudo alvergue, deixasse
de ser adorno, ou aviso.

Por mais que abrazava a calma,
por mais que gelava o frio,
nunca me vi separado
do Venatorio conflicto.

O duro genio dos montes
alcansei neste exercicio,
chegando a formar violencia
da suavidade do alivio.

Intratavel fui aos ecos
da doçura, presumindo
que o racional augmentava
negandome ao sensitivo.

Era estrondo, nunca acorde
no meu peito aquelle ruido,
que o amor ordena em cuidado,
para acabar em carinho.

Contra os troncos me irritava
vendo-os taõ agradecidos
à vil lisonja de hum laço,
que era o seu maior perigo.

Sem lhe aproveitar o exemplo
de se achar inda cingido
das-heras esse penhasco;
que blazonou de edificio.

Aborrecia o Favonid,
por ver que o asfopro lascivo
davã á inquietação dos ramos
em vez de estalos, deliquios.

Discorria alegremente
pelos matos mais ariscos,
se o Euro alterava tanto
requebro vegetativo.

Gostoso objecto me expunha
hum furacão atrevido,
arruinando aquelle adorno,
que enfeitava o monte altivo.

Entornado pela relva
via o cofre retrocido,
sendo no horror de Pomona
cada estrago hum aforismo.

Nesta aspereza engolfado
me achava, quando preciso
me foi saudar do Mondego
o descanso cristalino.

Naõ mudei de genio, posto
que mudei de domicilio,
procurando ser nos campos
mais estranho, que visinho.

A Bucolica, ou

Mas ó como tem a forte
de mui longe prevenido
esse influxo, que o deleite
julga sempre por dominio.

Hum dia, que fatigado
do meu emprego continuo
me achava, busquei sequioso
as margens do manso rio.

Alli estive contemplando
a desgraça de Narciso,
nunca mais contente, e alheio
da vingança de Cupido.

Quando erguendo acaço os olhos
(ó infaulta acção?) diviso
huma molher: ai memoria,
que torpemente a defino.

Hum portento: inda não basta:
hum encanto: não me explico:
hum affombro, em fim, que excede
a tudo quanto imagino.

E se talvez posso darvos
deste objecto algum indicio
era hum Numen, que não pode
chegar a ser comprehendido.

Ocupando o ardor viçoso
da mole grama, entre lirios,
e açucenas usurpava
o trono á Deusa de Gnido.

Sobre huma roupa de nacar
illustrava o afeado aviso
hum pellote de veludo
todo forrado de arminhos.

Recoftada em hum cajado
de evano, e marfim brunido,
chamava o focego a tanta
bella imitação do Elyseo.

Taõ attenta estava ao brando
liquido impulso de vidro,
que inda provava a Deidade
na suspenção dos sentidos.

Confusamente a madeixa
vagava em dourados giros,
onde se detinha o vento,
ou amante, ou suspendido.

Na mimofa côr das faces
era o raio mal distincto,
pois quiz ser brilhante exemplo
do luzeiro matutino.

Em seos olhos se ocultava
de amor o veneno activo,
e a não ser taõ doce a morte,
lhe chamara basiliscos

O breve rasgo da boca
vi taõ de novo partido,
que só do susto do golpe
pode livrar-me o prodigio.

Como a Deidade dos Campos
alli tinhaõ concorrido
inda os brutos mais ferozes
a votarlhe sacrificios.

Deceraõ tambem as aves
a ocupar o ameno fitio,
Convocadas de hum impulso,
que não se encontra no instinto.

Ethica Pastoral. 9

Sobre os arbutos, e ramos
no alegre, confuso estilo
dos seus trinados, faudavaõ
outro fol amanhecido.

Cercado se via o Numen
do Vulgo indocil, fingindo
mais culto a immobilidade,
que affectava o jaspe vivo.

Eu immovel, e ella immovel
ficamos; mas com motivos
taõ diversos, quanto vai
do cuidado ao defatino.

E ao mesmo tempo deixando
ella a agoa, eu o dilirio,
naõ sei como pode o alento
formar inda estes suspiros.

Deidade pastoril, bella ferrana
Naõ das que o monte estima, o campo preza;
Que em ti se ve que herdaste a natureza
De origem mais felíz, mais soberana:

Naõ podia a humildade da cabana
Formar taõ grande luz, taõ rara empreza;
Antes abortio em tanta gentileza
Duvido se terás effencia humana.

Talvez que por te achares com o indicio
De Ninfa tutellar desses Oiteiros,
Desprezes os apriscos, e montados.

Mas se intentas mais nobre sacrificio,
Por ti quero deixar os meus cordeiros,
E escolher por rebanho os meus cuidados.

Modesta, fizuda, e grave
me esteve a pastora ouvindo
com a attensaõ, que se encontra
entre o favor, e o desvio.

Sem responderme, me deixa
taõ affustado, e indicio
que em seguilla, ou mediacalla
repugnava o alvedrio.

Mas arrastado da força
de algum astro persuasivo
a segui por entre aquelle
vegetavel laberinto.

Fui dar com outras pastoras,
que pelos bosques visinhos
andavaõ formando, a coros,
deleitaveis diversos.

10 A Bucolica, ou

Com ellas pude informarme
quem era aquelle prodigio,
que novamente illustrava
tanto contorno florido.

Desde aquella infausta hora
todo o resplendor maligno
de meu influxo primeiro
se pôz contra os meos disignios.

Não cabem na vós os males,
os trabalhos, os conflictos,
que achei na impreza de serem
os meus votos admittidos.

Passaraõ annos; e o doce
objecto de meu martyrio
cada vez mais intratavel,
cada vez menos soffrido.

Chegou em fim a constancia,
o culto, a offerta, o carinho
a fazerme venturoso;
quem nunca o houvera sido?

Pois engolfado nos mares
da ventura, de improviso
se levantou a tormenta
e foi apique o navio.

A fortaleza, que tinhaõ
conquistado meus serviços
ocupada de repente
foi de injusto senhorio.

Rendeu, pois, a liberdade
a Tyranno, taõ indigno,
que podendo só ser fervo,
goza o nome de marido.

Affombrado deste horror
deixo logo aquelle sitio,
que fez Ceo o Amor, e hoje
o ciume o faz Abitmo.

Sem despedirme me aparto,
tendo assentado comigo
que havia o mais triste monte
de verme enterrado vivo.

Para nunca à minha patria
tornar já mais me retiro
para estas campinas vossas
desterrado, e fugitivo.

Aqui quero o breve tempo
que me der o meu destino
passar; se he que vida breve
pode ter hum affligido.

Alcin. Não só grave sentimento
nos infunde a vossa historia
mas hum grande documento,
pois vemos que a humana gloria
tem taõ pouco fundamento.

Confolar vossos cuidados
vendó os males rigorosos
de tantos acompanhados;
porque em fim os venturosos
são menos, que os desgraçados.

Sempre fui de parecer
que era melhor presistir
no baixo, que ao alto erguer,
que se não chego a sobir,
tambem não posso temer.

Mui grande alivio se alcança
em que nada existe eterno:
todo o universo he mudança;
trás do Verão vem o Inverno,
trás da tormenta a bonança.

Ethica Pastoral. II

E se góstaes da vida,
que aqui temos, com effeito
achareis nella guarida;
que o temporal mais desfeito
não quebra a cána abatida.

Sofrereis nossa pobreza,
se não fores cobiçoso;
que se homem tem natureza
de parco, e de virtuoso,
qualquer sustento he riqueza.

Quanto mais que este exercicio
pastoral, que aqui nos vedes,
nos dá todo o beneficio
para manter as paredes
do nosso humano edificio.

E talvez com mais bondade,
com mais proveito, e méfina,
do que aquella vaidade,
e mais está louçainha,
que se encontra na Cidade.

Porque causa este gabaõ
por ser cá feito, e tecido
há de ser menos louçaõ
do que a moda do vestido,
que lá traz o Cidadãõ?

Por ventura mais deleite
tem o rico, inda que coma
capoens, até que os engeite,
q' cá hum homem, quando toma
a tarraçada de leite?

Terá mais descanso, envolto
o senhor na sua cama,
q' o homem de cuidados absolto,
q' dorme se senaõ chama
até noite o sono solto!

Olhai bem considerado
ninguem há, que não entenda
que este monte retirado
he para tudo vivenda
melhor, que a do povoado.

Aqui não reina a mentira,
nem o engano da Cidade,
a fortuna não se vira,
pois contra o pobre, a maldade
raras vezes se conspira.

A pompa aqui não se preza,
pouco val o metal rico,
não tem valia a grandeza;
pois debaixo de hum pellico
não há mais, que singeleza.

O mais tudo he de ignorantes
com que o descanso se esforva:
aqui está Gonçalo, que antes
há de querer huma forva
que huma groza de diamantes.

Contava o sengo, que hum dia
quando tudo inda fallava
que esgravatando á porfia
huma galinha, encontrava
hum diamante, e lhe dizia:

Aos tontos está ventura;
fica ahi que eu não te pilho:
vai para quem te procura:
mais desejo hum graõ de milho,
do que huma pedra tão dura.

E não presumays que tem
menos nobre o coração
quem na pobreza está bem;
porque em fim da ostentação
toda a deshonra nos vem.

12 A Bucolica, ou

E de mais que o genio tráz
fer o homem rico, ou pobre,
com nada se satisfâz
o avarento; e o parco sobre
seu augmento nada fâz.

Já n'hum livrinho encontrei
que quando o magno vencia
o Mundo, e lhe dava lei,
que houve hum sabio, que dizia
que era mais rico, que o Rei.

Pois o que elle cobiçava
bem mostrava que o não tinha;
e o bom velho, entãõ, julgava
que tudo a fobrarlhe vinha,
porque tudo desprezava.

Anfr. Bem podéis, pastor honrado,
feres dignamente tido
no campo, no monte, e prado
de quem vos tiver ouvido
por Oraculo sagrado.

Minha pena he sem medida,
mas vos a abrandais de forte,
que meu discurso duvida
achar, tirando da morte,
outro alivio em minha vida.

E pois já o Sol se apeia
de seu carro, e a sombra deca,
ponhamos paúza na ideia;
e ergueivos, que me parece
q' hê hora de hir para a aldeia.

Aleix. Dizeis bem, que hei de tardar:
mas ah velhice cansada,
que me queres acabar:
arrimado na aguilhada,
nem me posso endireitar.

Ora em fim vamos andando,
mas mui pausado há de ser
sem nos hir afadigando:
tu Gonçalo a teu prazer
vem o gado encaminando.

Gonc. Poderei cantar hum pouco,
que a falta do meu ouso
me tem feito quasi louco
por estar sem dar hum pio ?
Aleix. Canta, fenaõ estás rouco.

Gonc. Que cantiga há de ser ella?
Aleix. isso la te avem agora:
Gonc. pois seja a da caravella,
que hontem de noite a deshora
non cantava Madanella.

CANTIGA.

O' barqueiro onde vâz?
aonde te leva o vento?
se tu tens entendimento
torna, e volta para tráz.
Como quêz pôr a esperança
em coiza tão mal segura,
que toda a sua ventura
tem pendente da mudança?
Não esperes a bonança,
se he que fazes conta della:
deixa os mares, vira a vella,
toma fundo, que hê mais firme
a choça que a caravella,

Nunca te fies de abrigo,
que agazalha, e depois mata,
e offrece pontas de prata
para encobrir o perigo:
receia de o ver tão lhano,
que por dentro he tão ferino
que seu corpo cristalino

todo está cheio de engano:
Volta o leme, encolhe o panno,
teme a futura procella;
deixa os mares, vira a vella,
toma fundo, que hê mais firme
a choça, que a caravella.

Como a tua fantesia
he tão louca, vaã, e cega,
que á tempeftade se entrega,
e do portó se desvia?

Quem te diz que o mar salgado
he mais bom, que o doce aprisco?
he melhor pescar com risco,
que guardar, seguro, o gado?
barqueiro estás enganado,
tem contigo mais cautella:
deixa os mares, vira a vella,
toma fundo, que he mais firme
a choça, que a caravella.

Aleix. Cantas como hum rouxinol:

Anfr. e a cantiga he bem discreta:

Gonc. pois dizem que anda no rol
dos tonilhos de hum poeta,
que os cantava por b mol.

Aleix. Não seja o demo a cantiga
que cá deixes desgarrado
algũ boi: *Gonc.* Deos me bendiga:
olha tu para o teu gado
como elle leva a barriga?

Aleix. Chama lá pelo rafeiro,
que cuido que fica atrâz.

Gonc. hê de todos o primeiro:

Aleix. Ora em fim, tu es rapás,
eu ja fou hum velho anneiro.

Gonc. Já nos estamos na Aldeia,
e a posto não vês as cazas?

Aleix. quem haverá que te creia?
tem maõ em ti que te vazas,
talvez que o çumo volteia.

Gonc. Já não digo chûz nem bûz

Aleix. porque não dês mais à folha
farás o cizo: *Mont.* ora sîz
cada qual pois se recolha
que já nas choças há lûz.

Gonc. Eu vou a affar hum taffalho
que inda tenho no fumeiro
e hei de comello ao borralho.

Anfr. hide em paz: vos meu vaqueiro
Deos vos dê bom agasalho.

Egloga 2

INTERLOCUTORES.

*Gil**Geraldo*

Gerald. Não há vida amigo Gil
como he essa, estás zombando
do que vai, em te ageitando
para o som do teu rabil

Gil Pois que há homem de fazer
câ poito nesta aspereza?
há tudo de ser tristeza,
sem huma hora de prazer?

Gerald. Eu não vou Gil contra isso,
mas o que venho a estranhar
he, que do nosso lugar
andes tão longe, e remisso.

Passa hum dia, e outro dia
mais huma, e outra semana
e tu posto na cabana
sem buscares companhia.

Vem o Domingo, e a festa
enamase o nosso nicho,
tu nã toca, como hum bicho,
passas a manhan, e a festa.

A todos nos dás cuidado,
e mais quando no terreiro
eras tu sempre o primeiro,
que apparecia enfeitado.

Gil Se tu sabes o desgosto,
que já lá me aconteceu,
porque eltranhas tanto, que eu
cá no monte esteja posto?

Ser eu motivo do riso,
e esperar que inda me ponha
no lugar, pouca vergonha
seria, ou falta de siso.

Gerald. Antes me parece aqui
que do caso estás alheio,
pois mais de lugar e meio
fei que tem bem dô de ti.

Gil Isso basta, e mais sobeja,
porque sô quizera estar
aonde podesse dar
menos lastima, que enveja.

Gerald. Bem sei que obras como agudo,
mas tu, Gil, sabes tambem
que nas paixoens não he bem
que se leve ao cabo tudo.

Quanto mais que essa paixão,
bem que aponhas a teu geito,
para a tomar tanto a peito,
cuido que não tens razaõ.

Gil

Ethica Pastoral. 15

Gil Não há coiza mais injusta ,
que ver de fora o meu centro ;
mete o pescoço de dentro ,
faberás o que isso custa.

A conselha lindamente
o são o alheio quebranto :
porque não faz outro tanto ,
quando chega a estar doente ?

Gerald. Pois deixarte Dorotheia
por amor de Pascoal ,
pode ser tão grande mal ,
que te afugente da aldeia ?

Gil E cuidas, pastor, que he pouco?
pois eu te afirmo por certo
que a ver isso demais perto ,
que já agora estava louco.

Eu essa pastora amei
mais que meu proprio rebanho ;
e com fer amor tamanho ,
de a amar nunca me fartei.

Sempre a seguio meo cuidado ,
já no pasto, já na fonte:
se hia ao monte; eu hia ao monte:
se hia ao prado; eu hia ao prado.

Se lhe dava o queijo, e o leite,
a manteiga, e a melhoria
de meu gado, não havia
para mim maior deleite.

Ella então a meo intento
tão alegre se mostrava
que entendi que já julgava
por fineza o atrevimento.

E entre o trato pastoril
(fosse falso ou verdadeiro)
não havia outro vaqueiro
para ella, mais que Gil.

Eu só era o que lutava
melhor, quem melhor tangia;
quem o bom dito dizia,
quem com mais graça cantava.

Tudo o bom somente eu tinha;
eu tinha a melhor parreira,
melhor gado, e a fementeira
melhor , tambem era minha.

Ninguem vestia burel
mais pulido nas aldeias.
e até das minhas colmeias
julgava mais doce o mel.

Mudouse ; e já lhe parece
mais galhardo outro pastor,
e o que tinha por melhor
já, cuido , que lhe aborrece.

Pois porque destes enganos
não quês que eu ande fugido ?
he tão pouco o ver perdido
hum amor de tantos annos ?

Geral. Se fosses rude de todo,
e visses essa falsia ,
menos culpa te daria ,
a tomalla desse modo.

Mas sendo tão avisado,
com a razão não atino
paraque o teu desatino
deixe de ser estranhado.

16 A Bucolica, ou

Porque so n'hum ignorante
se pode achar a leveza
de presumir que há firmeza
em coiza tão inconstante.

Tu tens perdido o saber,
se tiveste essa esperança:
para fazer a mudança
não bastava o ser molher?

Se a magoa pois não se sente
quando está já prevenida;
sendo coiza tão sabida,
como estás tão descontente?

Gil Tu Geraldo poenfte agora
na verdade bem terrivel:
pois he algum impossivel
achar firme huma pastora?

Que se encontre a variedade
entre as pompas, e a jactancia
justo he; pois a inconstancia
vive, e reina na cidade.

Que em fim lá tudo se vira,
tudo se faz por rodeio,
tudo he lisonja, e enleio,
treição, e engano, e mentira.

Mas que isto tambem acerte
de passar ao monte he coiza
com que a idea não repoiza,
nem eu sei que hei de dizerte.

Gerald. Pois faze só reflexão,
que há cá, e lá esse oufio,
e que todo o melhorio
he da mesma condição.

Gil Isso está bem; mas eu cudo
que li n'algum cartapacio
que ainda no mesmo Palacio
houve amor bem cabeçudo.

Escusado he que te conte
tudo quanto a historia reza
do que amou a Princeza
ao Principe Demofonte,

E tambem que amor sincero,
como he este em q̄ me inflamo,
teve huma Tisbe, e hū Pirámo,
hum Leandro, e huma Hero.

Gerald. Não me tragas, Gil amigo,
por exemplo esses amores:
todos esses amadores
forão lá do tempo antigo.

E esse amor tão pouco ganha,
que tirando o pensamento
dos do santo Testamento,
os mais todos são patranha.

Entre nos hê tão bisonho,
que delle não há semente,
e assim entre a mais da gente,
parece coiza de fonho.

Imaginar que há de haver
nelle alguma presistencia,
se não he pouca experiencia,
eu não sei que possa ser.

Se nos vemos que se muda
toda a fachada de hum monte,
vemos que se secca a fonte;
que se quebra a panha ruda;

Que se desfãz o edificio,
que em pô se tornaõ as loizas,
e que em fim de muitas coizas
naõ há fombra, nem indicio

E fallando em nossos termos,
bastaõ dous dias passados,
para ser os ermos prados,
para ser os prados ermos.

E a semente da lavoirã,
onde está nõssa esperança,
n'humã continua mudança
nace, crêce, e se faz loira.

Se aquella terra maninhã
já deu paõ, e a mato torna;
e encherã siquais a dornã
à manhan, quando for vinha.

Que esperança há que nos tenha
enleiado no discurso
que para atar este curso
algum remedio nos venha.

E se õ monte solitario,
a fonte, a lavoirã, a penha,
o ermo, o edificio, a brenha,
õ mato, e o bosque he tão vario,

Que variedade demanda
este amor, que as azas tem,
para andar áquem, e além,
para huma, para outra banda?

Gil Já de hum tempo a esta parte
te acho, pastor, mais perito:
por certo que tu tens dito
moralidades que farte.

Tu expoens toda a verdade
o demais he coiza aeria;
mas he tal nõssa miseria,
que vai a trãz da vontade.

Parece coiza fatal,
mas isto de Adam nos vem,
que conheçamos o bem,
e fujaõs para o mal.

Quantas vezes assentado
tenho cá dentro comigo:
seja mal, seja perigo,
nada me ha-de dar cuidado.

Lembre-me isto aquelle dia,
mas com isto me soborno?
mal peccado: fico; e torno,
sem querer, à vaca fria?

Digo-te que mais naõ posso,
por mais que oprimo a vontade:
este ardor da mocidade
he grande inimigo nõsso!

Gerald. Bem sei que faz tudo: a esmo
hum moço; o lengo dizia,
que era a maior valentia
vencerse hum home a si mesmo.

Mas tentalo para ver
se a razaõ com isto medra;
tanto dà a agoa na pedra
que ella a faz amolecer:

Gil Olha cá dessa razaõ
tenho tirado hum proveito,
e he que já me tenho afeito,
meu Geraldõ, à solidão.

18 Ai Bucolica, ou

Algun dia imaginava
que nunca podesse estar,
mais, que naquelle lugar
onde se ria, e folgava.

Para eu sair ao terreiro
e deixar todo o meu gado,
escufava ser chamado,
bastava ouvir o pandeiro.

Mas já ouço a çanfonia
lá ao longe, ouço a algazara;
vem tambem ver a seara
Madanella, e Catarina;

E nem o gosto perfente
de as buscar algum desejo,
e cuido que tenho pejo
de andar entre a nossa gente.

Gerald. Eu nisso a culpa he q̄ p̄nho,
pois tu sem esse castigo
podes ter conta contigo,
e mais não feres bisonho.

Gil. Olha tu, eu se lá for
para a aldeia, como dantes,
hei de ver muitos semblantes,
sem alegria, e sabor.

Porque muitos foraõ parte,
como eu fei, em meo desgosto,
e mostrar sereno rosto
ao contrario, só por arte.

Bem sabes que eu sou singello,
e não fei dissimular,
e que não hei de levar
muitas coizas em capelo.

Pois ninguem há tão sizo
que deite a paixãõ de fora;
pode vir n'alguma hora,
que vá Barrabás com tudo,

Finalmente não andemos
este ponto a avriguar;
fora disto; hir ao lugar
he tão bom, que o desejemos?

Eu não fei que tu lá achas,
quando com meus poucos annos
descubro nelle, mil danos,
mil perigos, e mil tachas.

Quem ha lá que se defenda
de treição, enveja, ou sio,
se chegou a ter mais brio,
mais partes, ou mais fazenda?

Se hum homem traz hũ gabaõ
mais forrado, ou mais airoso:
O, não vem (diz o envejoso)
como Gilanda louçaõ?

Se outro traz algum cuidado,
que se descuida de alguẽm;
diz o escudeiro: não vem
como passa empãturado.

Se sahio melhor da dança
ou da luta, ha quem lhe diga:
elle traz tanta barriga
que parece elRei de França.

Se he q̄ empresto a algũ amigo,
e o pretendo arrecadar,
quando lho vou procurar
tornase meu inimigo.

E depois deste costume
vem entaõ por perrexil
para o coitado de Gil
hum treçaõ, e hum ciueme.

Pois não he muito melhor
que homem por aqui se acoite,
onde passê a tarde, e a noite
e a manhã a feu fabor?

Onde soluçando esteja,
onde chore, onde suspire
onde se deite, e se vire,
sem compaixaõ, nem enveja?

Do que verse andar cingido
de hum infame, hum cobiçoso,
de hum necio, de hum aleivoso,
de hu treidor, e de hum fingido?

Gerald. Posto isso nesses termos,
como agora o persuades,
despovoemse as cidades,
e habitemse Gil os ermos.

Gil Em não fazerse o que dizes
consiste o bem do deserto,
se buscassem esse acerto
todos foraõ infelizes.

E mais quando o meu intento
he tirarte do cuidado
de veres o triste estado
em que está meu sentimento.

Pois seguindo a mesma via
lá se haviaõ de achar todos;
e assim pelos mesmos modos
vinha a mesma companhia

Comque dos que tem fugido
ao monte estriva a ventura,
em que ninguem já procura
imitar o seu partido.

Gerald. Ora Gil disputa tanta
já basta em coizas de cifo,
pois puxar muito o juizo
tambem os membros quebranta.

Cuido que huma vòz me toa
no ouvido, e se não me engano
alli por aquellê lhano
vem cantando huma pessoa.

E se bem a differença
nõ traje, e geito de andar,
e no modo de cantar
me parece que he Lourenço.

Olha se és de parecer
que lhe ouçamos a cantiga?
Gil tua vontade se figa,
q ella he todo o meu prazer;

20 A Bucolica, ou

CANTIGA.

Se hum caso da nossa aldeia
queres ouvir, ó Zagal,
fabe que por Pascoal
deixou a Gil Dorotheia:
Se já te estremece a ideia
ao ver huma tal mudança,
isto succede a quem poem
n'huma molher a esperança.

Suou o coitado muto
por buscar seo agazalho,
e veio de seo trabalho
o outro a gozar o fruto:
Se teu rosto nunca enxuto
estiver nesta lembrança,
isto succede a quem poem
n'huma molher a esperança.

De seo tormento levado
quasi esteve morto, sobre
andar neste monte o pobre
fugitivo, e desterrado.
Se estás, ó pastor, pasmado
isto ganha, e isto alcança,
isto succede a quem poem
n'huma molher a esperança.

Mas ainda que fugido
ande por este respeito,
lá pode estar satisfeito
fó de havella conhecido:
De seu amor fementido,
naõ queira maior vingança;
isto succede a quem poem
n'huma molher a esperança.

Pascoal se mudará:
e entãõ ha ella de ver
taõ tarde o que foí fazer,
que remedio naõ terá.

Mas emtanto Gil está,
sem ter de si femelhança:
isto succede a quem poem
n'huma molher a esperança.

Gil Olhas tu Geraldo que anda
já minha historia em cantiga?
que até no monte a fadiga
ande comigo á demanda?

Se até no mato a buscar
me vem esta minha effrella,
cuida tu que refestella
seria lá no lugar?

Bem haja, amigo, a guarida,
que nestes ermos achei,
delles, pastor, naõ darei
nem hum passo em minha vida.

Viva quem quizer na aldeia,
que daqui ninguem me lança
em quanto tiver lembrança
que há no mundo Dorotheia.

Gerald. Já fei que ninguem aguarde
de reduzirte ao cazal:
fica pois com Deos, Zagal,
que se vai fazendo tarde.

Gil Se tu queres cá ficar
com nosco, amigo Geraldo,
temos unto, temos caldo,
e cebolla, que cear.

Há mais torta do boralho,
tiraremos do chamiço
huma morcella, e hum chouriço,
e virá tambem hum alho.

Sei que muito bem engoles
decerâm das caniçadas
quatro castanhas piladas,
e cuido que inda estaõ moles.

Gil Pois vai antes do fermaõ,
fenaõ ouves quatro berros:
Benza Deos os teus bezerros,
que taõ nutridos estaõ.

Naõ offentes gravidade,
que me naõ fazes despeza;
e virá por sobre meza
a minha boa vontade.

Gerald. Agradeço o offrecimento
da forte que se o comera,
e aceitara, se tivera
lá menos impedimento.

Mas tu fabes muito bem
quem he Brazia; e certo estás
no focinho, que me fáz,
quando fico com alguem.

E assim vou guiando o gado
ao cazal, mais que depreça,
que esta minha boa peça
há de estar já com cuidado.

Egloga 3

INTERLOCUTORES.

Bento

Pascoal

Dorotheia.

Bent. Vejo agora confirmado,
Pascoal, o que tenho ouvido;
que he certo que o teu cuidado
deve andar favorecido,
pois vens taõ embonicrado:

Escusado he que se bote
ninguem a adivinhação
vendote vir com capote,
maravalhas no gibaõ,
e fitinhas no pellote.

Pasc.

22 A Bucolica, ou

Pasc. Pois se he preciso, porque
não tirarei a tristura
deitando a minha librê?
cá a hum homem por ventura
já lhe pôz o sapo o pê.

Bent. Preciso? bato na testa
e inda assim não o distingo:
que funcão será pois esta?
porque hoje não he Domingo,
nem tambem dia de festa.

Pasc. Pois se tu Bento és hum tollo
tem te esta culpa Pascoal?
torna a bater no miollo,
verás que todo o cazal
vai hoje levar o bollo.

Não vês a hermidã lá fora
enramada de loureiro?
já na aldeia a esta hora
não está nem hum vaqueiro,
nem tambem huma pastora.

Bent. Caio agora na razaõ,
q̃ a mim tal me não lembrava:
mas tu vires tão louçaõ?
já teu vulto se não lava
de alguma murmuraçaõ.

Eu não sei que ouvi dizer
de huns certos empregos novos,
que te dão em que entender,
e que chuchavas os ovos,
que outrem andava a cozer.

Tu dás agora hum risinho?
final he do que arreceio;
porem isto he ser daninho,
meter o gado no alheio
e tirallo do caminho.

Pasc. Muito escrupuloso estás:
bem sabes que não se engeita
o que a homem se lhe trás:
livrame desta sospeita,
aposto que o disse Braz?

Bent. Não cuides tal, nem se creia
que a lingua de Braz te fuge:
mas isto de Dorotheia
muito há ja que em ruge, ruge
anda pela nossa aldeia.

E supposto que entre mil
este dito não houvesse,
bastava auzentarse Gil
para que logo o soubesse
todo o termo pastoril.

Pasc. Por tomalo tanto em grosso
tal Pastor, certo que venho
a achar nisso algum sobrosso,
e a magoa, que delle tenho
encarecer-ta não posso.

Bent. Essa magoa tráz consigo
muito grande rozalgar,
he como a do outro amigo,
que começou a chorar
depois de morto o inimigo.

Pasc. Tu tens hoje amigo Bento
essa lingua muito aguda:

Bent. eu não trato fingimento,
e quem de mim o pescuda
não me faça acatamento.

Pasc. Ora pois deixemos isso,
que quero agora saber
se he que te dá no toutisso
hires comigo ao prazer,
ou se estás assõmadisso?

Bent.

Bent. Não estava mui virado
a tirarme daqui hoje,
que cá me sinto enfadado;
mas o demo que se enoje,
q̄ homem ha de andar folgado.

E inda que sei que huma peste
está o gibaõ, e a çamarra
vou assim, que vou mais leste;
porque eu não tenho bizarra
a quem siga, nem requette.

Vamos pois subindo o oiteiro,
buscando aquelle castanho,
pois ficá no meu rafeiro
mui bem seguro o rebanho,
e tambem no pegureiro.

Pasc. Se cansares pelo atalho,
antes de entrar na chacota,
inda alguma coiza valho:
para empurrar huma gota
cá levo broa, e mais alho.

Bent. Como foste tão fizudo,
pois ouvi que do comer
tem amor grande descudo:

Pasc. Bento, o comer, e o beber
he certo que rapa tudo.

Tirando da mandioca,
tudo o mais he coiza varia,
e pelo que a mim me toca
cuido que he tão necessaria
como o comer para a boca.

Bent. De chança estás, e imagino,
que com ella quês que eu creia
que não andas muito fino:
aposto que em Dorotheia
tinhas tu agora o tino?

Pasc. Tu quês lubrigar o centro,
como faz a continella;
e sem meter a maõ dentro
ver o que está na panella
pelo cheiro do coentro?

Bent. Ouveme agora, Zagal,
tambem eu apostarei
que ella se foi do Cazal,
e se alguma coiza sei,
tu a verás no portal.

Pasc. De estar lá não direi nada,
mas agora na deveza
me disse meu camarada,
que vira hir Grimaneza,
ella, e Leonor pela estrada.

E assim na hermidia sospeito
que estará; e inda esquadrinho,
que há de haver galhofa a eito,
pois hontem pelo caminho
mo disse tambem Bieito.

Bent. Queres tu que nos metamos
por chegarmos mais depreça
no trilhado desses ramos;
e por aquella reveça
correremos como huns gamos?

Pasc. Vou com a tua razaõ.

Bent. pois coita tu esse esgalho
para lá saltar no chaõ,
e se nisso tens trabalho
da-me cá o facalhaõ.

Pasc. Para subir ao valado
eu te dou hu' a' de pé.

Bent. já cá estou: *Pasc.* mas eu coitado
não posso subir. *Bent.* bofe?
pegate a esse cajado.

Pasc.

24 A Bucolica, ou

Pasc. Parece que estou roncheiro ?
em fim já vamos a par.

Bent. pois tu eras no terreiro
a quem vi sempre saltar
melhor, que a nenhū vaqueiro.

Pasc. Nem sempre home está com geito
de mostrar destreza, e arte,
não pode tudo hir a cito:
tenho faltado que farte,
agora não tive geito.

Mas tem maõ, que vejo hū fato
alli junto áquella relva,
e aonde deuce o regato
andaõ dois vultos ágelva,
bem ao pé daquelle mato.

Bent. E se a vista não falseia,
olha tu se vês melhor,
hum delles he Dorotheia.

Pasc. pois a outra hé Leonor.

Bent. he verdade; há quem tal creia?

Pasc. Abaixate, pois, depreça
antes que a çamarra rujá,
que se nos pesca a cabeça,
arreccio que nos fuja,
e será mui boa peça.

Bent. Antes não tenho por certo
que Dorotheia tal faça,
que se te vê descoberto,
ferás a melhor negaça,
que a traga para mais perto.

Pasc. Tu não te tiras da fleima:

Bent. cuido que não te desgosta.

Pasc. mal sabes o que se queima:
vá elle hora sobre aposta,
já que estás com essa teima?

Pasc. Estava para mostrarto
à custa do meu desgosto.

Bent. pois eu, Pascoal, hum quarto
de vitella, ainda aposto,
que quero hum dia ser farto.

Pasc. Ora vai dissimulando
para ver no que isto pára:

Bent. Já ella se vem chegando:
e se Pascoal apostara
quem ficaria ganhando?

Pasc. Virá buscar a toalha:

Bent. sim: por isso he que se assenta.

Pasc. pois cuidei que atasse a malha.

Bent. nisto que a maldade inventa
nunca ou raras vezes falha.

Pasc. Hé tempo pois de chegar:
salve Deos a bizzaria:

Dorot. elle venha com o par.

Pasc. onde fica a companhia,
que trouxestes do lugar?

Dorot. Para a hermidá he que botou,
e junto desta ribeira
Leonor comigo ficou:
se lá levas quem te queira
já muito adiante passou.

Pasc. Se eu alcançara a certeza
de deverte algum carinho,
sem duvida por fineza
teria achar no caminho
essa tua gentileza.

Dorot. Nem eu quero que imagine
outra coiza o teo cuidado;
quem quer que for defatine:
demolo por publicado,
antes que mais me amofine.

Que faz o andar escondendo
nosso affecto do tumulto,
se já, meu Pastor, entendo
que quanto mais anda occulto
tanto mais se está sabendo?

Já renuncio a opiniaõ,
que se falle, que se diga,
que usei infamia, e treizaõ,
que fui cruel, e inimiga,
à primeira inclinaçaõ.

Pois eu não sei que haja brio,
sobre pena de hum agravo,
que tenha tal poderio,
que possa fazer escravo,
sendo forro o alvedrio.

Eu confesso que attendia
de Gil a ansia, e aceitava
com bom rosto o que dizia,
mas deixei-o, pois achava,
que era o seu rogo porfia.

E porque venhas andando
com mais gosto, e mais fabor,
te hirei ao longe esperando,
e tu no entanto, Leonor,
Vem pela estrada cantando.

CANTIGA

Deixou Dorotheia a Gil
por amor de outro Zagal,
ninguem fie de amor tal,
que hade fazer outros mil,
como tem feito este mal.

Recebi sua vontade
ou cortez, ou lisonjeira,
porem foi esta amizade,
e este trato de maneira,
que era minha a liberdade.

Diz que se foi descontente
a meterse em huma brenha,
onde não quer ver a gente;
Deos lhe perdoe, e o detenha,
que era muito impertinente.

E a ti, meu pastor, te traga
sempre na minha presença,
onde recebas a paga
de huma amante recompensa,
que amor com amor se paga.

E com esta segurança
fica em paz, que lá na hermidã
te aguarda minha esperança,
ficando em ti dividida,
que mais minha fé alcança.

Passará o fresco Abril,
e virá o ardente Agosto,
e dará outro desgosto,
com infamia mais activa,
a quem neste amor se estriva.

Ai de quem se cativa,
e entrega a vontade
nas maons da inconstancia,
e da variedade.

26 A Bucolica, ou

Pode haver maior tormento,
que entregar todo o alvedrio
a quem no Inverno, e no Estio,
he mais mudavel, que o vento?
mais inconstante, que o rio?
Quem pode ter sofrimento
vendo perdida a esperanza
entre o horror de huma mudança
taõ mortal, taõ excessiva,
taõ cruel, taõ fugitiva?

Ai de quem se cativa,
e entrega a vontade
nas maons da inconstancia,
e da variedade?

Tu incauto passageiro,
que por este monte corres,
e pelo mundo discorres
com cuidado, e pé ligeiro,
vendo montanhas, e torres;
Se acafo o amor lisonjeiro
quizer intentar render-te,
chega tu primeiro a ver-te
com a ideia sempre viva
nesta triste perspectiva.

Ai de quem se cativa,
e entrega a vontade
nas maons da inconstancia,
e da variedade?

Pasc. Muito boa trova canta
a Dorotheia Leonor:

Bent. que mal sabe esta garganta!
quando a açcaõ he sem sabor
inda a anizade a quebranta.

Mas notto, Pastor amigo,
que estás muito diferente,
e cuidadoso comtigo;
e julgava que contente
devias estar comigo.

Que depois de Dorotheia
fer taõ fina, como viste,
quem tanto favor grangeia,
mais, do que tella taõ triste,
deve ter alegre a idea.

Pasc. Na verdade, amigo Bento,
que entendia que julgavas
hoje em mim maior talento;
e que agora me emprestavas
hum pouco de sofrimento.

Se eu me estou vendo no espelho
da mais feia variedade,
pouco ao fengo me assemelho,
se acafo a minha vontade
he maior que o meu conselho.

Eu sempre desta pastora
me temi, mas taõ aveça
nunca cuidei q̄ ella fora;
mas se ella mesma o confeça,
que posso esperar já agora?

Se a Gil pagou desta sorte,
como intento achar escudo,
que me livre deste corte?
homem para ser sezudo
he percizo se reporte.

Se eu posso escapar do enredo
para que hei de andar penado?
ande pois contente, e ledô,
naõ como o gato escaldado,
que até da agoa fria há medo.

Quem vio rota a caravella,
e quebrado alli diante
o masto, e em troços a vella,
e quer ser tão ignorante
que vá tentar a procella?

O meu fusco foi pastar
hũ dia junto ao Mondego,
escorrega, e vai parar
ao rio, comque no peço
quali que o via affogar.

Porem fezse tão fadio
dalli o bom do bezerro,
que para o levar ao rio,
nem a poderes do ferro
o tiravaõ do poufio.

Isto faz hũ animal,
mas maior obrigação
deve ter o racional,
pois, sem levar mergulhaõ,
há de ver de longe o mal.

Naõ sendo assim pela onia
que home, e bruto era indistinto,
e sem esta cerimonia
tanto me importava o instinto,
como a mesma cachimonia.

Fora disto bem conheço,
que homem só alcança o dano
quando vê que está de aveço,
e que pode muito o engano,
que traz comfigo o começo.

Mas naõ reinando a cegueira,
onde se farta a vontade,
ha de ter grande lazeira
o que conhece a maldade,
e prossigue na peteira.

E eu emfim tão enredado
naõ estou, nem tão mofino,
nem tambem tão mal fadado,
que vendo que he desatino
me vá lá meter no affado.

Se no Inverno, se no Estio
posso ter grande abundança
da seara, e do armentio,
isto trazendo em folgança
o meu prezado alvedrio:

E se hir posso á minha vinha
mui contente, e muito a passo,
como dantes hia, e vinha,
comer sem algum cançaffo
o meu rabo de fardinha:

Dormir quieto o meu sono
na cabana, ou na palhoça,
já que escapei de ter dono,
paraque hei de andar á roça,
se me haõ de pregar o mono?

Naõ, amigo Bento, os tollos
vá Dorotheia buscar
para cahir nos feos dollos:
se homem nelles se há de atar,
de que servem os miollos?

Pode haver, dize Vaqueiro,
coiza de melhor agrado,
que estar homem forrateiro
alli na relva deitado,
tangendo no seu salteiro?

Cantando quatro cantigas,
a modo que as leve o vento,
sem cuidados, nem fadigas,
sem ter algum pensamento
dando ao amor quatro figas?

28 A Bucolica, ou

E passar assim os annos
de mancebo, em alegria,
livre de males, e danos,
de temores, de falsia,
de treçoens, e mais de enganos?

E ao depois de ser aneiro,
lá quando se esfria a idade,
dependurar o falteiro,
em final da liberdade,
dos esgalhos de hum falgueiro?

Bent. Só cá dentro de meu peito,
Pastor, poderá caber,
e não na voz, o conceito
que de ti chego a fazer,
e o quanto estou satisfeito.

Sempre te achei avisado,
como teu proprio avoengo,
mas perde amigo o cuidado,
que no fiso ao mesmo fengo
deixas agora encovado.

De ti deste a maior prova,
e em ti, mancebo gentil,
todo o saber se renova,
e para o pobre de Gil
não haverá melhor nova.

Que alem de ver o castigo
da treição de Dorotheia,
olha, pastor, que to digo,
que quando estava na aldeia,
era Gil bem teo amigo.

Pasc. Vá: que tambem divertir
me quero agora este pouco:
mas eu logo hei de tossir,
e tambem como ando rouco,
fiquais. não possa subir.

Inclinado a teu saber,
Sei eu mui bem que sentia,
que tu houvesse de ser
a causa desta falsia,
que lhe fez esta molher.

Com que tomarám agora
as coizas outro caminho,
e o Fado deitará fora
o teu triste, e mau focinho,
e hirá daqui na má hora.

Pasc. Hei de estimallo; porem
detivemonos que farte,
porque lá da Ermida vem
do lugar a maior parte,
E já não fica ninguem.

Bent. Pois que faremos? *Pasc.* eu era
de parecer que voltemos,
porque eu, Bento, não quizera
que agora nos encontremos
outra vez com esta fera.

Quanto mais que he já Sol posto,
hora de ajuntar o gado.

Bent. das-me nisso hū grande gosto.

Pasc. pois pelo mesmo tilhado
tornemos ao nosso posto.

Bent. Queres tu que até lá baxo
se cante aquelle motete,
que compoz Antão Gramaxo;
tu erguerás o falsete,
eu farei o contrabaxo?

CANTIGA.

Quem tiver a liberdade
naõ a entregue á formosura,
que he mais leve, q̃ a ventura,
mais que o vento.

E ao depois o pensamento
levado do defatino
perde a vista, perde o tino
na prizaõ.

Pastores, tendevos maõ,
pois consiste a resistencia
em fazeres diligencia
por vencer.

Pois amor naõ tem poder,
com todo o seu senhorio,
de prender meu alvedrio,
se eu naõ quero.

Seja crú, tiranno, e fero,
pois basta a apagar-lhe as brazas,
e a arrancar-lhe as suas azas
hum abano.

Olhai que he taõ deshumano
que n'huma gloria fingida
tráz mil pezares á vida
dos mortaes.

Se quereis ver feos sinaes,
por fugir deste inimigo,
vede bem o que vos digo,
que saõ estes.

Cego, e lince, fraco, e forte,
ferro, Rei, velho, menino:
fobre tudo taõ ferino,
que traz as armas da morte.

Egloga 4

INTERLOCUTORES.

Braz

Braz Pode haver maior mofina?
Bicit. que tens tu amigo *Braz*?
Braz q̃ hei de ter? a dececrina
de andar sempre para traz,
que eu naci com esta fina.

Faltaraõ-me hontem do pasto
as minhas quatro bezerras,
tem-me trazido da rasto
por montes, valles, e ferras,
sem a tinarlhe co' rasto.

Bicito

Chegaste ficais a vellas?
Bicit. nem onde hirám esquadrinho:
Braz. tomai-vos lá co' as vitellas?
estará o diabinho
brincando agora com ellas.

Bicit. como as trazes taõ bravias
que naõ paraõ no montado?
Braz bem q̃ as tenho há poucos dias,
já me tenho confirmado
que ellas tem suas manias.

Bicit.

30 A Bucolica, ou

Bieit. Comq̄ as tens ha pouco? entaõ
naõ serãõ da tua grei.

Braz pois agora o sabes? naõ;
porque eu á Anfriso as comprei
no principio do Veraõ.

Bieit. Quem he agora aqui Anfriso?

Braz Vá da pucha: tu Bieito
terás esmiolado o fizo?

Bieit. ah sim; pois nem tal fogeito
me vinha agora ao juizo.

Braz Pois por certo que naõ era
Anfriso taõ má pessoa,
que assim sem mais te esquecera,
se quer pela fama boa,
com que o casal o venera.

Porque fendo hũ estrangeiro
de sorte se afez com nosco,
que sempre o achou prazenteiro,
desde o lavrador mais tosco
até o mais sabio vaqueiro.

Bieit. Contra isso naõ hei nada,
mas cá homem, q̄ se empenha
em guardar sua manada,
naõ lhe he preciso que tenha
sempre a memoria aguçada.

Mas já que cahio em dito,
naõ me dirás que despejo
foi este? e o triste conflito,
que o auzentou; porq̄ o naõ vejo
há muito neste distrito?

Braz Queres tu Bieito mais?
comque heide estar praticando
contigo, sem mais, nem mais,
e as bezerrinhas saltando
por elles andurriais?

Bieit. Olha cá, tu tens o tino
perdido já das vitellas,
e quanto mais de contino
andares em busca dellas,
mais te hás de chamar mofino.

Socega hũ pouco, que Basto
alli está, e o mandaremos
a ver se lhe dá co' rasto;
e no entanto ficaremos
eu, e tu guardando o pasto.

Braz Se elle quizer. *Bieit.* tanto quiz
que se levanta a fazello,
elle he para isto hũ belliz;
nem o rafeiro amarello
tem mais faro no nariz.

Deixa tu metello á estrada,
e tomar de lá o vento,
que entaõ naõ te digo nada;
até dará n'hum Convento
com huma moura encantada.

Comque agora naõ diráz
que he por amor das bezerras
o estares taõ pertináz.

Braz por amor dellas? tu erras,
antes vaõ com Barrabáz.

Cada qual ter deve o peito
sempre conforme á razaõ,
porque cá no meu conceito
quem se vence da paixãõ
escusa maior defeito.

Bieit. Pois se es desse parecer
podes me agora contar
o que eu desejo saber;
escuso de to tornar,
põis que o sabes, a dizer.

Debaxo deste sobreiro,
onde affopra o vento brando,
assentemonos primeiro;
que o Sol vem zomba zombando
tirando a calma a terreiro.

Braz Ora estás bem regalaõ !
já te ouvi dizer que nada
te dava tribulaçaõ;
e nem no Inverno a geada,
nem a calma no Veraõ.

Bieit. He verdade que algũ dia
nada me causava abãlo;
fosse Sol, ou neve fria,
era andar o meu regalo
com elle; e ella á porfia.

Porem fui cahindo em mim,
e andar dessa forte achei
que era, *Braz*, hũ farnesim;
e depois que o exprimentei
acho-me melhor assim.

Braz Naõ foi isso há tantos annos,
que tu agora nos queiras
contar de ti grandes danos,
nem tens subido as ladeiras,
que vaõ ter aos defenganos.

Comque para ser poltraõ,
Bieito amigo, inda agora
naõ te acho muita razaõ.

Bieit. de huma para a outra hora
muda hũ homem condiçaõ.

Porem pondo isto de parte
que he negocio mui comprido,
naõ sei que demo tem arte
para tirarte o sentimento
do que chego a perguntarte.

Braz Naõ te afreimes de improvisõ,
ja te digo o que naõ sabes
de quanto passou Anfriso:

Bieit. ora queira Deos, que acabes
que me tens queimado o fiso.

Braz Já sabes, que desterrado
veio aqui este estrangeiro,
por ver se no humilde estado
de pastor, ou pegureiro
o deixava o triste Fado.

Sabes que no seu rabel
cantava vir o seu mal
da pastora mais infiel;
devia ser outra tal,
como tem sido Isabel.

Como trazia em tensaõ
de viver aqui com nosco,
aquelle traje louçaõ
que trouxe, mudou no tosco,
e naõ fez má eleiçaõ.

Pois he coiza mui sabida
que quando alguem se desterra,
se quer ter boa guarida,
há de conformar co' a terra
todo o costume da vida.

E naõ só no traje, em tudo
foi taõ modesto no monte,
taõ prudente, taõ agudo,
que naõ ha de quem se conte,
que cá fosse mais fizudo.

E se bem que encommendado
veio á casa de Montano,
onde foi bem hospedado,
logo ao principio do anno
comprou cabana, mais gado.

Q'o prudente tudo mede ,
que inda q̄ ao primeiro abrigo
com grande gofso fe hospéde;
fe o tal não he muj amigo,
aos tres dias sempre fede.

Por esta noſſa campanha
apazentou o armentio,
mas com tristeza tamanha,
que por calma, vento, e frio,
sempre della fe acompanha.

E por mais que pretendia
fe vinha alguém oculatala,
na verdade não podia,
pois do roſto, e mais da fala
todo o mal fe lhe entendia.

E ſuppoſto grande pejo
esta pena lhe cauſava,
nunca a ninguem foi fobejo,
nem juntamente faltava
no agazalho, e no cortejo.

Aſſim viveo alguns mezes,
mas via todo o cazal,
que elle tinha as mais das vezes
mais cuidado no ſeu mal,
do que inda nas ſuas rezes.

Por força andava contente,
e mal alimpava o pranto,
e por não ſer tão patente
esta dor, fugia, tanto
que ſentia alguma gente.

Depois diſto lhe chegou
a noticia, que à ribeira
do ſeu Mondego aportou
em habito de eitrãgeira
a paſtora, que elle amou.

A tão grande novidade
forcejou por reſiſtir,
mas venceu a levandade:
muito cuſta perſuadir
para a ração a vontade.

Foiſe em fim envergonhado
de não acabar conſigo
o que tinha decretado:
por certo grande caſtigo
deo o amor a eſte coitado.

Todo o armentio vendeo,
fazenda, cabana, e fato:
comprei alguém por ſer ſeo;
e tambem porque barato,
(eſta he a verdade) mo deo.

Entre a compra fe meteraõ
as bezerras, ſem ſaber
que ellas tão arifcas eraõ;
e eſtava para dizer
que nunca cá me vieraõ.

Comque pelo S. João
daqui fe nos deſvion;
e ſabe que deſde entãõ
ategora não mandou
de ſi novas, nem ração.

Bieit. Tu me deixas ſatisfeito,
mas tambem com eſſa hiſtoria
tanto á magoa eſtou ſogeito,
que em quanto tiver memoria
tereí laſtimado o peito.

Por certo que outra ventura
eſſe paſtor merecia,
mas he tão forte a loucura
de huma amorofa porña,
que não tem remedio, ou cura.

Per sêr de tal qualidade
achome atonito, e quedo,
vendo como a mocidade
se mete por este enredo
muito por sua vontade.

Sem que lhe meta receio,
horror, aviso, e prudencia
ver o Mundo todo cheio
desta continua expriencia,
que se faz no dano alheio.

Cada qual o ponto traga
em não cahir neste affedio,
que he de tão maldita praga,
que tem bem fraco remedio,
se se chega a abrir a chaga.

Braz Tu dirias muito bem
se valesse estar á vella
a qualquer de nós; porem
melhor caie na esparella
o que mais juizo tem.

Bieit. Isso quês tu defender
pelo que faz a teu geito,
pois cuido que ouvi dizer
que aquelle certo fogeito
te não podia esquecer.

Braz Eu confesso que cahi,
como os demais peccadores.

Bieit. por isso fallas assi,
e cuidas que os mais pastores
devem passar por ahi.

Braz Dêste agora huma razaõ
de huma peõloa avisada;
pois não há no Mundo acçaõ
a qual não seja julgada
pela nossa inclinaçaõ.

Sobre tudo o parecer
que em se abrindo essa ferida
naõ havia que fazer,
naõ tornarás a dizer
melhor coiza em tua vida.

Tu bem sabes da treizaõ,
que Isabel a mim me fez,
e não posso achar feizaõ
para a deitar huma vez
fora do meu coraçãõ.

Nem eu comigo me entendo
nesta paixãõ, pois agora
a estarei aborreendo,
mas passada aquella hora,
logo disto me arrependo.

Naõ cuides que he negligencia
o trazer em tanto aperto
sempre a minha paciencia,
porque te afirmo por certo
que lhe hei feito a diiigencia.

Bieit. Nem tu cuides em deitallo
fora, que he de balde tudo:
hás já agora de aturallo:
temse feito mui taludo,
naõ he facil arrancallo.

Hás de saber que hoje as fizes
saõ no coraçãõ da gente,
como na terra as boizes:
naõ se arrancaõ facilmente
depois de deitar raizes.

Braz E se hum homem determina
alcançar algum proveito
pela via da doutrina,
nunca para o tal tem geito;
ora digo que he mofina.

E

Pois

34 A Bucolica, ou

Pois quando por derradeiro
chega a não ser como os tolos,
he necessário primeiro
que lho metaõ nos miolos
atê c'hum maço rodeiro.

Bicit. Pois tu inda agora estâs
no que dizes? entendia
que ja isto, amigo Braz,
novo te não parecia;
emfim és muito rapaz.

Isto hê commum estatuto,
que assim em todos se observa:
custa mais o demais fruto,
tanto na planta, e na herva,
como no home, e no bruto.

Sem a devida cautella,
que á semente se lhe applica,
sem cuidado, ou centinella,
nace, crece, e frutifica
o fargaço, e a verdizella,

E para que, Braz amigo,
traga no valle, ou no oiteiro
algum proveito comfigo,
vai hora vendo primeiro
o que he necessario ao trigo.

Apartallo da hervilhaca,
lavar a terra, e cubrilla,
e se acafo ella for fraca,
hir ao curral, e vestilla
de bem esterco de vaca.

Destá forte semealo
hindo a tento com a maõ
que não fique basto, ou ralo;
quebrarlhe logo o torraõ,
e depois disio gradalo.

Elle em fim lá pelo feio
da terra se vai grelando;
e apenas se fente cheio
de humidade, vem brotando,
do que fora bem alheio.

Já he herva o que foi graõ,
pois puxando o seu canúdo,
vai o calor do veraõ
deitando pelo miudo
o seu verde coraçãõ.

A pravana manifesta,
que defende o que entezaira
o cofre verde, e na fêsta,
tanto a espiga se faz loira,
quanto mais o sol a crêsta.

Obedece ao duro talho
da curva foice, e na eira
soffre o calco, o trilho, o malho,
e vem a dar na joeira
o derradeiro trabalho.

Braz Assim he, tudo falece
para o bem; e o mau se cria
per si só, e reverdece:
bem dizia, quem dizia
que o ruim boi no corno crece.

Bicit. Para dar nestas pizadas,
escusaõse os adevinhos;
pois são coizas bem trilhadas
q' o bem tem poucos caminhos,
e o mal tem muitas estradas.

Braz Porem sofrelo hé forçoso;
e talvez pelo que dizes,
inda em lugar populoso,
entre muitos infelizes,
se achará hum venturoso.

Bicit.

Bicit. E ainda effe q̄ imagina
o povo errado em bonança,
se lhe tirar a cortina,
mais que a bemaventurança,
talvez que se ache a mofina.

Has de saber que o desgosto
tanto ao pastor, como ao Rei
pode chegar, porque o posto
naõ he que o livra da lei,
que o ser humano tem posto.

E quiçais maior pezar
venha ao Rei, q̄ amim, q̄ o digo:
mais tormenta se há de achar,
maior trabalho, e perigo
quanto for mais fundo o mar.

Chama hum Rei ao pensamento
nas horas do seu descanso,
e em vez de tomar alento
nos colchoens do leito manço,
poemse em continuo tormento.

Consumindo a fantasia
para achar tesouros novos,
sem cançar a monarquia,
e para manter os povos
sem guerra, nem rebeldia.

Para munir as fronteiras,
mandar virreis aos estados,
e nas naçoens estrangeiras
saber pelos enviados
as prevençoens mais ligeiras.

Pois hum Rei nestas fadigas,
e eu olhando se estaõ fracas,
se tem cheias as barrigas
as bezerras, mais as vacas
e comendo as minhas migas;

Naõ terei menos cordel
na garganta, inda que esteja
vestido deste borel?
e mais se a hum homem sobeja
a broa, o conduto, e o mel?

Logo a ideia bem affenta
que he mais perigoso o vau
em quem mais corpo sustenta:
quanto mais possante a nau
tanto maior a tormenta.

Braz. Diz Bicito muito bem,
mas essa confidraçõ
comigo huma contra tem;
e que he falta de razãõ
cuido naõ dirã alguem.

Pois dizem estes, que a lua
em suas pontas governa,
que nos annaes continua
o seu nome; e a fama eterna,
que há de ser fõmente sua.

Bicit. E quantos dos Potentados,
que julga o teu pensamento
haõ de ficar enganados,
pois seraõ no esquecimento
para sempre sepultados?

Tu enganaste ametade
nesta conta das pessoas:
naõ merece a vaidade
esta gloria, ás obras boas
só se deve a eternidade.

Quanto mais que aproveita
depois de morto essa fama?
se já naõ vive sogeta
a alma, á lingoa, que infama
nem áquella, que deleita?

36 A Bucolica, ou

Se acaso deſſes louvores
foſſe a alma conſolada,
inda aſſim; mas ſãõ errores,
porque a alma ſeparada
diſcurſa em coizas maiores.

Com que pelas minhas modas,
Braz amigo, digo eu
que em ſe gaſtando eſtas rodas
da vida; que caia o Ceo,
mate as cotovias todas.

Braz Tu Bieito diſcorrido
naõ tens mal, mas arreceio
que naõ figa o teu partido
muito mais de Mundo, e meio,
pois me parece atrevido.

Que negar a eſtimação,
que ſe deo ſempre á memoria,
pondo á parte inda a razaõ,
e hindo ſõ atraz da hiſtoria,
he grande reſolução.

Bieit. Tu eſtás muito apegado
inda ao coſtume mundano;
depois do Mundo acabado
eſte nome ſoberano
donde fica eternizado?

Pois ſe he certo de que tudo
há de acabar, e morrer,
tanto o ſabio, como o rudo;
logo, Braz, o meo dizer
he mais ſadio, e fizudo.

Braz Porem tu mui bem alcanças
que os mais expertos varoens
pretendem eſtas lembranças,
e que as mais arduas acçoens
tem nellas as eſperanças.

Bieit. A's acçoens, que na memoria
ſe tem fundado ſomente,
naõ ſe deve alguma gloria,
porque foi o ſeu agente,
naõ a virtude, a vangloria.

A acção para ter faude,
naõ ha de ter inſentivo,
que o ſeo propoſito mude:
há de obrar, ſem mais motivo,
que ſer acção de virtude.

Eſte he o fim, eſte o proemio,
comque a bondade ſe inflama;
porque as obras deſte gremio
naõ attendem para a fama,
que em ſi meſmas tem o premio.

Braz Na verdade eſtou ſuſpenſo
do que tens diſcreteado:
ſabes que eſtás mais extenſo
no ſaber, depois que hás dado
em ler com Gil, e Lourenſo?

Bieit. Paſtor: dos livros o trato
dos outros nos differença,
e naõ ſou tão inſenſato,
que ſe quer huma ſentença
me naõ ſique no meato.

Tu me ouvirias fallar
em coizas, que a hum vaqueiro
naõ he licito tratar:
mas por ventura o eſcudeiro
tem ſõ poder de eſtudar?

A alma he a meſma na gente,
e para a fazer pulida
a todos ſe lhe consente,
tanto a quem tem eſta vida,
como ao que a tem diferente.

E em fim não he tão estranha
dos montes a disciplina,
que fuja desta campanha:
os principios da doutrina
cá naceraõ da montanha.

Nem sempre as nossas fadigas
haõ de andar traz do chocalho,
ou affando quatro espigas,
estirados no borralho,
depois de fartos de migas.

Mas nos fomos descuidando,
e assim sem tirte, nem quarte,
nos aqui, vay senaõ quando,
vem Basto por esta parte
as bezerrinhas guiando.

Bem te disse que elle havia
dar samente conta dellas.
Braz já eu dislo me esquecia,
nem me lembravaõ vitellas,
quando Bieito te ouvia.

Mas estimo que as achasse
por pouparme já se quer
que segunda vêz andasse
atraz dellas, sem haver
parte, que não pescudasse.

Bieit. Pois eu presumo que o achado
custou a Basto bem pouco
que elle mui defenfadado
vem cantando: *onde estas louco;*
que anda agora mui usado.

Braz Vé tu como gargareja
Bieit. ora ouçamos a modilha,
que eu cá tenho certa enveja:
a quem pela gargantilha
melhor cantiga despeja.

CANTIGA.

Onde estás louco onde estás?
que depois que andas varrido
trazes o gado perdido?

Deixaste fato, e cabana
o montado, e a companhia,
isto por huma ferrana,
que já to não merecia.

Se tratas assim a quem
mete a lança a falsa fé;
para quem te quizer bem
não sei que guardas bofé.

Deixa essa teima vaqueiro
torna em ti, cobra o sentido,
que o teu gado anda perdido.

Naõ te fies na destreza
dessa fingida pastora,
porque tem a natureza
que há na hera trepadora
esse infame ligamento,
que te offrece nos seus braços,
hê so mente hum fingimento
para fazerte em pedaços.
Se tu vaqueiro não cuidas
que tudo nella he fingido,
digo entãõ que andas varrido.

Bieit. Ora ðigote que canta
o meu Bafto (tu que dizes?)
como hum cisne? que garganta
para enxotar codornizes,
e espantar Maria manta!

Davame, Braz, na cabeça,
já que vem taõ folgazaõ
fazerlhe agora hu na peça:
metidos por esse paõ
saíamos la na reveça.

Dessa prizaõ, em que estás
defata, ou rompe o cordel;
cuidas que não acharás
mais pastoras, que Isabel?
Naõ queiras que se consuma
neste mal, teo fresco Abril;
pois indaque deixes huma
acharás, vaqueiro, mil.
Torna, pois, para o montado,
que eu não sei com que sentido
trazes o gado perdido.

Braz E tu que queres fazer?
Bieit. Se elle aqui nos não achar
há sósinho de trazer
todo o gado, e hás de folgar,
pelo que grita, de o ver.

Braz Vamos, que já dá final
o gado que a hora chega
de hir descansar ao curral;
e lá ao longe fumeга
tambem o nosso Casal.

Egloga 5

INTERLOCUTORES.

Rodrigo.

Pelaio.

Diogo.

Rodrig. Quem com esta madrugada
levantarte agora foz?
inda, amigo, neste mêz
naõ cahio tanta geada.

Que honte as deixei no poufio
pois fui tal, e taõ sandeu,
que de todo me esqueceu
armallas dentro do rio.

Eu estou hirto com frio,
e tem no por incapâz
quando eu afirmo que o fâz,
que sou nisso bem fadio.

Pel. Pois eu por baxo da vagem
puz as minhas bem distantes;
vamos levantallas, antes
que venhá alguma pilhagem.

Pel. Tambem naõ sou friorento,
e se differ que fahi
cá fora, e me arrependi,
por certo que te naõ mento.

Anda por aqui comigo
direitos áquella loiza.
se tiver alguma coiza
eu repartirei contigo.

Digote que he taõ delgado
este arfinho, que aqui anda,
que me tem de banda a banda
todo o corpo trespassado.

E depois lá voltaremos
por onde as tuas estaõ,
e em cima do marachaõ
até noite as deixaremos.

Naõ vês o campo alvejar?
esta noite, porquem sou,
mui bem se defenfadou
a velha de peneirar.

Rodr. Seja tudo quanto dizes,
mas sabe que offertaes tais
nunca aceito, em tudo o mais
te fervirei de narizes.

Mas tu Rodrigo que traças
por aqui tambem agora?
Rodr. eu fahi fomite fora
a buscar as minhas naças,

Pel. Ora fûs: tu a ametade
levarás do peixe; e todo
fe o quizeres, que este he o modo
da verdadeira amizade.

40 A Bucolica, ou

O demais he cousa vã:
e ainda que me despoje,
se eu amigo to der hoje
tu mo darás a manhaã.

Rodr. E na verdade és da minha
laia tambem; mas a folha
dobremos no ponto; e olha
naõ te caha a machadinha.

Pel. Dizes bem; pois com desvello,
a conta estarei botando,
e ficaremos olhando,
talvez para o sette estrello.

Rodr. Perdoeme Deos, se pecco,
que estava para dizer
que hei de folgar, por te ver
ficar cos beiços em secco.

Pel. Quererás papel, e tinta
para o escrever no correio,
ora, pois, naõ he taõ feio
o demo, como se pinta.

Fazes essas fantesias,
e a rede, que a mim me toca,
estará cheia até boca
de rouvacas, e de enguias.

Rodr. Será o que Deos quizer,
porem deixando isso agora;
sabes que trago de fora
humã coiza, que dizer?

É que me tem esquecido,
e por muito que desejo
lembrarme, de todo vejo,
que me barreu do sentido.

Pel. Olha se atinas o assunto?
Rodr. bom vai o atinar: historia:
ora he-certo, que a memoria
escorrega como o unto.

Quando naõ me fizer mingoa
lembrará, sem muito empenho:
a graça hé de que o tenho
debaxo, amigo, da lingua.

Ah fim: dizeme Pelaio
(naõ fei como me lembrou)
hum moço, que se auzentou
fará tres annos em Maio;

Naõ fei porque; mas segundo
a minha fraca lembrança,
diz que huma triste esperança
o trazia vagabundo;

O qual moço era da Villa,
e lá foi taõ estimado,
que todos do seu agrado
lhe tomavaõ a postilla,

E se acafo inda diviso
o seu nome na memoria,
e ella naõ he transitoria,
cuido se chamava Anfriso,

Sabes delle, por ventura,
que ouvi já por duas vias,
que chegara há poucos dias
inda co a mesma loucura?

Pel. A primeira vez he esta
que o tenho ouvido; porem
pareceme que lá vem
Diogo, que naõ he besta,

E tem lá na villa gente,
onde vai muito a miúdo,
e eu te asseguro, que tudo
nos diga pontualmente.

Rodr. Cilo chega. *Pel.* vem embora:
antesque alguém to-revelle
estava na tua pelle
fallando Pelaio agora.

Diog. Não seria mal nenhu,
que daquelles que á traição
fallando do amigo estaõ,
não he Rodrigo, nem tu.

Pel. Folgo nos tenhas na conta
de nós sermos della maça.

Diog. Se isso for coiza que eu faça?

Pel. elle pouco, ou nada monta.

Huma coiza perguntou
Rodrigo por cruidade,
porem eu nem da ametade
da tal coiza, conta dou.

E como vinhas cá ter,
disse que tu o dirias,
que tinhas para isso vias:
Diog. e isso que vem a ser?

Pel. Como tu ês costumado
hir á villa os mais dos mezes
has de saber muitas vezes
o que lá se tem passado.

E ainda agora há maior prova
de saberes o que digo,
pois segundo o que averigo
não he taõ pequena a nova.

Diog. Já vou tendo alguma luz
do que tu queres saber:
aposto que o hei de dizer,
sem dizeres chûs, nem bûz?

Pel. Ora vê lá se esquadrinhas
o que eu tenho no meu cifo.

Diog. He isso coiza de Anfriso?

Pel. aprellá como adivinhas.

Diog. Tinha bem que adivinhar,
sendo isso a coiza, que agora
anda em boca a toda a hora
na villa, e mais no lugar.

Rodr. Comq̃ he chegado? *Diog.* pois inda
o duvidas? eu cuidava
que a tudo o que o rio lava
era velha a sua vinda.

Mas não he esta a maior
novidade, amigos, sua
he só fim, que continua
seu mal no mesmo tenor.

Com mortal melancolia
em casa entrou de repente,
e não quiz lá de parente,
nem de amigo a companhia.

Nella estive, sem socego,
e não bastou nenhum rogo
a que não fugisse logo
para as margens do Mondego.

Comque diz, que aqui nos anda,
sem consolação alguma,
nesto rio, ora para huma,
ora para a outra banda.

42 A Bucolica, ou

Pel. Pois nós por toda a corrente
não o temos encontrado.

Diog. nem eu; pois diz que o coitado
anda fugindo da gente.

E o que he para ver, que está
tão mudado, do que fora,
que quem lhe fallar agora,
diz que o não conhecerá.

Porque sendo sempre estranha
sua conversa, e pulida,
hoje parece nacida
bem da gemia da montanha.

Lá na ferra foi pastor,
e por não perder o vicio
de andar no tofco exercicio
cá se pôz a pescador.

Rodr. E sabes se por ventura
porque vem para mais perto?

Diog. inda se não sabe ao certo,
supposto que se murmura

Bem sabeis que esta estrangeira,
que aqui está já desde Abril,
tem a cara mais gentil,
que tem visto esta ribeira.

E ainda que tem marido
(mal empregada ella seja!)
parece que se moteja,
que ella o seu mal todo ha sido.

Pois dizem ser a ferrana,
que do seu fiso o tirou,
até que por fim trocou
a casa pela cabana.

Pel. Esse tal marido veio
aqui herdar huma Tia;
deixo á parte a demasia,
comque he torpe, tofco, e feyo,

Porem he tão solitario,
tão cerrado, que effas vezes
que o vimos há nove mezes
podem porse em Calendario.

Rodr. Ninguém a mandou casar
sem que foubesse primeiro,
se com o dito vaqueiro
se podia conservar.

Diog. Tende maõ; que isso foi posto
noutros termos, cuido eu,
porque dizem que o escolheu
ella por muito seu gofsto.

E por outro certo aviso
há nova mais exquisita,
porquê fei que a sobredita
por elle deixou a Anfriso.

Pel. Pasmado estou de o dizeres;
há historia como hê essa?

Diog. assim lhe pregou a pessa
Pel. fiaivos lá nas molheres?

Diog. Pois que home haverá fizudo,
que de tal gente se fia?
se he nellas tudo falsa,
tudo engano, traição tudo?

Ellas andaõ de redor
buscandome a mi, e a tí;
e aqui mais, ou mais allí
sempre escolhem o peor.

Q' lhe importa a hũ homem faõ
ostentar de ser garrido,
enfeitado, comedido,
avifado, e mais louçaõ;

Se quando chega o intento
de mostrar n'alguma parte,
diante dellas, brio, e arte,
vallor, e merecimento,

Sempre atrás fica, e primeiro
he lá no feu bom miollo
o mal amanhado, o tollo,
o descortez, e o grofseiro?

Rodr. E nos fomos inda taes,
que sem úzar de cautellas,
andamos sempre trás dellas
por montes, e chavafcaes.

Diog. Olhai cá este exercicio
do amorisco, as mais das vezes,
entre nos os Portuguezes,
mais, do q' outra coiza, he vicio.

Vemos requestar a esmo
hum maganaõ, hum vadio,
outro, sem ter este cio,
tambem quer fazer o mesmo.

Vemse grãdes amadores
em hum livro de novelas,
e passar muitas mazelas,
e trances em feos amores;

Algun de nos, que a ametade
do feu fiso lhe esqueceu,
tudo quanto ouviu, e leu
cuida que he a mesma verdade.

E logo em si determina
buscar desde aquella hora
humã linda pescadora,
mui amante, e peregrina.

Comque he isto tanto affim,
que a mais valente pessoa,
que ate qui passou a Goa,
se fez deite farnesim.

Pois lendo as acçoens possantes,
(no tẽpo em q' os mais dormiaõ)
que antigamente faziaõ
os cavaleiros andantes;

E perguntada a razaõ
de ser sempre taõ audáz,
disse: mais fez Ferabráz,
Reinaldo, Amadiz, Roldaõ.

Mas dou eu a má maleita
quem tais livros fazer oiza,
que maldita seja a coiza,
que homem delles se aproveita.

Pel. Quem me dera que te ouvira
quanto tens dito Guimar,
que he prezada de estudar,
e de não dizer mentira;

E tambem de defender
o respeito das molheres,
para tu entaõ faberes
como te havias de haver.

Diog. Pois, Pelaio, ves tu essa,
onde há tanto presumir,
entende que há de cahir
no que digo, mais depressa.

44 A Bucolica, ou

Onde vires presumido,
melindroso, ou embicado,
mais dia, ou menos contado,
hás tambem de o ver cahido.

Arrenega tu da gente,
que hum arsinho lhe fáz nojo:
panella, que não tem bojo,
tem menos onde se assente.

E se quanto me parece
dizer hei, a tal Guiomar,
por feu modo de fallar,
digote que me aborrece.

Pol. Antes que a lingoa se atreva
a mais, tem conta comtigo,
porque aqui temos Rodrigo,
que não sei se a bem o leva.

Diog. Não sabia que elle tinha
para tal parte esse geito,
mas se alguma dor lhe hei feito
eu lhe darei a mofinha.

Porque eu a gabarei tanto,
que torne outra vez em si,
se acafo o que disse aqui
lhe caufou algum quebranto.

Rodr. Nem tal Diogo me digas,
pois eu para não morrer
delle mal, bem sei fazer
no meu punho quatro figas.

Diog. Mas inda assim o conselho
de Pelaio, não foi rudo,
pois não só estás sezudo,
mas fizeste te vermelho.

Rodr. Olha tu para negarfe
o não serlhe afeiçoado,
isso he mentir de contado,
e a verdade há de fallarfe.

Eu não encubro, nem nego
que lhe soffro algum desdem
quando vai, e quando vem
buscar agoa do Mondego.

Mas por dizermos agora
que isso está já nesses termos,
não he razaõ, até vermos
se isto vai de fõs em fora.

Diog. Pois custava-te fallar,
e dizeres o que havia
porque com mais cortezia
a poderfemos tratar?

Eu Rodrigo te confesso
que a não gostei atéqui,
mas já por amor de ti
a veneralla comeffo.

Não prefumas, que te trinco,
vá o tedio para a rua;
por saber que he coisa tua
me vai parecendo hum brinco.

Rodr. Eu Diogo a informarei
dessa grande novidade,
porque te pague a vontade,
que eu talvez não poderei.

Diog. Tu cuidas que estou de chança?
mas isso não te condeno,
pois quasi sempre veneno
traz consigo esta mudança.

Porque he certo q̄ o q̄ eu tenho
cá de intrínseca virtude,
não he possível se mude
por este, nem outro empenho.

E se pela adulação
outra coiza se publica,
cá por dentro sempre fica
como estava o coração.

Homem não he como a esponja,
que toma a cor do que apanha;
o mais se não he patranha,
não escapa de lisonja.

Porem tudo he necessario,
que há homem tão mal disposto,
que quer trazer a seu gosto
sempre o amigo feudatario.

Se hê forte, quer que peleje,
se fraco, quer que elle fuja,
se fallador, quer que estruja,
se envejoso, quer que enveje.

Há de amar, se tambem ama,
odiar, se acaso aborrece,
matar a quem elle empece,
bejar, a quem elle chama.

Rodr. Mas sabes que dessa láia
não tenho nenhum remendo,
que eu, amigo, não descendo
dos Fidalgos de Biscaia.

Comque poderas fallarme
menos trincado, e trahido.
Diog. pois eu me dou a partido,
falta agora perdoarme.

Pel. Nos vamos cá para o rio
vê se queres hir com nosco?
Diog. Rodrigo ficou mui osco,
não lhe quero dar fastio.

Mas até essa amieira
todos juntos nos hiremos,
e lá nos apartaremos,
que vou ver a sementeira

Que fiz com Pedro Carrilho,
e Amaro Sopa, e se he certo
o que hontem me disse Alberto,
tenho lá fermoso milho.

Pel. Deos lhe encha bem as espigas;
e nos dê boa colheita;
que he a mais certa receita,
para comermos as migas.

Diog. Tomai a volta do rio
por aqui, q̄ he chaõ mais brando,
que eu vou cá endireitando
pelo meio do pouso.

E ao depois lá no terreiro
nos veremos ao jantar,
que se o sol não se embruscar,
há de fazer bom solheiro.

Se não dêr a defenteria.
nas visinhas, eu entendo
q̄ há de vir a Irman de Mendo,
Igues, Pascoa, e mais Quiteria.

E tu vai tambem Rodrigo
que Guiomar não faltará.
Rodr. que ella vá, ou que não vá
pouco importa. *Pel.* adeos amigo.

Egloga 6

INTERLOCUTORES.

Anfriso.

Junto á borda do Mondego,
para achar algum descanso
hum barqueiro, sem socego
se poz ao pê de hum romanço,
que alli faz o doce peço.

Deitava a sombra hum salgueiro
para a relva do pouso ;
detras delle hum verde oiteiro,
á veia do claro rio
lhe ficava sombranceiro.

Formavaõ os passarinhos,
saltando com alegria
de huns para outros raminhos,
huma confusa harmonia
nos boiques circunvizinhos.

No mesmo tempo igualmente
com o liquido quebranto,
mas não sei se tão contente
acompanhava o seu canto
o susurro da corrente.

Como tinha introduzido
no fundo na sua areia
o pezar de hum affligido
parecia a sua veia,
mais, que musica, gemido.

Beliza.

Comque de huma, e de outra ave
turbado o murmureo tinha;
e ás costas cõ pezo grave
do mal alheio, caminha,
mais tristonho, que suave.

Mas o pescador, que estava
vendo como cristal brando
em seo mal o acompanhava,
por elle de quando em quando
os suspiros espalhava.

E o rio cortêz, que ouviã
lançar tão sentidas magoas,
tanto dellas se dohia,
que huma vez largava as agoas,
outra vêz as suspendia.

Vese o pescador disposto
a queixarse ao Fado impio;
e perdida a cor do rosto,
começa a tomar o fio
da historia do seu desgosto.

O canto das aves mudo
se poz, o confuso estilo
do rio, e do bosque rudo
se calou; e para ovilo
ficou em silencio tudo.

Vendo

Vendo pois cessar o ruído
de todos á pena sua,
sem alento, sem sentido,
abre o peito, e continua
desta forte o seu gemido.

Anfr. Quão alheio, e differente,
patrio Mondego, me viste,
se he que ainda estás presente
no que fui: hoje tão triste,
algum dia tão contente.

N'hum bruto, filho do vento,
cortei já teu cristal brando
com grande contentamento,
hoje só discorro, e ando
debaxo do meu tormento.

Já te dei bastante enveja,
e ella mesma se confunde
de ver que o cristal me seja
mais hum pego, em q̄ me afunde,
que hum espelho, em q̄ me veja.

Deixei a alegre campanha
destas margens cristalinas;
fui buscar a terra estranha;
e troquei estas boninas,
pelos cardos da montanha.

Mas não foi curiosidade
foi hum influxo malino
de tão fatal qualidade,
que arrastou o meu destino
contra o poder da vontade.

Não me chames pois ingrato
que mais não pode o alvedrio;
assim nunca possa o trato
do adusto, e do secco estio
fazer que sejas regato.

Não queiras outra vingança,
sem eu a ter merecida,
que verme nesta mudança;
desbaratada, e perdida
já toda a minha esperança.

No que me acharás culpado
he de eu estar contagioso,
e vir verte neste estado;
pois te deixei venturoso,
e te busco desgraçado.

Que tão mortaes, e malinas
saõ, ò rio, minhas magoas,
que com ellas, de ruínas
se podem encher as agoas
destas margens cristalinas.

E já pelo sitio ameno
deste campo, desta areia,
desta relva, este terreno,
fora assim, se huá Sereia
não salvasse este veneno.

Huma Sereia, que espanta
as funestas influencias,
quando os seus olhos levanta;
e leva a rasto as potencias,
e os sentidos, quando canta.

Q' Ninfa, ou Deosa do monte
algum dia foi; e agora
vem buscar este horizonte
para ser tambem senhora
do mar, do rio, e da fonte

48 A Bucolica, ou

Anda aqui; mas com tal manha
(guardaivos quantos a vedes)
que por toda esta campanha
quando deita as suas redes,
peixes não, almas apanha.

Se tiveres tal ventura,
que nestes campos a figas,
e ella chegue a agoa pura,
peçote muito, que digas
isto á sua fermosura.

Pastora, Ninfa, ou Deidade
da montanha, campo, e rio,
não andes tanto á vontade,
vê que teas hum alvedrio
roubado, com falsidade.

Vê que tarde, ou cedo a paga
da treição sempre está certa;
que nunca a offensa se apaga,
quanto mais estando aberta,
e escorrendo sangue a chaga.

Não maltrates tanto a gente,
tais insolencias obrando ;
que para o farpaõ ardente
de Cupido, está clamando
já tanto sangue innocente.

Tu não só com teos rigores
os estranhos tens perdido,
mas tambem os teos pastores;
e alem disso, hás offendido
as Deidades superiores.

Tu mesma a Casta Diana
aggravar, Ninfa, chegaste,
fendo no monte ferrana,
pois sem pejo algum manchaste
a pureza da cabana.

A Hymineo estimulado
deixaste de igual treição;
pois contra o voto sagrado
da promessa, deste a mão,
que a outrem tinhas já dado.

O mesmo fizeste à Afreia,
só por huma vil cobiça,
rezolvendo a tua ideia,
contra o pezo da justiça,
dar a joia, que era alheia.

Tu emfim ao Deos cupido
ante seo mesmo semblante
hás gravemente offendido,
elegendo por amante,
olha bem, hum tal marido !

Como, pois essa impiedade
traz os rigores tão bravos,
tendo de huã, e outra Deidade
sobre si tantos aggravos,
de tão feia qualidade?

E mais quando de contino
por todas estas ribeiras,
pedindo ao favor divino,
as vinganças justiceiras,
anda ha tanto hum peregrino?

Dirlhehas isto, rio amado,
pois tambem a agoa pura
alcançou lingoas do Fado;
e sabe, quando murmura,
dar mui bem o seu recado.

Mas huma coiza te digo,
e te advirto, que supposto
me caufasse este perigo,
fe a vires vai tu disposto
a darlhe favor, e abrigo.

Comque se pizar a areia
ou banhar o corpo n'agoa,
vê lá como se recreia:
naõ lhe dês alguma magoa,
mas antes a lisonjeia.

Que inda que da minha offensa
tenha no Ceo esperança
para alguma recompensa,
de ministrar a vingança,
naõ tens, ó rio, licença.

Digo mais: naõ há pinheiro,
nem ha choupo, q̄ em memoria
de meu dano, por inteiro
naõ tenha da minha historia
no tronco posto hum letreiro.

E tambem na branca areia
destas margens, naõ ha praia
banhada da tua veia,
em cujo papel, naõ saia
hum a escriptura taõ feia.

E assim, rio, se em alguma
occafiaõ bater o vento,
e empolarte mais presuma,
delhe sempre acatamento
ao letreiro, a tua escuma.

E naõ queiras que razeaõ
possaõ ter os ramos brancos
para dizerem que saõ
para esta historia os seos troncos
de mais nobre duraçaõ,

E tambem (isto he mais certo)
porque intenta o meu delirio,
se chegar aqui de perto,
que ella veja o meu martirio
atê nesta areia aberto.

Mas ai de mim, que figuras,
taõ vaõs poem minha agonia
dentro das fombrias escuras
da cançada fantasia,
se isto tudo saõ loucuras?

Cesse, pois, o pensamento
de andar sempre recordando
o que naõ tem fundamento,
e com isto requintando
com mais força, o meo tormento.

E a fruta defenganada
fique do canto grosseiro:
de todo destemperada
a deixo neste salgueiro
para sempre pendurada.

Bel. Antes que deite a cortina
nesta praia a sombra escura,
vendo estancia taõ divina,
quero gozar da frescura
desta margem cristalina.

Por este bosque visinho,
sendo taõ longo, e taõ vario,
por este alegre caminho,
está tudo solitario,
mudo, deserto, sózinho.

Que lugar accommodado
paraque possa o sentido
largar a redea ao cuidado;
ou seja de hum affigido,
ou de hum bemaventurado!

Só do rio hum rouco accento
se ouve em liquido quebranto,
dos peixes o movimento,
das aves o doce canto,
o brando assopro do vento.

50 A Bucolica, ou

Mas alli (ora por certo
que muito bem discorria!)
hum vulto está descoberto:
que loucura! eu o não via
estfando de mim tão perto.

Quem será? mas ja o diviso;
se não me engana o seo rosto,
elle parece-me Anfriso:
que fará elle aqui posto?
terá já cobrado o ciso?

Ouvi dizer que lhe dura
inda huma antiga promessa
que eu fiz; e que esta loucura
não lha pode da cabeça
tirar viva creatura.

E na verdade que finto
vello em tão funesto estado;
pois cá por dentro perfinto
a vexação que o coitado
terá neste laberinto.

Porem elle ao sono entregue
cuido está; e a sua fragoa
não he já tanta que o chegue
a tal extremo, se a magoa
lhe dá tempo a que socegue.

Comtudo de quando em quando
se afflige; e altera o socego
em que está do sono brando:
eu quero ouvillo; e me chego
a ver o que está sonhando.

Anfr. Falsa Beliza: *Beliz.* comigo
he toda a historia do sonho.

Anfr. bem q̄ em vão te adoro, e figo,
já que a par de ti me ponho
ouve ao menos o que digo.

Bel. Lá na sua escuridade
toda a ideia peregrina
que aqui estou o persuade;
e he a primeira vez que atina
o sonho com a verdade.

Porem o seo frenesi,
nem hum instante o repouso;
já se levanta: ai de mi;
dera eu alguma coiza,
não me achara agora aqui.

Anfr. Ah Beliza: estou desperto?
que he isto fortuna brava?

Bel. fiz-te agora o sonho certo.

Anfr. he verdade que sonhava
que te tinha de bem perto.

Bel. Ves ahi como te trata
meu cuidado em tua auzencia,
quando o teu me defacata
com a publica indecencia
de me andar chamando ingrata.

Anfr. Não sinto que nisto vejas
nenhum aggravo de conta,
antes cuido que o desejas;
qual será maior affronta,
eu que o chame, ou tu q̄ o fejas?

Bel. Pois que fiz eu, porque tome
por empreza o teu intento
de em tudo, o que não consome
do tempo o giro violento,
andar gravando este nome?

Anfr. E tu achas, que inda he pouco
o porfime neste estado,
em que sou tido por louco,
por necio, por malfadado,
por cego, por mudo, e mouco?

Bel.

Bel. Pois nessa infeliz mudança
como eu lá culpado ando?

Anfr. fô te gabo a confiança:
ah-ingrata; para quando
guardaó os Ceos a vingança?

Vem cá falsa, estás prezente
na palavra, que me deste?
pois se he que estás innocente,
cumpre o que me prometeste,
que he ser minha eternamente.

Bel. Pois eu tinha por ventura
poder na minha vontade?
fabe Deos que á forte escura
já pedi que a liberdade
me desse, ou a sepultura.

Sei que essa palavra deo
minha fé, mui bem o vejo,
mas quando se prometteo
fallava do meu desejo,
que o demais não era meo.

E sendo neste sentido,
me parece que não tenho
faltado no promettido,
antes eu a inferir venho,
que tu nisso hás incurrido.

Desde aquelle infausto dia,
logo a montanha deixaste,
e em ti foi a vilania,
pois tu es quem te auzentaste,
sem saber o que eu faria.

Anfr. E a tão infausta violencia
que querias tu que fosse
despique, senão a auzencia?
para verte em outra posse
darmehias a paciencia.

Bel. Daria, na segurança
que só não se continua
na morte a nossa esperança:
comque a ingraticão foi tua,
que não foi minha a esquivança.

Tu fugiste; e fugitivo
de mim, e sem verte andaras,
se eu não desse algum motivo
para vir ás agoas claras
do teu Mondego nativo.

Se para acharte, não fei,
mas tambem tu não dirás,
que eu fui a que me auzenteis:
vê qual fica mais atrás;
tu fugiste; e eu te busquei?

Anfr. Mas ai de mim que aproveita
daresme inda essa esperança,
se vem já tão contrafeita,
que nella a triste lembrança
mais se enluta, que deleita.

Se sempre hás de ter cingido
o tyranno de huma gloria,
que eu já tinha merecido,
como com esta memoria
pode alentar-se o sentido?

Como he possível que a ideia
seja tão vil, e mesquinha,
que se acomode, ou q̄ creia
(por mais q̄ o digas) q̄ és minha,
se estou vendo que es alheia?

Bel. Nada vale essa razaó
pois só o affecto he que tem
nas almas jurisdicaó;
comque a minha sempre alem
vivrã desfia prizaó.

52 A Bucolica, ou

Mas com tão sagrado intento
que indaque entrego a vontade,
he o arrojo tão attento,
que nunca da honestidade
faie fora o pensamento.

Anfr. Tu bem sabes que a cabana,
onde achei sempre propicio
teu favor, sendo ferrana,
ardeu com o sacrificio,
não de Venus, de Diana.

Verdade tão manifesta,
que não há nessa espessura,
onde tinhamos a fésta,
relva, que não seja pura,
folha, que não seja honesta.

Bel. Pois, Anfriso, tu alcanças
que isso ja não tem remedio,
e que as tuas esperanças
não se alentaõ com o tedio
das minhas tristes bonanças.

Eu de verte me lastimo,
e de ouvirte juntamente:
vejo que perdeste o arrimo
do teu lar; e he já patente
tambem q̄ te amo, e te estimo.

Vejo que não há cazal;
nem bosque, campo, ou oiteiro,
que tenha ouvido o teo mal,
que não te escute primeiro
ser eu falsa, e desleal.

Aceita, pois, o partido
de darte tudo o que posso,
ou vê lá se o teu sentido
fazer pode que o amor nosso
nunca seja mais ouvido.

Que he injuria que me toca
dentro n'alma, e martiriza,
e he certo que me provoca,
ver o nome de Beliza
tão feio na tua boca.

Anfr. Eu aceito esse contrato
verei se posso comigo
acabar algum recato,
mas sou tão meu inimigo
que contra mim me arrebatô.

Porem tempo me hás de dár
para saber o que escolho,
que isso dêvese cuidar.

Bel. Cuida-o bem, q̄ eu não te tolho,
mas no entanto hás de calár.

Anfr. Indaque agora forceja
por dizello o mal severo,
não he possivel que seja,
q̄ vem hum vulto; e não quero
que contigo aqui me veja

Bel. Elle vem cantando; e cudo
que o tras bem arrebatado
a cantiga, mas comtudo
abaixa o corpo hum bocado
ver se passa com descudo.

CANTIGA.

Galateia, Galateia
foste minha, e és alheia,
e diſto ſão teſtemunhas
eſte campo, e eſta areia.

Naõ te envergonhas tyrana
de ſer minha, e de mudarte,
e levar para outra parte
o fato, e mais a cabana?

Dize infame Galateia:
como acabaste contigo,
ſem temer algum caſtigo;
dar a joia, que era alheia?

Fugiſte da tua gente
lá para huma terra eſtranha;
e pelo horror da montanha
trocaſte a luz da corrente.

Que penſamento, que ideia
te deo eſſe deſatino?
quando tomaſte eſſe tino
tu eſtavas de ti alheia.

Torna, pois, deixa o deſvio,
volta ao campo, larga o monte
porque eſtá o prado, a fonte,
a praia, a margem, o rio,

A floresta, a relva, a areia,
o cazal, o gado, a gente,
clamando continuamente
Galateia, Galateia.

Anfr. Comtigo falla ſoſpeito
o peſcador, mas agora
naõ he tempo do conceito;
vamonos Beliza embora,
que elle vem cá ter direito.

Bel. Dizes bem; e do partido
em q̄ ficamos? *Anfr.* naõ ſei
Beliz. inda naõ tens eſcolhido?
Anfr. naõ: mas ſempre eſcolherei
o que me deixe perdido.

De balde o diſcurſo canſo;
que ha de vir o penſamento
a aceitar, ſegundo alcanço,
o melhor para o tormento,
e o peor para o deſcanſo.

Egloga 7

INTERLOCUTORES.

*Sancho.**Amaro.*

Amar. Hontem que vi levantar
aquella nevoa de dia,
logo presumi que havia
de andar hoje assim o Mar.

Tudo nelle he falsidade,
tudo treição, e mudança,
acena com a bonança
para dar a tempestade.

Sancho. Olha como se maneia!
como faiem encrespadas
as escumas, e quebradas
as ondas, por esta arcia!

Sancho. Se cavares mais profundo
com essa confidraçaõ
acharás essa treição
quasi em tudo o q̄ há no Mundo.

Virgem sagrada, que colla
traz por esta banda aquella!
vê la como se encapella,
como se mexe, e se enrolla!

E assim nelle não se encerra
fõmente, Amaro, este engano;
he tudo do mesmo pano,
seja Mar, ou seja Terra.

Amaro. Todas parecem hum feixe
de agoa viva; amigo Sancho,
vase muito embora o gancho,
que o dia não he de peixe.

Senaõ, já que nisto tocas,
falla agora cá comigo:
onde achaste tu amigo,
sem mil caras, e mil bocas ?

Eu dou hoje de barato
deixarme estar aqui posto,
que não tenho nenhum gosto
de hir ter hum esfolagato.

Em que parte, ou em q̄ estado,
seja no mal, ou no bem,
achaste tu inda alguem
que não fallasse trincado?

Isto tem o Mar: huma hora,
não há mais; parece hum charco;
e se homem prepara o barco
acha-o já de fõs em fora.

Pois se hum homem ter deseja
melhor barco, e melhor rede,
ve que vontade, e que sede
lhe trazem todos de caveja!

Se homem reza o seu rosario,
e comfigo anda fomento,
dizem que foga da gente,
que he bisonho, e solitario.

Se acafo o seu arrecada,
e naõ satisfaz ao rogo
do pedinte, dizem logo
que naõ presta para nada.

Se lhe chega alguma gana
de andar hu pouco garrido,
todos clãmaõ q he perdidõ,
que dá com tudo em Pantana.

Comque emfim naõ sei dizer
entre povo taõ malvado,
por mais que ande registado,
como há homem de viver.

E naõ he isto o peior
na minha confidraçaõ,
que eu posso fazer entãõ
orelhas de mercador.

Mas vir com cara de riso
hum a dar-me á falsa fé;
a gente desta relê
he que faz perder o fiso.

Isto digo da treiaçaõ;
e o que respeita á mudança
em que fallei, indã alcança
muito maior jurdiçaõ.

Eu conheci hum barqueiro,
com bem poucos cabedais;
hoje tem que os outros mais,
e já te mete a escudeiro.

E vês tu Affonso Guerra,
que está pobre como Jó,
pois dizia meu Avõ
que era o melhor desta terra.

Vês tu alli dondê a gente
toma o fol! tambem dizia,
que aquella alta penedia
fora hum paço antigamente.

E assim mais que estas janellas,
agora de tanta estima,
se pozeraõ lá em cima
com barcos, e caravellas.

Vês a Mãe de Jsabelinha,
pois dizem-me que lograra
a mais bella, e linda cara,
que havia nesta marinha.

Hoje a vista se envergonha,
se para ella os olhos lança:
pode emfim tanto a mudança,
que a voltou em carantonha.

Amar. Mas he essa a melhor peça,
que faz toda a viravolta
deste Mundo, quando solta
os feos giros mais de preça.

Da quella, que me respinga
viverei alegre, ao menos,
de que dia mais, ou menos
vem o tempo, que me vingã?

Sanch. Isto supposto naõ tens,
Amaro, que te affligir
se te quizer consumir
Margarida, com desdens:

56 A Bucolica, ou

Amar. He verdade; pois há coisa
como ter esse discurso?
mais quando o tempo em seu curso
não socega, nem repouza?

Antes sempre vai passando
piaõ, piaõ seu caminho;
hora estando a nós vilinho
hora os passos alongando?

Sem pôr nunca pela gente
pelo monte, ou pela estrada
n'alguma coisa a pegada,
que a não deixe diferente?

Digo-te que maior gosto
não pode ter meu desejo,
do que quando Sancho vejo
já derrancado hũ bom rosto.

Ver huma quando tem brio,
como he presumida, e avara!
quanto preza a sua cara,
a vontade, e o alvedrio?

Como falla mui direita
ceceando o seu suffuro!
tudo lhe fede ao esturro,
tudo larga, tudo engeita.

Prezando-se os seus cuidados
de crueis, e carneiros,
por ver os pobres barqueiros
sempre atrás della arrastados.

E ao depois chegando a era
em que hũ anno, e outro passa,
ver como vai dando a trassa
naquella imagem de cera!

Como o rosto o tempo lavra!
como alveja o pello loiro!
como se enverruça o coiro!
como lhe treme a palavra!

Não entendes que he mudança
esta, Sancho, de me dar
grande gosto; e regalar
com ella a minha lembrança?

Sanch. Inda assim apostarei
que te havias de affigir
se o chegasses e sentir
em Margarida: *Am.* eu não fei

Sanch. Huma bem larga ventura
na verdade lhe hẽ devida,
que eu não vi na minha vida
mais perfeita criatura.

Ver o como em toda a parte
vai briosa: ver o afeito
o geito, o ar, o meneio,
sem affectação, nem arte:

Como falla mesurada,
e responde comedida!
como he humilde, e encolhida,
vigilante, e recatada!

Os olhos faõ duas tochas,
cujo lume he tão activo,
que mudaõ em fogo vivo
os bronzes, e mais as rochas.

Do cabello o movimento
o doce Favonio aballa,
e com elle se regalla
o brando affopro do vento.

Quando abre a boca, onde o rogo
seu bem, ou seu mal encerra,
diga fim, ou não, a guerra
nos publica a sangue, e fogo.

Finalmente quando a planta
piza o goivo, o cravo, o lirio,
fente tão pouco martirio,
que mais vivo se levanta.

Amar. Quem te meteo na cabeça,
Sancho amigo, effa parolla,
se a tiraste da cacholla,
quem te vio, não te conheça.

Sanch. Pois que julgas da parlenga?
em fim caies, como hum tordo;
não ves q' o cifo he muy gordo,
para fazer esta arenga?

Amar. Com effeito ella he discreta.

Sanch. pois isto foi hum retrato,
que fez certo mentecato,
que dizem que era Poeta.

Amar. Não era parvo em verdade;
e tu tiveste pachorra
de o meter aqui de gorra?
ora tens habilidade.

Sanch. Não falles de zombaria,
que ha muitos destes fandeos,
que já venderão por seus
os versos, que outrem fazia.

Já o cahir na laseira
de mandar á sua linda
cartas, que estaõ em Florinda,
isso he coiza corriqueira.

Amar. Parece coiza de riso
que haja no Mundo tal gente,
que nunca esteja contente
cõ seu pouco, ou muito cifo.

Que haja honrem tão fandeo,
que vilmente há de gabarfe,
sem que possa contentarfe
cõ aquillo, que Deos lhe deo?

Senão pode com ornato
ageitar huma oraçaõ,
falle como o pai Adaõ,
que he melhor, e mais barato.

Chame a tudo por seu nome,
peixe ao peixe, broa à broa,
que he o que melhor me soa
quando a peço, e tenho fome.

Sanch. Que muita gente coxeia
deste cifo, há de cuidallo;
e quem endireitallo
arrimando-o em boca alheia.

Como se o cifo coitado,
quando tenha algum mão geito,
para andar sempre direito,
lhe vallesse algum cajado?

Porem usar destas tretas
lá entendem que he preciso;
comque anda o pobre do cifo
sempre metido em muletas.

Amar. Pois sabe que outra sandice
inda há maior; que há fogeito
que acha só o seu bemfeito,
e o dos outros parvoice.

Sanch. Eu te digo que he maior
essa teima; e a outra menos;
que aquelle confessã ao menos,
dentro em si, que he peccadôr.

Mas o outro, que indã o nega,
quando comfigo repoiza,
digo que he eita huma coiza,
comque o discurso a renega.

E não cuides que só andã
em gente de pouco porte:
cã, e lá; na villa, e corte,
nisto tudo se desmanda.

Amar. Bem sei que nesse caminho
sempre tropeça a razaõ,
mas quem haverá, que não
se embebede com seo vinho?

E sem que muito adelgace
o meu cifo, hei descoberto,
de que todo o defacerto,
Sancho amigo, daqui. nasce.

Dãme tu que cada hum veja
sem a inclinaçõ, que o atiga,
que tudo em paz, e justiça,
eu te darei que se reja.

Nunca poderam os Reis
temperar este negocio,
sem ter descãço, nem ocio,
em andar fazendo leis:

E eu só com duas razoens,
a vir nellas todo o Mundo,
me atrevia a pôr no fundo
o dano destas paixoens.

E vem ellas, Sancho, a fer,
indaque ditas a Esmo:
Não faças a outro o mesmo,
que a ti não queiras fazer.

Sanch. Também dissera outro tanto,
sem ninguem me ter enveja,
pois há muito que na Igreja
se deu esse dia santo.

Essa he a lei natural;
mas guardalla ahi hê ella;
pois sem a grande cautella
da justiça nada val.

Que ellã, Amaro, não fõ feita
para outra nenhuma aççãõ,
nem para outro fim, senãõ
para a conservar direita.

E só seria escusada
quando a humana natureza,
naõ estivesse taõ preza,
enferma, e desbaratada.

Mas a suã podridãõ
já com nosco he taõ mortal,
que he puxarmos para o mal
toda a nossa inclinaçõ.

Amar. Pois eu, Sanchõ, o que dizia,
e no que ainda me fundo,
hê que se quizesse o Mundo
que o Mundo se emendaria.

Sanch. De hum impossivel me fallas,
que ao fiso não satisfaz,
que o Mundo não hê capãz
de aceitar o que afinallas.

Esta mesma cor, e pelle
ha de ter em toda a idade;
e já agora a enfermidade
ha de fallecer com elle.

Não sei como se atreveça
andando em tanto vaivem:
ninguem sabe quando o tem,
ou dos pés, ou da cabeça.

Amar. Por certo, amigo barqueiro,
que agora zomba zombando,
temos assim conversando
governado o Mundo inteiro.

Amar. Pois tu não cuidas que he vício
isto de andar embarcado?
eu te digo que assentado
tenho de deixar o officio,

E não faltará quem diga,
se nos ouvio nesta areia,
que he esta pratica alheia
de toda a nossa fadiga.

Não merece desengano
trazermos nesta partida
pendente o fio da vida
de quatro taboas, e hum pano!

Sanch. Pois se acaso to differ,
tu lhe dirás a esse Momo,
que eu por minha conta tomo
o quererlhe responder.

Dizem que quem se costuma
ao Mar, nunca o barco deixa,
por mais que delle se queixa,
e que largallo presuma:

Q' a hū barqueiro, inda q̄ rudo,
não lhe será coiza nova,
que lá pela sua trova
possa ser tambem agudo.

Mas hei de deixallo aos poucos,
bem que dê hum par de ais,
porque, Sancho, tudo o mais
he fomite para loucos.

Q' tanto como os demais
pode ser intelligente;
que o discurso he para a gente,
e não para os animais.

Comprarei hum par de ovelhas,
ou de vacas, ou fenaõ
hei de buscar occasião
de criar humas abelhas;

Amar. Olha como molle, e molle,
sem nos já em tal cuidar,
se foi pondo quedo o Mar?
parece que se não bolle.

Darmehá o mel o sustento,
a cera o lume, e o vestido,
e se eu andar advertido,
me darám o documento,

Sanch. Tu bem o viste inda agora
com a testa carrancuda:
he certo que elle se muda
de huma para a outra hora,

Vendo o singular governo,
que tem em seu senhorio,
já para a calma do estio,
já para o frio do Inverno.

60 A Bucolica, ou

Senaõ for mais proveitoza
esta vida, que a do Mar,
tirarei sequer o andar
cá por onde anda a rapoza.

Sanch. Na verdade que estás posto
na razaõ, que a marefia
se huma hora tem de alegria,
tem mais de mil de desgosto.

E he melhor huma pequena
alegria, em que eu me ande,
que por huma muito grande
vir a acharme em maior pena.

Amar. Naõ fomos hoje ronceiros
no fallar, e pela onia,
que demos co' a cachimonia
por esses vallès, e oiteiros.

Sanch. Deixa do Mundo as tramoias,
vamos ás nossas paredes,
eu concertarei as redes,
tu farás hum par de bojas.

Amar. Eu sou desse voto, amigo,
e até chegarmos a ellas,
vão quatro garganteadellas :

Sanch. Começa tu que eu te figo.

CANTIGA.

Ai lá li, ai li, ai le,
he huma grande parvoice
o remar contra a maré.

VOLTAS.

Sanch. Onde vás por essa praia
pescador sem rumo, ou tino?

Amar. Onde me leva o destino,
onde tropece, onde caia.

Sanch. Hirás para Gelboê :

Amar. vou atraz desta doudice :

Sanch. pois não vês, que he parvoice
o remar contra a maré?

Amar. Que hei de fazer, se não posso
curar esta enfermidade?

Sanch. pois quês por tua vontade
que se perca o trato nosso?

Amar. Olha tu se há quem me dê
remedio em tão grande magoa?

Sanch. deixate hir ao rumor d'agoa
até que chegue a maré.

Amar. E se ainda que eu navegue,
sou tal, que não remo nada ?

Sanch. se quem ama não se enfada,
não há prazõ, que não chegue.

Amar. Ai da minha triste fê,
bem que esse alento lhe envie.

Sanch. pescador, não desconfies,
espera pela maré.

Egloga 8

INTERLOCUTORES.

Nuno.

Antão.

Nun. Não és para a vida tofca,
quem na choça, amigo Antão,
co' fono tanto se enrofca,
de erguerse tinha tenção
co' a estrella, com q' o boi mosca.

Ant. Nem eu tenho outras paixoes,
olá, pois não? fim bofe,
que effas imaginações:
e não cuida mais, do que
em idarte' fatisfações.

Ant. Pois agora de que importa
tambem esta madrugada?
de bater quebrafte a poíta;
por ver a gente deitada,
cuidavas que estava morta.

Como se o dormir a eito
fora peccado mortal?
Nun. não anda nos do preceito,
mas quando não seja tal,
nunca escapa de defeito.

Nun. Morta não, mas a contina
de dormir era tão brava,
que para tornarte á fina
de porte em pé, não bastava
nem ainda huma bozina.

Ant. Hei eu de casar contigo?
vaite accommodando hora,
que eu não vou ja todo trigo.

Nun. pois o que me resta agora
he que te arrufes comigo.

Ant. Vá da pucha: encarecello
te não mais: eu te arrganho:
se elle for como hum cabello,
faze-o tu hora tamanho,
que pareça este castello.

Ant. Assim ferá; pois me avanças
com chascos continuamente:

Nun. é tu andas em balanças.

Ant. não ando; porein agente,
nem sempre está para chances.

Nun. Eu bem sei que estás morrendo
para' enxerir os finais;
do fono, n'algum remiêndo;
porem elle não hê mais,
que aquillo, que se está vendo.

Nun. com mui pouco te quebrantas;
e se o houvesse presumido,
não te viuha erguer das mantas;
mas estarás aburrido,
que inda agora te levantas.

62 A Bucolica, ou

Está como te aprouver,
como gostes, como queiras;
e ja que te fiz erguer,
se has de hir ver as sementeiras
he o que quero saber?

Ant. Hei de hir; porq̄ hei de dar rega,
e deitar a'gelva o macho,
que lhe dei honte huã esfrega;
e ver os homens do facho,
e hei de por outros na cega.

Nun. Párdeos, que quem tanto havia
de fazer, estar de borco
na cama, até alto dia
a resonar como hum porco,
foi boa calaçaria.

Ant. Tu tornas a repizar?

Nun. não que tu tomalavêz
tens apanhado mais ar,
e não olhas de travez

Ant. e tu queres conversar?

Pois anda, Nuno, atraveça
por esse alcarnacho fora:

Nun. O? ja te subiu a preça

Ant. não que he tempo: dize agora
quanto te venha á cabeça.

Com que posto cá na estrada
podes fallar tẽ que estoires,
que estás hoje na pancada,
tem mão em ti, não me agoires,
que entãõ não te direi nada.

Ant. E ainda farei juramento
de te não tocar no sono.
nãõ; agora tenho intento
de profeguir esse tono,
e tirarte o balravento.

Tu te prezas de aguçoso,
e de grande busca vida,
e achas nisso grande gofo;
e isso feito, sem medida,
he fer fino cobiçoso.

E o defeito de hum varaõ
maior, segundo discorro,
he ter essa inclinaçãõ;
pois chegando a nacer forro,
fazse escravo da ambiçãõ.

Em tudo a que os olhos lançaõ
pelo Mundo, não atino
que há coiza de mais avanço,
que possa dar o destino,
do que hum pouco de descanso.

E he tão cega a qualidade
de hum cobiçoso desvello,
que sendo a melhor herdade
o socego, quer perdello,
muito por sua vontade.

E ás vezes quem não enxuga
tanto os modos de chupar,
em bens de outros se desfuga;
que a quem Deos quer ajudar
acha mais, que quem madruga.

Por mais que algum vá, e venha
traz a cõlla na barriga,
e ás vezes quem não se empenha
em andar nesta fadiga,
o vento lhe apanha a lenha.

Quanto mais, para que he esta
ansia, de andar á fachina,
se na manhaã, nem na sesta,
homem com esta contina
come coiza, que lhe presta?

E isto, com que fundamento,
fenaõ para o fim inico
de ter desvanecimento
de rico; como se o rico
anda em mais contentamento?

Succede, que indaque o pobre,
hum, que traz forrado o coiro,
anda alegre mais, que o nobre:
este cheio em prata, e oiro,
esse com dois reis em cobre.

Mais do q̄ estes, q̄ o fãrtilho
movem da sorte crecente,
outro, que lie das hiervas filho,
talvêz viva mais contente,
cós seus quatro grãos de milho.

Hũ, que o seu sustento sua,
cã no rincaõ de humas telhas,
hirã mais alegre á rua,
que o que traz as sobrançelhas:
postas nos cornos da lua.

E em qualquer dos lavradores
anda o tempo mais folgado,
do q̄ aquelle, em q̄ os senhores
o trazem sempre occupado
com outras coizas maiores.

Entre a nossa companhia,
inda o mesmo a achar-se vema:
talvêz tráz mais alegria
o sachador, que o que tem
humã grande abigoaria.

Que he certo, q̄ menos guerra
de cuidados se dispoem
a quem sósinho se encerra
com a enxada, que o q̄ o poem
oito charruas na terra.

E por fim para a mantença
basta hum pequeno salario:
para ser a vida extença,
tambem não he necessario
nenhum morgado, nem tença.

Ninguem o alento consome
por lhe faltar a comida,
sempre se passa, e se come;
muitos perderaõ a vida
mais de fartos, que de fome.

Comque se eu tiver comigo,
com que faça as minhas obras,
minha olha, e meu abrigo,
dize tu, as outras sobras,
de que servem, Nuno amigo?

De que servem pois, fenaõ
de andarem com sanforrices:
o nobre, mais o villaõ,
e de os fazer infelices,
e pollos em perdiçaõ?

De que serve, que bom seja
este triste, o negro brodio,
fenaõ; Nuno, de que seja
a treição, o engano, o odio,
a soberba, e mais a enveja?

Que de estragos, e maldades,
malles grandes, danos novos,
naõ tem feito nas cidades,
nas villas, torres, e povos
e a tê cá nas soledades?

Este ter, que he tão jucundo
para todos, com quem trata,
e mete todos no fundo;
em fim este oiro, esta prata
he o peor mal, q̄ hã no Mundo.

Elia

Ella move, e faz a guerra,
tira a honra, tira a vida,
e a natura, que não erra,
já pôz; por isso, escondida
lá nas entranhas da terra.

Mas os homens, inimigos
tê de si, a vão cavar
tão longe de seus abrigos,
pelá terra, pelo Mar
por tormentas, e perigosa

Nun. Buscado tens a raiz
do saber, amigo Antão,
mas se quês huma perdiz,
em paga deste fermaõ,
viste outra sobrepelliz.

Ant. Isso he dito de madraço;
que he ditado bem antigo
que para escapar do laço
se diz: Faze o que te digo,
sem attender ao que faço.

Eu bem fei que tu diráz,
que para darte conselho
que inda fou muito rapaz:
não vai o ponto em ser velho,
vai o ponto em ser capáz.

Tambem fei q alguns fogeitos
me podem, Nuno, dizer,
que me não faltaõ defeitos;
e assim he: não podem ser
em tudo os homens perfeitos.

Mas inda por mais justiça
que faça o reparo alheio,
dirá que tenho preguiça;
mas não dirá que estou cheio
de ambição, e de cubiça.

Tenha lá no meu borrarho
hum pedaço de carneiro,
de manhaã hũ dentê d'alho,
todo o tempo no fumeiro
o salchichaõ, e o taçalho.

No Verão o queijo, e o leite,
de Inverno lume, ou brazido,
tenha unto, tenha azeite,
quando me der no sentido,
que me alevantê, ou me deite

Que quando fáz frio possa
trazer forrado em baeta
hum gibaõ de çaragoffa;
e se fáz calma, hũa choeta
mais ligeira, e menos grossa.

E de quando em quando hir ver
se a adega talvez goteja;
que em quanto eu, Nuno, tiver
isto que te digo, seja
Rei, ou Papa quem quizer.

Nun. Tu gostas agora disso,
no cabo se mais tiveras,
ou desse a alguém no toutisso
em deixarto, sei que houveras
de metello no cortisso.

Ant. Eu não fei o que faria,
porque ás vezes tem tenção
de obrar home o que devia,
e metido na occasião
caje, como cotovia.

O sengo, que tinha sido
em Roma, mestre de Nero,
tambem tinha persuadido
que devia ser austero
na riqueza o entendido.

E ao depois entre a amizade
do Rei, mudou de conselho,
largando tanto a vontade,
que veio a ser o bom velho
o mais rico da cidade.

Mas tambem para què a forte
vejas disto, que se preza
he tão maligna, e tão forte,
que por fim veio a riqueza
ser causa da sua morte.

Q' o dito Rei como hū moiro,
para rouballo, lhe deu
a morte, em grande desdouro
delle, e do mestre, e perdeu
a vida, mais o tezoiro.

Nun. Pois eis ahi como a açcão
sempre ao discurso se atraza;
que vai grande distincão
entre o que se faz em caza,
e o que diz a pregação.

Os mais, ou todos sabemos
o melhor, e o discursamos;
mas em fim todos corremos
traz do mal, e quando vamos
a fugir-lhe, não podemos.

Não porque sejaõ alheios
os meos foros do alvedrio,
mas porque tem tais rodeios
o mal, que entorpece o brio
para vencer feos enleios.

Como aquelle, que sem vento
nem mau tempo, lá debaixo
do barco, sem movimento,
deixase hir pola agoa abaixo,
sem cuidar de salvamento.

E podendo chamar gente,
ou pôr o batel em via;
parece que se não sente,
hindo sem rumo, nem guia
para onde o leva a corrente.

Atè que perdido tudo
com sua mesma moína,
õlha entãõ muito sizudo
com a ultima ruina
para o seu fatal descuido.

Ant. Quantos há que pela estrada
deite Mundo, postos nesta
carreira desordenada,
sabem só, que tem cabe sta,
depois da testa rachada?

Nun. E quantos há que a marrear
vão em pedras cós miollos,
e estaõ sempre a resonar;
e se dantes eraõ tollos,
tollos se deixaõ ficar.

Que em fim he de agradecer
a qualquer, que se exceptua
desta regra, e chega a ver
senãõ na alheia; na sua
cabeça, o que há de fazer.

Ant. Certo, que hum par de carreiras
pelo fengo tem os dado,
e se sentir as ladeiras,
hemos, amigo, chegado
onde estaõ as sementeiras.

Nun. E se a vista me não mente,
cuido que he este o teu milho;
mas tu já lhe trazes gente.

Ant. Como ficou no ladrilho,
ergueuse cedo Vicente;

- E* veio polla de acácho,
que lidando como hum moiro,
preza muito o seu despacho.
- Nun.* Elle estava arrendadoiro,
quanto mais chegado ao facho.
- Ant.* Eu mais prestes quiz meter
nelle os homens, mas não pude,
que havia mais que fazer;
e por mais q' hum homem cude,
não poderudo o que quer.
- Nun.* Cá vejo a senhora Benta,
farlheemos huma visita,
que de formosa arrebenta?
- Ant.* ella será mui bonjta,
mas a mim não me contenta.
- Nun.* O' como estás escâmosol,
se te ouvira agora Benta?
- Ant.* esse, Nuno, he hum ranhezo;
nunca terá pensamento,
que não seja languinhofo.
- E* em dando n'uma contina,
não lha tiras, nem que o maces;
de certo, que em Benta atina,
que a tais beijos, tais alfaces;
se ella fora Caterinal.
- Nun.* O' essa minha senhora
de ser a melhor da Aldeia,
amigo Antão, quem ignora?
posto que a não achas feia?
- Ant.* que dirias, se ella o forá?
- Nun.* Não sei que diga bôfer
para dizer que me agrada
muito, muito, hê dar má fê:
anda limpa, e embonicrada,
parece mais, do que hê.
- Ant.* Ora amigo não tens baço
para poder conhecella;
ou es, Nuno, tão madraço,
que quando olhas para ella,
tens a vista no cachaço.
- Nun.* Não he isso, amigo Antão,
he que no seu rosto poizas,
hum bocado de affeição;
e dáo outra cêr ás coizas
os olhos do coração.
- Quem esse achâque padece-
tras lá consigo hum enleio,
que de continuo o enloquece;
pois diz que quem ama o feio,
que formoso lhe parece.
- Ant.* Não estô de tal maneira
inda co' a minha vontade,
que ande já nessa cegueira:
mui bem vejo a claridadê,
sem ser, Nuno, por pençeira.
- Nun.* Isso imaginamos todos,
por mais que eegos andemos:
vemos por diversos modos
outras faltas, e não vemos
as nossas manchas, e lodos.
- Tu não sabês que he tão manca
nossa vista, que primeiro
verá lá em salamanca
n'outros olhos hum agreiro,
e nos feos nenhuã tranca?
- Não sabês que os namorados
tem lá posto no sentido,
que para ver feos cuidados
trazem os outros perdido
o tino, e os olhos quebrados?

Ant. No que eu cuido que ainda cego
 não ando, he que me sinto,
 sem anfia alguma, e navego
 neste grande laberinto,
 com descanço, e com socego.

Elle eu estivesse posto,
 como dizes, já no fundo,
 não haveria desgosto,
 que podesse dar o Mundo,
 que me não sahisse ao rosto.

Teria a noite por dia,
 o descanço por trabalho,
 a pena por alegria,
 não haveria agazalho
 para a pobre fantelia.

Fêl me seria o comer,
 inquietação o dormir,
 defestado o padecer;
 divertimento o sentir,
 felicidade o morrer.

Que estes parece, que são
 os effeitos, que costuma
 causar a grande afeição;
 e eu não sinto coiza alguma
 destas cá no coração.

Nun. Sabes, porque não trespassa
 cá fora o que dentro arreigas,
 he que ella te mostra graça;
 deixa tu mudar as teigas,
 verás o que vai na praça.

Deixa trocerlhe o caminho,
 que chegues a sospeitar
 que faz noutra parte o ninho;
 que eu fio te possa atar
 c'hum baração e focinho.

Veremos como descanças,
 como dórmes, como atinas,
 e que pensamentos lanças;
 que discorres, que imaginas
 nessas tuas esperanças.

Ant. Elle pôde acontecer
 como dizes, e sospeitas,
 mas até, Nuno, não ver
 todas essas coizas feitas,
 parece o não posso crer.

Pois presumo se de ouvida
 me chegasse inda essa balla,
 que tinha a força medida
 para, amigo, não tornalla
 a ver mais em minha vida.

E tambem comigo assento,
 que em pouco tempo passado,
 que fugisse deste intento,
 não me passava o cuidado
 nem pelo meu pensamento.

Por ventura em toda a idade
 não posso, amigo, dispor
 como eu quizer da vontade?
 assim fora homem senhor
 da sua felicidade.

Por mais que ande o desvario
 pelo alto, se he que eu forcejo,
 se eu tomo corage, e brio,
 não porei o meu desejo
 onde quizer o alvedrio?

Nun. Muito há nisso, que se diga,
 porque faz o pensamento
 e a vontade grande briga;
 e o pobre do entendimento,
 quasi sempre, he que periga.

Se cavalgasse a razão
sempre em cima do appetite,
naõ teria a perdição
do Mundo em todo o limite
tamanho jurisdicção.

E assim no que toca a fere
hum homem senhor de si,
o christão o deve crer,
mas se crece o farneti;
sempre há muito, que veneer.

Sei que com pouco se arreida
o fogo, antes de pegarse,
mas se cria labareda,
hê difficil de apagar-se,
ou na casa, ou na arboleda.

Trocese, e tirase a pelle
a hum espinheiro bronco,
sem q hum homem se arrepelle,
quando vara; mas se he tronco
o decho, que pegue nelle.

Diz q ha hum olio, q se pega
de tal forte, havendo chaga;
que na carne onde se emprega,
nunca se extingue, ou se apaga,
por mais que a gente se esfrega.

Faze conta que he taõ forte
o da amorosa ferida,
que posto da mesma sorte,
bem que o raspen, toda a vida
dura até chegar a morte.

Ant. Andar, as contas lhe boto,
se isso he assim, ver o tóuõ
desencadernado, e tóuõ
e agora deixemos isso.

Nun. Eu tambem sou de sse voto.

E pois tens ali vizinhas,
amigo, as tuas searas;
eu tambem vou ver as minhas,
antes que me custem caras
estas noõs ladainhas.

Que por lá teraõ roçado
talvez ja agora os bezerros;
que Affonso leuou co' arado:
quero dár-lhe quatro berros;
e voltallos ao montado.

Ant. Pois agora que a alvorada
Benta nos dá, quês que diga
que te foste de pancada?
ouve sequer a cantiga

Nun. cá, lha ouvirei pela estrada.

Ant. Tũ hás de tornar depois
poraqui? *Nun.* hei de tornar
lá pola tarde cos bois:
se quizeres esperar,
hiremõs ambos de dois.

Ant. Pois eu te espero no trigo;
e para enfeixar o paõ
manda para cá Rodrigo;

Nun. ora adeos amigo Antão.

Ant. elle vá, Nuno, contigo.

CANTIGA.

Ai fachador da minha alma,
 eu me benzo, e eu me espanto
 de ver que trabalhas tanto,
 fazendo tão grande calma.

VOLTAS.

Para que andas a fuar,
 por mais ter, entre estes milhos,
 se tu inda não tens filhos
 a quem o possas deixar?

Não te mates pela calma,
 de ti mais lástima tem,
 q' eu bem sei quem te quer bem,
 ai fachador da minha alma.

Dize cá não he melhor,
 se has de andar nessas canceiras,
 mais do que á Deusa das eiras,
 servires ao Deos do amor?

Este pode darte a palma
 de tudo quanto suspiras,
 e da hi fomite tiras
 canção, fede, e mais calma.

Parece grande loucura,
 que des tamanho agafalho
 a tão continuo trabalho,
 e desprezes a ventura.

Ai fachador da minha alma,
 se eu posso hum pouço contigo,
 pegote que como amigo
 não andes por essa calma.

Egloga 9

INTERLOCUTORES.

*Simaõ.**Alberto.*

Albert. Folgo, Simaõ, agora de encontrarte,
Que hirás tambem comigo álem do rio
A ver a nossa vinha, e a de Duarte.

Que me dizem que estaõ com este estio
Taõ murchas, taõ trocidas, e enjoadas,
Que receio que as leve este sequio.

Sim. Pois por certo que mal principiadas,
Antes do S. Joaõ, amigo Alberto,
Naõ hiaõ, que eu as vi bem encaradas.

Albert. De hum para outro instante, amigo, he certo
Que o bem, e o mal se muda, e as mais das vezes
O mal he só que está, Simaõ, mais perto.

Sim. Ninguem há que se escape dos revezes
Daquelle, que chamamos má ventura,
Natural fogueião das nossas fezes.

Albert. A ignorância he que nisso conjectura,
Porque esse fado mau he Providencia,
Que vem das maõs de Deos, naõ forte escura.

E assim há de sofrer-se com paciência ;
Porque não se dispoem para outro ensejo
Senaõ para dar luz á negligencia.

Mas isto para nos vem de sobejo ;
Naõ nos metamos nelle , que he mui alto,
Encolhamonos cá no nosso brejo.

Sim. Dizes bem ; porque he certo que está falto
Hum rustico de engenho , e de agudeza
Para co' sizo dar taõ grande salto.

Comque tornando a pornos na rudeza
Da nossa falla tosca , as poucas chuvas ,
E o muito vento , e sol , mau anno reza.

Pois não só se exprimenta o mal nas uvas,
Porena os olivaes , e sementeiras ,
cuidõ que não daraõ mui grandes luvas.

Albert. O peior hẽ de que o paõ falte nas eiras ,
Que já o não haver grande vindima
He hum mal , com que podem as padeiras.

Naõ andará o siso lá por cima
Dos oiteiros, Simaõ , nem dos telhados,
Haverá no cazal menos esgrima :

Seraõ menos tambem os arranhados :
Bem ves que se há de vinho graõ colheita,
como andaõ os miollos emborcados.

Sim. Dou eu effes , Alberto , á má maleita ,
 Que depois de perderem a vergonha ,
 Nos ficão sempre gente de sospeita.

Albert. E está tudo tão cheio desta ronha ,
 Depois que veio ter á nossa praia
 A gente de Bretanha , e de Borgonha ,

Que inda lá nas pessoas de outra laia,
 Anda já este mal tão pegadisso ;
 Que nelle ha pouca gente que não caia.

Sim. E o peor inda , Alberto , não he isso ,
 Mas o não ser injuria , por ser moda ,
 Quasi todos tem posto no toutisso.

E assim em toda a festa em que haja boda ,
 Poemse sempre com tanta demasia ,
 Que quem os vir dirá que hê gente Goda

Que te diga não sei desta Ingrezia,
 Que nunca vem senão á nossa terra
 Derrancarnos co' a sua companhia.

Não poderemos nos fazer a guerra ,
 Sem sua disciplina , ou ter contrato ,
 Sem esta gente , que a razão desterra?

Eu na verdade sou hum mentecato ,
 E não devo estar nisto discorrendo ,
 E ás vezes só por isso me recato.

Más isto per si mesmo se está vendo,
 Pois indaque a destreza cirza o pano,
 Vai sempre á flor dos olhos o remendo.

De lá não se recebe mais, que engano,
 E transformado então em sanguexuga
 Nos chupa o nosso sangue todo o anno.

Todo o nosso tezouro nós enxuga,
 E por nos contentar, cós seus tarécos
 Pezo por pezo a prata, e o oiroxuga.

Cá os nossos haveres feroão pecos?
 Teraão mais mel ós outros por ventura;
 Para andar despejandolhe os seus becós?

Naõ temos a laã branca, a laã escura
 Para cá se fazer panno taõ bello,
 E muito mais barato; e de mais dura.

Ou azul ou vermelho, ou amarello,
 Ou de outra qualquer cor; que se deseje
 De todo o fio, lotel, e mais modéllo.

Há monte, ou campo já, que não sobeje
 De vinho, trigo, milho; e mais seyada?
 Há veraõ, em que a frota não despeje.

Da India, e do Brazil huma manada
 De drogas, e pedraria, prata, e oiro,
 Com que vem sempre rica, e carregada.

Será talvez menor esta valia,
 Que os dizes de París, e de Bretanha,
 Com que nos fás taõ vil mercadoria?

Naõ se alegra inda mais vendo a campanha
 De fructos cheia, o espirito fezudo,
 Que disto, que nos vem da terra estranha

Na verdade que sou hum homem rudõ,
 Mas assim como sou, cuido que atino;
 E diga o que quizer quem for agudo.

Tudo aquillo, que he novo, e peregrino
 Nos parece melhor, e a novidade
 He já tal, que se muda em desatino.

Naõ se move o delirio da vontade,
 Para o justo valor do que aproveita,
 Mas só para a ficção da variedade.

Se se possue o bom, logo se engeita,
 E o inutil, que no engano he fõ, que brilha,
 He que nos enfeitiça, e nos deleita.

Naõ temos outra regra, outra cartilha,
 Que este falso appetite, que seguimos,
 Hindo samente atrás da maravilha.

Os nossos proprios bens não destruimos?
 Naõ damos por bem pouco o nosso oiro?
 Naõ trocamos a prata pelos limos?

Pois que demo nos tráz no vil desdoiro
De acharmos que he melhor o cisco alheio,
Que o fecundo valor deste tezoiro ?

Sim. E quem te mete ati com esse enleio ?
Deixa lá governar o Principado,
Que será necessario esse rodeio.

Trata de abordoar co' teu cajado
Que he indigno o gabaõ, e a carapuça
De emendar as razoens do grande estado.

Lá se avenhaõ os folles com a ruça,
Que não falta quem nisso embote o dente,
E muito mais que nós o juizo aguça.

Tenha Simaõ manteiga, e broa quente,
E para debicár seu par de nozes,
Traga a cabeça leve, o pê corrente;

Boa ataca nas calças, e bons cozes,
E' no tempo, em que tenha algum trabuco;
Corra o anno com passos mais velozes.

Conferve muitos dias este suco,
Que agora hũ homem tem; que eu de barato
Darei tudo o que passa em Pernambuco.

Alguem dirá que sou hum mentecato,
Dirá, mas eu direi, que me estou rindo
De cahir em algum esfolagato.

A Bucolica, ou

Há coiza como andar a gente abrindo
 A terra, para pôr a bacellada,
 Primeiro a cachimonia distinguindo,

Se há de fer de covato ou de effacada,
 A' manta, rego, ou elfa, porque toda
 I'ique, conforme o chaô bem preparada ?

Há coiza como andar depois à roda
 Do trabalho gostoso, a ver o dia
 Da empá, escavadura, facho, ou poda ?

Dize cá pode haver mais alegria,
 Que ver estar os cachos abraçados
 Co' as videiras em doce companhia,

E depois de acolhellos vindimados
 Há mais gosto, que vellos exprimidos
 Para encher os toneis já preparados ?

Naõ arrebatá todos os sentidos
 Ver n'hum copo de vidro a cor vermelha,
 Depois de trafegados, ou cosidos ?

Quem pois com esta vida se aparelha,
 Que faz em lá meterse pelo Mundo,
 Nem puxar a ninguem pela gadelha ?

Albert. Tu tens posto a vaidade bem no fundo,
 Mas quanto ao gosto do que agora dizes
 Naõ ferá neste anno mui jucundo.

Torno a dizer que temo grandes fizes,
E os rendeiros, que estão a traz do ganho,
Tu verás fenaõ quebraõ os narizes.

Sim. Nem sempre pode ser o gofsto estranho,
Hã tempo, em que prodúz mais o armentio,
E tempo, em que se vai todo o rebanho.

Hã tempo, em que não cabe no rocio
A colheita do pão, nem nos celeiros,
E vem tempo, em que a leva o nosso rio.

Por mais louça que tem os vinhateiros,
Inda as vezes não basta, e lá vem hora,
Que não tem que fazer os tanoeiros.

Hum anno em fim com outro se melhora,
E assim se vai passando, vendo a enchente,
Hora dentro por casa, hora por fora.

Albert. Sabes no que eu reparo he ver que ha gente,
Que nunca espera a falta na abundancia,
E assim vive ou mui triste, ou mui contente.

Se guardassem do tempo da ganancia,
Para o tempo da perda, quem duvida
Que haviaõ de viver com menos ancia?

Sim. Bõm era que a justissima medida
Quizessem observar, tendo hũ regresso
Para a falta da roupa, e da comida

Mas porque todos vão com grande excesso,
Sem voltar nunca o rosto para o gasto
Por isso tudo vai logo de avesso.

Bem conheces Lourenço, Affonso, e Basto,
Que ahí os vês andar pelas esmolas,
Digote que tiverão mui bom pasto;

Mas eraõ mui prezados de farçolas
E de outras bestidades, com que, Alberto,
Vieraõ nisto a dar as cabriolas.

Albert. Em fim' tudo no Mundo he defacerto.

Sim. Disso se dá bem pouco hoje Rodrigo,
Que inda está mais co' fizo em descuberto.

Albert. O' contame tu hõra, como amigo,
Que he feito desse pobre vinhateiro,
Porque me dizem que anda sem abrigo?

Sim. Que te hei eu de contar? anda hũ brazeiro,
Mirrado, secco, entregue a seu cuidado,
Orá no valle posto, ora no oiteiro.

Depois que anda este pobre, enamorado
Traz perdido o valor, a graça, e brio.

Albert. Na verdade que hei dó desse coitado.

He crível que este negro poderio,
Aquem amor chamamos, possa tanto,
Que nos metá em taõ grande desvario?

Não he digno, Simão, de grande espanto
 Ver andar só com esta enfermidade
 Hum moço tão perfeito em tal quebranto?

E o que he mais no melhor da sua idade,
 Em que podia ter alegremente
 Tudo quanto concede a mocidade?

Hum moço, que atrahia toda a gente
 Com o feu agazalho, e disciplina,
 De hum coração tão puro, e transparente?

E se acafo tangia a çanfonina,
 O vento, e os animaes adormentava,
 E detinha esta veia cristalina?

Todos deitava em baixo se lutava;
 E a traz tambem os punha na carreira,
 Envergonhando a todos se dançava,

E agora effá, Simão, deffá maneira?
 Ora digote, amigo, que a desgraça
 Vem muitas vezes, sem que hũ homem queira.

Sim. Não prefumas que he esta deffá maça,
 Pois para deitar fora semelhantes,
 Diz que basta que hũ home hũ pouco faça ;

Mas elles vão a tráz dos feos descantes,
 Sem resguardo nenhum; e na esparrella
 Cahem, como estorninhos ignorantes.

Albert. Bem sabes tu, Simão, que isso he mazella
Commua entre nos outros: o perigo
Só se alcança depois da cambadella ;

Por essa causa há poucos , que comigo
Tenhaõ conta, senaõ escarmentados
Pelas maons do fracazo, ou do castigo.

Porem nós, nesta pratica elevados
Fomos perdendo o tino do caminho ,
E tambem nisto andamos descuidados.

Ninguém atire ás telhas do vizinho ,
Que quasi em todos pôz a natureza
As mesmas nodoas n'alma, e no focinho.

Mas vêes este negrume, que se peza
Polas nuvens , que estaõ aqui dispostas,
Alguma trovoadã agora reza.

Parece que diria, se tu gostas
Que vamos para casa, antes que venha
Esta batega d'agoa polas costas.

Sim. Naõ dizes mal ; porque eu naõ tenho lenha
Capaz de me enxugar, se por ventura
Alagar o burel, mais a estamanha.

Albert. Pois eu tenho huma horta já madura ,
Hum pouco de paõ alvo, e huã goteira,
E tambem haverã huma assadura.

Se queres por ca' vir , e tens lafeira ,
 Ou se vai já chegandote a rajada ,
 Bem sabes que a vontade he verdadeira.

Sim. Afirmote que não me defagrada
 Por agora esse teu offrecimento ,
 E achasteme por certo na pancada.

Albert. Como não to offreci por comprimento ,
 Grande gosto medás, grande alegria
 Em não mostrares nisto encolhimento.

Anda, estarás comigo todo o dia :
 Vamos ca' pela banda da cancella :

Sim. Eu vou mais pela tua companhia ,
 Do que inda por tomar a fartadella.

Egloga IO

INTERLOCUTORES

Silvestre.

Alvaro.

Luzia.

Alv. Venhas ora com Deos Silvestre amigo ,
 Que ja eu presumia que faltavas
 A'quillo , que ficaste hontem comigo.

Silv. Bem sei que tu ha' muito me esperavas ,
 Mas sabe que não pude vir mais cedo.

Alv. Digote que algum susto me causavas.

Que he ja muito de tarde , e tinha medo
 Que me tirassem tua companhia ,
 Que atí prendemte, amigo , por hũ dedo.

L

Silv.

Silv. Por mais que me empecessem sempre havia
De cumprir a razaõ, que tinha dado.

Alv. E como não quiz vir tambem Luzia?

Silv. Eu não fei : inda hoje no ferrado
A vi, e prometteu-me de vir logo,
Mas na verdade muito tem tardado.

Alv. A's vezes lhe hê peor o muito rogo,
E inda mais quando eu nelle me intrometo,
Que eu, amigo, com ella nada yogo.

Silv. Não, que tu és prezado de mui reto,
E ella quer quem graceje de continuo;

Alv. E tambem quer às vezes paracleteo.

Quando na triquinada perde o tino,
E eu sou, Silvestre, tal que a toda hora
Sempre enjoado estou, sempre mofino.

Silv. Iffo de longe vem, não he de agora,
E estâs taõ acarrado na tristeza,
Que vai cada vez mais de fôs em fora.

Alv. Ao principio cuidei que era fraqueza
Do pobre coração, mas ja me affusto
De que se vá mudando em natureza.

Silv. Pois trata de fazerte mais robusto,
Que depois de estar bem introduzida
Farâs para arrancalla hu' grande custo.

Alv. Por isso me hei metido nesta vida,
Para ver se configo algum estrago
Nesta ansia natural, e sem medida.

E por certo não foi dia aziago
Aquelle, em que aqui vim, pois ja perfinto
Que dentro menos magoa, e pena trago.

Silv. Pois como entre o vistoso laberinto
Desto bello verdor, podia a pena
Deixar o coração na magoa tinto?

Alv. E elle he certo a mantem; mas mais pequena,
Com ella molle, e molle hirei andando
Ate vermos o premio, que me ordena.

Silv. Não se está, dize, a gente regalando
De ver o viço, a graça, a formosura,
Com que esta horta as hervas vem brotando?

Tão humildes á arte da cultura,
Que não há huma so', que não esteja
Obediente ao rigor da enxada dura?

Como por se alargar aqui forceja
A melindrosa alface, e cheio dellas
Como aquelle leiraõ, alli verdeja!

Como luzem as calvas beringellas!
Como se vem os asperos pepinos,
Com as suas barrigas amarellas!

84 A Bucolica, ou

Como do sol ardente os raios finos:
Naõ poderaõ seccarlhe pela fésta
Nas folhas os orvalhos matutinos !

Como de balde o talo a calma cresta
Da enverrugada coive , pois enrola
No verde coração a folha honesta !

Como estaõ os repolhos n'huma bola
E chupando da terra o brando centro
O nabo, o alho, o rabaõ , e a cebola !

Comque bella frescura alli por dentro
Deste novo canteiro, se aparelha
A cortada folhinha do coentro !

Como logo com ella se emparelha
A cheirofa hortelaã, cós ramos baços ,
A falça , a mangerona , a segurelha !

Como vai escondendo os longos braços ,
Pelas costas daquella larengeira ,
A ansia trepadora dos cabaços !

Em fim naõ há hervinha, que naõ queira.
Trazer o pensamento, e mais a vista
Alegre , cuidadosa , e prazenteira.

Alv. Naõ só, Silvestre amigo, está bemquista
A alegria , mas inda naõ ha folha ,
Que de doutrina aqui naõ se revista.

Aquella, que alli fez a sua escolha
Em se erguer, e subir com mais cuidado,
Ao vento mais de preça se desfolha.

E aquelloutra, que viu seo pobre estado,
E alcançou feu humilde nacimiento,
Melhor se tem disposto, e conservado.

Silv. Nada ha', donde o nosso documento
Não tenha que tirar, favorecido
Das forças de hum fizudo entendimento.

Porem este reparo he mui subido,
Abatamos o curso, e mais rasteiros
Disponhamos os voos do sentido.

Quem nos mete a fallar como escudeiros,
E tirarnos da nossa lingoage,
Se em fim somos huns homens taõ grosseiros,

Que postos sempre aqui nesta parage
Todo o nosso fervor, nossa fadiga
He andar cultivando esta folhage?

Abv. Pois queres tu agora que te diga,
A's vezes mais se diz em húa trova,
Do que na discrição de húa cantiga.

Silv. Se tu quês escapar de alguma fova,
Vai ora de vagar com effes ditos,
Se não vai-te esconder n'alguma cova.

Porque isso, meu amigo, são delitos
De cabeça maior ; pois hoje há gente ,
Que os não consente la' nos feos disfritos.

Diz que quem não fallar pomposamente ,
Nunca pora' na testa aquelle loiro ,
Que aos Poetas se dava antigamente.

Alv. Longe va' , meu Silvestre, o teu agoiro ,
Se isso he assim ganhara' então o premio
O estallo da bombardada, ou do peloiro.

Silv. N'alguns sera' melhor esse proemio ,
Porem bemdito Deos, que fez no Mundo
Tambem casta de gente de outro gremio ;

Onde o ponto não vai em fallar fundo ,
Estrondoso, e rompante , porem claro ,
Doce , facil , harmonico , jucundo.

Ande por cima d'agoa o bom reparo ,
E escuse a gente em hu' , e outro mergulho
De ver a intelligencia ao desemparo.

Alv. A farfalhada ás vezes por entulho
Se mete na oração , mas exprimida
Só se vê entre as maons o cascabulho.

Desejara inda achar huma guarida ,
Fosse deserto , monte, campo, ou praia ,
Onde tal não ouvisse em minha vida.

Mas não há parte alguma onde não caia,
Hum homem nesta rede, e onde não veja
Huma chufma de gente desta laia.

Silv. Eu dera de barato tão sobeja,
Tão importuna casta, se eu me vira
Em parte, onde não fosse a crua Enveja.

Aonde não reinasse o odio, a ira,
A violencia, a treição, a inimidade,
A lisonja, o escandalo, a mentira.

Alv. De toda essa nojenta variedade
Deixas inda huma coiza no tinteiro
De mais fea, e maligna qualidade.

Dize ca', não terá lugar primeiro,
Por mais que seja a infamia d'outro vicio,
Hum amor treçoado, e tensoeiro?

Silv. Pois se elle não tem junta, nem resquicio,
Que não ande coberto d'isto tudo,
Não lho vim sempre a dar por artificio?

Coitado do prudente, e do fizudo,
Que veyo a exprimentar os pareceres,
De quem he marruáz, e cabeçudo.

E para mais sentir os seus poderes,
He tão maldita peça, que os tem dado,
Repara tu a quem: ás más molheres.

Alv. Pois que cuidas ? assim o tem julgado ,
 Nem podia achar gente de outro porte ,
 Que cumprisse tão bem o seu mandado.

Elle tomado de huma , ou de outra forte
 He' a mesma falsidade , e ligeireza ,
 Sem caminho , sem rumo , guia , ou norte ;

He a mesma femrazaõ , dolo , e fereza ,
 Pois entãõ fez a liga com pessoa
 Que fosse desta mesma natureza

Silv. E foi para que nunca coiza boa
 Fizesse em sua vida , nem de geito ,
 Pois tudo quanto fãz he sempre á toa ;

Alv. E mais com tudo isso , houve fogeito
 Que deffendeu a casta femenina ,
 Dizendo , que era nosso esse defeito.

Silv. Isto tambem diria Caterina ,
 Ou Luzia , que nisso se lhe iguala ,
 Porquc he muito prezada de ladina.

Alv. Tem ora maõ em ti , que à chuchacala
 Costuma às vezes vir , e se o perente
 Verás se ella te chega bem á mala.

Luzia E mais não farei mal , que ter o dente
 Para o ferrar nos outros á fuchia ,
 Não me parece açãõ de boa gente.

Silv. Pois na verdade enganaf-te Luzia ,
Que ante ti o direi , e em toda a parte ,
Quando me caha em dito o que dizia.

Luz. Tu muito inchado estás nesse descarte ,
No cabo se estivera aqui contigo ,
Se tu não te calaras, mal que farte.

Silv. O que me falta agora he que comigo
Te venha ao pensamento de que podes
Traçarme pela boca algum perigo.

Luz. Com a tua foberba não te engodes ,
Que para nós dizermos que o fizeras
Presumo que te faltaõ os bigodes.

Porem pondo de hu' lado estas quimeras ;
Quero quẽ me digais o que fazemos ,
Que taõ mordidas fomos nestas eras ?

Silv. Vos bem pouco fazeis : fazeis extremos
Por colher-nos de baixo, e confeguido ,
Coitadinhos de nós , que o padecemos.

Luz. E quem mete primeiro esse partido ;
Senaõ vos outros mesmos, acordando
Quem está no descuido adormecido ?

Silv. Isso , Luzia, foyse acostumando
Do principio do Mundo , a não ser isso ,
Talvez que nos andasseis vós rogando.

Luz. Quem te meteu tal cousa no toutisso,
Ou donde tiras essa futilidade?

Silv. Donde? de hum fundamento bem macisso.

De ver cheio de engano, e de leveza,
Mudança, imperfeição, ociosidade
A vossa miseravel natureza.

E em gente de tão podre qualidade,
Presumir mais se deve este defeito,
Que em outra de melhor capacidade.

Pois inda que cá home está fogeito
Tambem á corrupção, la' vem huá hora,
Que guarda a cachimonia o seu respeito.

Põem vós sem assento sem demora,
Trazéis o pobre genio vagabundo
Descuidadas do acerto, e da melhora.

Finalmente não há em todo o Mundo
Desgraça, estrago, mal, aleivosia,
Que vos não tendais feito mais fecundo.

Luzia Senão se fora já passando o dia,
Eu a isso te dera tal resposta,
Que tu arrenegaras de Luzia.

Alv. Deixai para outra tarde essa proposta:
E deitai ora mão deste refresco,
Que aqui tendes no chaõ a meza posta.

Assentaivos aqui , que está mais fresco ,
Comei a vosso gosto da hortaliça
E não imagineis que sou Tudesco ?

Se as alfaces vos metem mais cubiça ,
Não se vos meta agora no bestunto
Mostrares a vontade hoje remiça.

Tendes ahi vinagre e azeite junto ,
Virám ovos cofidos , se houver gana ,
E alem disto azeitonas , e presunto.

Luz. Eu por mim não aceito : outra semana
Virei mais preparada a este intento ,
Que agora he tempo de hir para a cabana.

Silv. Supposto que eu tomasse balravento ,
Se queres vir comigo , olha que he tarde ,
E podes aceitar-me o offrecimento.

Luz. Se bem que nunca fui muito cobarde ,
Não quero que presumas me disseste
Coiza , de que a paixão de ti me guarde.

Silv. Mas inda que vermelha te fizeste ,
Não tens razão de estares mal comigo :
Ceia a nossa merenda , que te preste.

Alv. A deos Luzia , a deos Silvestre amigo.

OS SONETOS BUCOLICOS,
E PATHETICOS

Quinta parte das Rimas

DE

FRANCISCO DE PINA
E DE MELLO,
PREPOSIC,AM DOS BUCOLICOS.

Soneto I

Se talvez ha' pastor , que inda não tenha
Provado de Cupido o ferro agudo,
Se acaso he tão feróz , tão cabeçudo
Que forme o coração de alguma penha :

Se escondido nas covas de huá brenha ;
Contra as armas de amor achou escudo ,
Não seja tão incauto , nem tão rudo
Que a ouvir meu lamento , ousado venha!

Eu tempero o rabil só para aquelles ,
Que tem o peito aberto , e rota a alma ;
Que estes sabem louvar esta harmonia :

Pois todos os que vestem toscas pelles ,
Ignorando do peito a doce calma ,
Farám das minhas vozes zombaria.

Soneto 2

Em vão , Pastora ingrata , em vão me queixo,
Senaõ ouves meus ais , e meus suspiros :
Eu a aturar os golpes , mais os tiros
Tu rindote por baixo do foqueixo :

Nacida dèves ser de hum duro seixo ,
Pois fazes de meu mal tantos retiros :
Minha alma sempre ás voltas sempre aos giros,
E tu inda a zombar do pobre Aleixo.

Bofe' que já naõ sei o que te diga ;
Nem entendo tambem que presuppõsto
Te desperta a que tanto te retires :

Olha amiga cruel , doce inimiga ,
Que te hei de vir a dar algû desgosto ,
E ao depois naõ te queixes , se o sentires.

94 A Bucolica, ou

Soneto 3

Eu fui o valentaõ destas manadas ,
Mais temido nos montes ninguem era ;
Com as robustas maons a qualquer fera
Lhe partia os engonços das queixadas.

Hoje as forças não só tenho quebradas ,
Mas derretido o peito em branda cera :
Não sabe a gente o mal, que se lhe espera :
Deos nos livre das horas mingoadas.

Depois que vi a cara de Luzia ,
Perdi brio , virtude, arrojo, e furia ,
E não sei se perdi o entendimento :

Mas isto deve ser feitiçaria ;
Porque taõ louco estou que a mesma injuria
Serve á minha vangloria de alimento.

Soneto 4

Aonde hirá Beatriz com tanta preça?
Mas se acafo ella vai encher ao rio,
Deixeme cá ficar meu alvedrio,
Porque já para graça, he grande a peça:

Ella quer ser andeja, e ser traveça,
E quer atarme sempre ao rodopio;
Pois ou há de perder aquelle oufio
Ou de trazerme á roça se despeça.

Pretende em que eu a tenha por sisuda,
E nunca a vi, fenaõ de fõs em fora,
Ora galante está se nisto cuda.

Mas naõ tem que fazer comigo agora;
Pois se a dita menina fenaõ muda
Acabemos com isto, e vafe embora.

96 A Bucolica, ou

Soneto 5

Atê quando enredado o' Caterina
Trarás meu coração na tua touca,
Quando permittirás que a ideia louca,
Deixe de apetecer tanta ruina?

Meu mal com o descanso não atina;
E a vóz de suspirar está tão rouca,
Que entendo que já val coiza bem pouca
Inda arrimada ao som da çanfonina.

Naõ sei porque me poens em tanto risco,
E na minha prezada ociosidade
Queiras mostra fazer dos teus poderes.

Pastora: se ês de genio tão arisco,
Restitue-me a minha liberdade,
E faze entãõ de mim o que quizeres.

Soneto 6

Tambem isto que agora, Amor, me apontas,
Eu não te hei de sofrer por minha vida:
He ja grande a treição para sofrida,
Grandes os malles, grandes as affrontas;

Tem a malicia álerta, as traças prontas
Para erguer a tramoya fementida;
Que eu tenho dado cá n'humas venida,
E faremos depois as nossas contas.

Tu na minha paixão desordenada
Me fabricas, e me armas a esparrella
E esculias outros laços, e outros meios:

Mas isto já importa pouco, ou nada,
Que se ouvidos não der a Madanella,
Veremos os que podem teos enleios:

98 A Bucolica, ou

Omnia vincit Amor.

Soneto 7.

Pastores, que habitais estas montanhas,
Barqueiros, que viveis no grande pego;
Camponeses das margens do Mondego,
Peregrinos, que andais terras estranhas.

Se ver quereis as miseras façanhas,
Que executa hũ rapaz despido, e cego,
Attendei ao mortal desaffocego
Deste meu coração, destas entranhas.

Tomai exemplo em mim, fugi do engano,
Fazei do meu pezar novo aforismo,
Aonde aprendaõ os vossos pareceres.

Mas quem lhe há de escapar, se lhe taõ tyrano,
Que ao Ceo á terra, ao mar, e ao mesmo Abismo
Chega a jurisdicção dos seus poderes.

Soneto 8.

Soneto 8

Depois de ver, Amor, o que tens feito,
Trazes entã risonho, e alegre o rosto:
Já me tens trespassado, já me hás posto
O farpado agulhaõ dentro no peito.

Há tanto que buscando andas o geito
Para me haver de dar este desgosto,
E já mo deste em fim: mas eu aposto
Que inda naõ vás de todo satisfeito.

Eu me contentarei, por mais que a chaga
Me passe o coraçãõ, se a triste vida
Me salvas de ter outra má ventura:

Porem tu es de taõ maldita praga,
Que me hás de esgravatar sempre a ferida,
Para que nunca possa acharlhe cura.

100 A Bucolica, ou

Soneto 9

Deixoume sempre em falso , sempre em branco
Este bem mentiroso, e de corrida ,
Trazendo o pensamento, o gosto, a vida
N'hum ligeiro, e continuo falavanco:

Eu esgoto o discurso, a ideia estanco,
Sem ver onde isto vai: mas quem duvida
Que tudo he traça pelo Fado urdida
Para vir me a deitar n'algũ barranco.

E sou tal, que supposto que o fôspeito
Vou a traz da treição profetizada,
Sem cautella , sem guia, rumo, ou tino:

Pois estou á cegueira taõ affeito,
Que inda estando a razaõ em campo armada,
Sempre a há de vencer o defatino.

Soneto 10

Que alegre som, que faz da quella altura
Este ribeiro em selva, taõ sombria?
Quem fora taõ feliz, como algum dia,
Para poder gozar desta espessura?

Porem quem sente hũ mal de taõ má cura,
Naõ pode ter fabor, nem alegria:
Maldito seja Amor, que se confia
Somente no que diz a desventura.

Inda que o meu discurso se conforte
Com apartarse de meu triste fado,
Tudo desmancho em vendo esta Serrana:

Tyranna sem razaõ, injusta Sorte,
Que até deste rigor, deste cuidado,
Senaõ livre a humildade da Cabana?

Soneto II

Quem dissera, pastores, quem dissera,
Notando de Izabel a formosura,
Que gerar se podia em tal figura,
Condição, e desvio de hũa fera.!

Se he que a imagem tomou á branda cera,
Como o feio imprimiu em pedra dura!
Em fim isto he castigo, que procura
Dar o Fado aos curraes da nossa era.

Mas misero de quem todo este pezo
Lhe caie dentro n'alma, destinado
A soffrer tanto mal, tanto delirio.

Ai de quem idolâtra o seu desprezo,
Sem que veja em seu peito espedaçado,
Mais que a continuação deste martirio!

Soneto 12

Que presume de Amor o aguilhaõ forte
Trespassar de hum soldado o duro peito,
Gloria parece igual ao seu conceito
Que em fim trocou as armas com a morte.

Mas que queira triunfar da mesma forte
No alvedrio de hú misero fogeito,
Naõ sei que authoridade, que respeito,
Consegue nesta acção seo fero cõrte.

Se o brazaõ mais pomposo da victoria
Foi sempre erguer trofeos, ficando á vista
A planta taõ feróz, como bizarra;

Que indicio, Amor será da tua gloria
Pendurares na frente da conquista
Hum cajado, hum gabaõ, e hua' çamarra?

104 A Bucolica, ou

Soneto 13

Se tenho tédio ao bem , e á vida nojo
Que mais comigo intenta Margarida?
E se a alfaia melhor, he bem , e vida ,
Como inda quer de mim outro despojo?

Se quer desesperarme , eu já me arrojoo
A morrer , como a coiza mais perdida ;
Se me quer cativar , que mais unida
Pode a minha alma estar ao seu antojo?

Para que fatisfaça a ingrata ufura,
Hei de entregarlhe tudo quanto atento ,
Desde os foros mais cegos da vontade ;

Por ver o que de mim inda proeura ,
Depois de terlhe dado o pensamento ,
O bem , a vida , o gosto , a liberdade.

Soneto 14

Em quanto destas flores, Ninfa bella,
Quizeste como a roza ser Rainha,
Em teu rosto meus malles entretinha,
Pois mostravaõ comtigo mais cautella.

Atê cuido que a minha infausta estrella
Poder taõ grande contra mim naõ tinha,
Que estando a minha choça ati visinha
Me servias de amparo, e de rodella.

Mas depois que chegaraõ os instantes
De deixares, sem luz este deserto,
Sem defeza fiquei, sem patrocínio.

No mesmo estado estou, que estava dantes,
Pois apenas me vio em descuberto,
Logo o Fado voltou ao seu dominio.

106 A Bucolica, ou

Soneto 15

Ora triste me poem, ora contente
A traidora inconstancia da ventura ;
Humas vezes a dita me procura ,
Outras vezes ma tira de repente :

Já prefumo que o bem me está presente ,
Já vejo que a distancia o desfigura :
Ando atraz deste horror , desta loucura ,
Que em tudo quanto affirma , em tudo mente.

Eu sempre imaginei, que o tosco aprisco
Se compunha de tal serenidade ,
Que ignorava da forte o mal tyrano:

Porem nelle inda encontro o mesmo risco ,
Pois o impulso de tanta variedade ,
Naõ permite que eu chegue ao defengano.

Soneto 16

Desde o meu nascimento a forte feia
A contender andou sempre comigo:
Nunca me permitiu tomar abrigo,
Nem na minha cabana, nem na Aldeia:

Sempre farta de enredos, sempre cheia
De magoas, trouxe a alma lá comigo:
Acaba de assentar, pobre Rodrigo,
Que o teu berço não foi de boa estreia.

Depois de tanto tempo te convida
Para hum bem, que com míseros enganos
Logo o tirou o Fado de corrida:

Saiba-se pois, que ainda entre ferranos
Tem o bem, de hum instante só a vida,
Tem o mal duraçãõ de muitos annos.

Soneto 17

Quem me diz que a ventura favorece
 Os loucos pensamentos da oufadia,
 Ignorando do monte a fantasia,
 A pompa da Cidade o desvanece:

Se a historia de Faetonte não esquece,
 Nem de Icaro a lembrança se desvia,
 Como aquelle, que o estrago defasia,
 Presume que na gloria permanece?

Mas para que estou dando a este intento
 Exemplos taõ caducos, quando hei sido
 Desta ruina hum vivo documento?

Os rudos troncos em que fui nacido
 Bastaraõ a que fosse o atrevimento,
 Precipitado horror do meu sentido.

Soneto 18

Ao som , que hora aqui faz este ribeiro
(Já que está o rabel destemperado)
Cantarei esse bem , que he já passado ;
Ouçame o valle baixo , e o alto oiteiro.

Ouçame este penhasco sobranceiro ;
Ouçaõme as selvas , ouçame o montado :
E vós tambem me ouvi , doce cuidado ,
Que fois o meu perpetuo companheiro.

Naõ queirais rezistir a estar hú pouco
Com a vossa attençaõ , vossos ouvidos ,
Escutando estas vozes balbucientes :

Pois se acafo a vóz triste , e o canto rouco
Naõ vos deixar se quer enternecidos ,
Ficareis sempre ao menos descontentes.

110 A Bucolica, ou

Soneto 19

Que importa que me acoite este carvalho
Ou já da chuva grossa, ou calma ardente,
Se nem este descanzo, que acha a gente,
Me serve a mim de alivio, ou de agafalho?

Nem hú pouco de sono à sombra qualho
Por mais froxo que esteja, e mais doente:
Nem mo basta a chamar o som frequente
Que me faz o carneiro do chocalho.

Já fui tambem buscar o de hum ribeiro,
Por ver se em seu remanso vagaroso
Podia socegar o meu sentido.

Porem pondome a ver nelle primeiro,
Vi que deixava o pranto caudeloso
O tormento, e o regato mais crecido.

Ethica Pastoral. III

Soneto 20

Eu sou o que vivi nestas montanhas,
E dellas fui fugindo ao meu destino:
Por esse Mundo andei sem rumo, ou tino,
Vi nelle novas gentes, novas manhas.

Porem chegando a ver coizas tamanhas
Na Cidade, e no monte peregrino,
Nunca deixei de ver que era mofino,
Inda em terras taõ longas, taõ estranhas.

Aqui â minha choça, pois me vôlto
Confuso, cego, e em fim desenganado
De já poder curar minha tristeza:

Em toda a parte vive o dano solto:
Pois que importa que mude a gente estado
Se naõ pode mudar a natureza?

112 A Bucolica, ou

Soneto 21

Que valia cruel, que injusto abono
Tem na minha alma hú triste laberinto,
Que não sabendo nella o que perfinto,
Me irrito, me embraveço, me apaixono?

Parece que a razão anda sem dono;
Para onde quer me traz o meu instinto;
E sobre tudo emfim o que mais finto
He perder o descanso, e mais o sono.

Vou deitarme debaixo de hum sobreiro,
E apenas este mal me vê deitado,
Não lhe péza huma onça o pé ligeiro:

Com que para a vigia do meu gado,
Não será necessario ter rafeiro,
Porque me basta só o meu cuidado.

Soneto 22

Naõ sei, em que se funda o pensamento,
Que pretende alongar a triste vida;
Sendo coiza taõ feia, e taõ perdida,
Que he só para a afflicçaõ, para o tormento.

Máhora que ninguem tivesse intento
De andalla a conservar, se húa ferida,
Tivesse taõ atróz, o que inda duvida,
Se acaba, ou eterniza o sentimento.

Bem sei que aquelle a quem nunca de rosto
Chegou tégora a darlhe a desventura,
Que viver mais, e mais sempre deseja:

Mas triste do que vive já sem gosto,
E tanto a mesma vida naõ procura
Que a vida, que dilata lhe hé sobeja.

114 A Bucolica, ou

Soneto 23

Eu fui na authoridade, e na riqueza
Hum pastor taõ felíz, que inda acompaño
Na funesta memoria o objecto estranho
Da abundancia , do gosto , da grandeza :

Por toda aquella rustica aspereza
Naõ houve , sem fer meu, algum castanho,
E igualmente cobria o meu rebanho
Este campo , este monte, esta deveza.

Hoje tudo naõ só vejo perdido,
Mas tambem já lá vai o meu socego,
Taõ prezado no tempo da bonança :

Por louco terei sempre o meu sentido ,
Pois nunca presumio que o fado cego
Tinha conhecimento da mudança.

Soneto 24

Hum corvo sobre aquella fovereira
Tres vezes tem grafnado, e de improviso
Encobrio da manhaã o doce riso
Esta nuvem taõ triste, e taõ grosseira:

Parece, que recuaõ a carreira
Os rebanhos, perdendo o seu aviso,
E o vento, sem se ouvir, fica indeciso,
Entre o loiro matîz da sementeira.

Que intentará fazer a sorte escura?
Se fallaõ, pois, comigo estes correios,
Cuido que desperdiça os seus tesouros.

Porque a minha sabida desventura
He tanto já, sem voltas, nem rodeios,
Que escusa o comprimento dos agoiros.

116 A Bucolica, ou

Soneto 25

Naõ há dor por mais viva, que ella seja,
Que o tempo naõ abrande, ou diminua:
Ou quando leva o gado a forte crua,
Ou quando tira a fama a dura enveja:

Nunca o dano, ou o mal tanto forceja
Que naõ console a gente a pena sua;
Porque nenhuma magoa continua
Em qualquer crescimento, em que ella esteja.

Só eu confervo sempre este tormento,
Naõ me saraõ os meios, que procuro,
Sempre está na garganta a forte espinha:

Naõ val afadigar-se o pensamento
Em tudo quanto intento, e conjecturo;
Naõ sei que natureza he esta minha!

Soneto 26

Taõ mortal, taõ alheio, taõ transido
Ando neste rigor, que se me ordena,
Que o meu corpo parece huma alma em pena,
Que vaga pelos montes, sem sentido.

Os pastores me encontraõ taõ perdido,
De taõ pãllida cor, e taõ terrena,
Que só pelo ranger da minha avena
He que sou hoje delles conhecido.

Ignoro como a carne quebrantada,
Se atreve a ter em pê; nem com que loro
Ou respiro, ou resisto, ou me sustento:

Mas como tenho a vida costumada
Neste mal; nelle vivo, nelle moro
E faço delle proprio mantimento.

118 A Bucolica, ou

Soneto 27

Este meu taõ gostozo, e alegre prado,
Esta fonte taõ minha, este arvoredo,
Quantas vezes aqui me causaõ medo,
Tantas foraõ meu bem, e meu sagrado:

Naõ que os annos os tenhaõ demudado,
Que tudo está quieto, manso, e quedo,
Mas porque a forte quiz que o tempo ledo
Fizesse em mim o effeito costumado.

O gado, sem remedio, anda perdido,
A cabana desfella a tempestade,
Com que o estrago caminha sem detença:

Ando em fim pelos montes foragido,
Pois temo seja tal a enfermidade,
Que a todos se lhe pegue esta doença.

Soneto 28

He certo de que em mim se tem cumprido
Ser a patria, naõ Mai, porem Madrasta;
E he este ingrato influxo de tal casta,
Que aniquila as porçoens, que há concebido.

Por ella já me vi quasi perdido,
E naõ fei se inda hoje me contrasta
Mas tambem nada monta, nada basta
Para perderlhe o amor, mais o sentido.

Na verdade que bem considerado,
Este affecto, repugna o trato rudo,
Que aqui hú homem tem nesta parage.

Muito tem que dever ao humilde estado,
Se entre as choças, e tráfago miudo
Encontra huma alma nobre em tosco trage.

Soneto 29

Que triste imagem fáz na minha ideia
A lembrança infeliz daquelle dia,
Que ao pé deste ribeiro discorria
Na sua descançada, e manfa veia :

Alli có a maõ na face, e pola areia
Deitando os longos olhos, divertia
Aquella taõ mortal melancolia,
Que me fez auzentar da minha aldeia.

Alli foi, sem o ter imaginado
O objecto do meu bem, com tanto alento,
Que mudou o martyrio todo em glorias :

Mas tudo se perdeu; e o duro fado,
Naõ sei, levando o meu contentamento,
Como me quiz deixar estas memorias.

Soneto 30

Ribeiro , que dil'corres mansamente
Que fora já de ti no secco estio ,
Se com as muitas agoas , que te envío,
Cabedal não tivera essa corrente:

Mas não só te achará regato a gente ,
Porem tem esperança de ser rio :
Que a mina , que sustenta este rocio ,
Immortal a verás no peito ardente :

Se logreres a caso este respeito ,
Por amor deste gado , o que te rogo
He que apartes o giro desta selva :

Se essas agoas são filhas do meu peito ,
Que deves esperar de tanto fogo
Senaõ que abraze o campo , e queime a relva?

122 A Bucolica, ou

Soneto 31

Tudo quanto descubro, quanto alcança
A perturbada luz, a quanto chego
Nestas margens saudosas do Mondego,
Tudo assombro me dá, tudo me cança:

Vejo as aves, e o ar sempre em mudança;
Vejo as penhas, e os troncos sem focego;
Vejo erguerse, e abaixarse o fundo-pegó:
De meu mal tudo viva similhaça.

Ou posto na cabana, ou hindo errante
Pelo mundo buscando o meu perigo,
Nunca a vida alcançou hum leve assento:

O Fado conheci sempre inconstante,
Mas em quantas mudanças fez comigo,
Todas encaminhou para o tormento:

Soneto 32

Semea-se a linhaça , corre o estio ,
Nace , crece , dê flor , e amadurece ;
Já se arranca , e se ripa , e ao sol se aquece ,
Abre a baganha , e metese no rio :

Poemse , para enxugar-se , no poufio ,
Vem a maça , e a grama ; desfalece
Na trasquinha , e sedeiro ; e inda apparece
Em estrigas na roca , e logo em fio.

Depois na maçaroca , e na meada ,
No novello , e na teia ; e finalmente
Atê manter o fogo na trocida :

Minha tragedia , bem considerada ,
Quem não dira , Luzia , e mais não mente
Que isto tudo passei em minha vida ?

Soneto 33

Ah pastora inimiga, affim a folha
 Viras contra huâ fé, como esta minha?
 Por ter o bom de Braz mais huá vinha
 Intentas o fazer taõ vil escolha?

Confidera infiel, ingrata olha
 Primeiro a onde o Fado te encaminha,
 Naõ vás dar ao depois n'alguma espinha,
 Que te alongue a desgraça, o bem te encolha.

A bonança da forte he mal segura,
 Nem pode haver descanso, haver firmeza,
 Senaõ nos privilegios da alma pura:

Cuida pois, se ferá mui boa empreza
 Trocar pelos haveres da ventura
 Os dotes, que concede a natureza?

Soneto 34

Em fim huma pastora taõ bonita,
Que ser podia enveja da Cidade,
A'ffinte quiz perder a liberdade,
Por vingança, por teima, e rebendita!

O' que mal de huma offensa se desquita,
Pois contra si voltou a falsidade!
E isto tendo outro gofsto, ou vontade
No coraçãõ impressã, n'alma escrita.

Quanto esta sem razaõ melhor lhe fora
Ella nunca fazer, que a pena agudã
Sempre o peito trará n'huma batalha:

Coitada: que há de vir aquella hora,
E mais cedo talvez, do que ella cuda,
Que chorar o feo engano lhe naõ valha.

126 A Bucolica, ou

Soneto 35

Deixoute Brites? sim: pois que esperava
De huma molher a tua fantasia?
Pouco aviso tens tu, se he que algum dia
Outra coiza teu sifo imaginava:

Dize tu ora cá: que lhe faltava
Para ella te fazer essa falsia?
Naõ tem por natureza ser vasia?
Pois he certo que tudo lhe iobrava.

Se tu queres tomar o meu conselho,
Naõ tornes a fazer mais caso della,
Inda que te prometta ser sifuda:

E para naõ cahires mais no relho,
Se houver outra, que queira armar costella,
Faze sempre de conta, que se muda.

Soneto 36

Ategora não teve algum Vaqueiro
Affecto como o meu ; pois a Luzia
Com tanto afincó amei , que lhe queria
Muito mais, que ao meo gado, e ao meu rafeiro:

Porem aquelle amor taõ verdadeiro
Pagou com tal mudança , e tirania ,
Que sem ver o que a gente lhe diria
Me trocou por hú triste Pegureiro.

E he de tal qualidade , de tal casta
Esta minha paixãõ , este delirio ,
Que para refreiallos nada monta.

Barbara lei de amor ! que não me basta
Soportar tanta dor ; mas que o martirio
Inda queira afagar a minha afronta !

128 A Bucolica, ou

Soneto 37

Em hum pequeno alivio tinha eu posto
Da minha vida a triste segurança ;
E era só , que o fazer Brites mudança
Naõ foi sua eleição nem foi seu gosto :

Mas hoje que já traz sereno o rosto ,
E julgi huma violencia por bonança ,
Naõ só me fáz perder minha esperança ,
Mas quer verme acabar neste desgosto !

Ouvintes de meu mal , e dano esquivo ,
Ahi vos deixa a minha desventura
Gado , curraes , rafeiros , e apolento ;

Que eu vou por esse mundo fugitivo
A morrer , onde a minha sepultura
Se cubra de hum perpetuo esquecimento.

Soneto 38

Casar Brites com Gil , grande tormento
Foi para hum coração , que a amava tanto ,
Porem lá tinha a dor menos quebranto
Em presumir , que o laço foi violento:

Mas que pena será , que sentimento
Que angustia , q̄ pezar , q̄ horror , q̄ espanto,
Vendo em riso mudar seu triste pranto ,
Fazendo já fecundo o casamento?

Defenganesse o mais favorecido ,
Que em genio feminil não há firmeza ,
Hé tudo huma inconstancia , e variedade:

He Vento , he Lua , he Mar o seu sentido ,
Não se achando na sua natureza
Separada a mudança da vontade.

130 A Bucolica, ou

Soneto 39

Praza a Deos , fementida , ao Ceo lhe praza ,
Que o mal que tu me fazes exprimentes ,
E antes que chegue hú mez tenhas presentes
As penas de Taliaõ em tua caza.

A chama , que me queima , e que me abraza
Eu te veja deitar em ais ardentes ,
E fique para aviso , e horror das gentes
Mudãdo o peito em cinza , ou feito em braza:

E por maior vingança ordene o Fado
Que as agoas cristalinas do Mondego
Me apaguem labaredas taõ vorazes :

E vestindo o çurraõ , compondo o gado ,
E tornando outra vez ao meu focego
Eu te possa fazer o que me fazes.

Soneto 40

Bem me lembra que Gil jogou a barra
Melhor, que algum Vaqueiro ; e na folia
Naõ o excedeu alguém , quando a tangia ,
Ou já na çanfonina , ou na guitarra :

A monteira , as polainas , e a çamarra
Lhe cubria de neve a manhã fria ,
E com igual tezaõ o sol sofria ,
Embebido no canto da Cigarra.

Mas hoje no seu peito a idade enxuga
O succo juvenil , e delle cobra
Tributo de cançado , e froxo velho :

A carne se descora , e se enverruga ;
Porem todo o valor , que teve a obra ,
Se mudou para a força do Conselho.

132 A Bucolica, ou

Soneto 41

Esteja o rico embora vendo o ornato
Da meza com manjares exquisitos ;
Tenha trajes , e haveres infinitos ,
Com grande ostentaçaõ , grande aparato :

Que eu posto aqui ao pê deste regato
A ver andar faltando os meus cabritos ,
Ouço ao longe do engano aquelles gritos ,
Que me servem de exemplo , e de recato.

Mais quero comer broa , alho , ou cebolla
Ao longo desta placida corrente ,
Que verme pendurado na tribuna :

Governe quem quizer do Mundo a bolla ,
Porque nada he melhor estar a gente
Ca' de baixo da roda da fortuna.

Soneto 42

Que alegria maior, que o verme posto
Neste bem, neste trafego innocente,
Guardando as minhas cabras entre gente,
Que não causa perigo, nem desgosto?

Vejo assomar do Sol o claro rosto,
E depois sepultarte no Occidente:
Vejo passar, quieta, e mansamente
O burrifado Abril, o secco Agosto.

Vejo cheios de folha os troncos rudos,
Vejo emfim deste rio, estas areias
A suave, e feliz amenidade:

O' santa habitaçã de homens sisudos,
Sabe que em quanto houver no Mundo aldeias
Nunca Gil saberã, onde hê Cidade.

134 A Bucolica, ou

Soneto 43

Que importa, que me leve a falsa ideia
A ver outros currais, outros apriscos,
Senaõ acho lugar de menos riscos,
Do que a minha cabana, e a minha aldeia?

Aqui onde burrifa a clara veia
Destá fonte os arbustos mais ariscos,
Aqui entre estas malvas e troviscos,
Somente o meu discurso se recreia:

Neste monte taõ triste, e solitário,
Naõ encontro do Mundo aquelle enredo,
Que tanto me estragou a fantasia:

Fez a usada mudança o tempo vario,
E conhecer podera, inda mais cedo,
Os males, e os enganõs de algum dia.

Soneto 44

Que fora já de mim coitado , e cego ,
Que fora no que lido , e no que canço ,
Senaõ me dera alivio este remanço
A onde só encontro o meu focego ?

Se a forte tem tomado por emprego
O desmancharme tudo quanto alcanço ,
Que seria a naõ serem meu descanço
As cristalinas margens do Mondego ?

O' doce patria minha , suave coito
De meu gado , meu bem , e meu jazigo ;
Competi com a longa eternidade :

Em vós he que descanço ; he que pernoito ,
E em quanto me valer o vossõ abrigo ,
Soe embora do Mundo a tempestade.

136 A Bucolica, ou

Soneto 45

Rompe o Ar hú trovaõ , logo o corisco
Despede a nuvem negra , e esse penedo ,
Que impinava a garganta de hú rochedo
Depois de ser carvaõ , se torna em cisco.

Profegue a tempestade , e o mesmo risco
Sente o tronco mais forte do arvoredos ,
E em tanto horror está , sem susto , ou medo ,
A rustica cabana , e o tosco aprisco.

Este exemplo me faz bulcar a estrada
Da ruda profissãõ , que brando a ideia ,
Que intentava andar lá por esse cume :

Aqui ando guardando esta manada :
Bemdita seja a choça , e mais a aldeia ,
Que nem inda do raio enxerga o lume.

Soneto 46

Quando a tormenta com rumor violento
Faz tremer inda a torre mais ufana,
Ao mesmo tempo a rustica cabana
Firme está, e segura em seu assento:

O despenho feróz do irado vento
A duraçãõ do cedro defengana,
E com o mesmo impulso a pobre cana
Se inclina com suave movimento.

He pois para notar o quanto lida
Para sempre subir nossa loucura,
Sem ver a sem razaõ desta vontade:

Se no alto periga a nossa vida,
Para que andamos a buscar a altura,
Contistindo o descanso na humildade?

158 A Bucolica, ou

Soneto 47

Seja neto da Lua, do Sol filho
O inchado cortezaõ, que eu naõ o envejo,
Em quanto no meu campo a tempo vejo
Em vages o feijaõ, bargado o milho:

Opprima a eira o malho, calque-a o trilho
Elle deite o navio ao largo Tejo;
Enfeite as suas salas de azulejo,
Que fructos encherám o meu ladrilho:

Coma embora galinhas, e perdizes,
Que eu na minha choupana baixa, e ruda
Comerei a manteiga, e broa quente:

E sem os seus regalos, e tapizes,
Tenho cá para mim, se Deos me ajuda,
Que viva, como elle, taõ contente.

Soneto 48

Pastor das carregadas sobancelhas,
Mais triste, do que o horror da noite escura,
Onde trazes a louca conjectura,
Que tão mal te dispoens, e te aconselhas?

Toma o antigo ditado ás noffas velhas:
Se a não tens, porque buscas a ventura?
E mais perdendo já tanta loucura
O tino da cabana, e das ovelhas?

Deita ao teu pensamento bem a conta,
E trata de voltar ao teu montado
A comer com fabor as tuas migas:

O teu grande saber de que te monta,
Se vemos que não pode o teu cuidado
Dar á falsa Violante quatro figas?

160 A Bucolica, ou

Soneto 49

Sendo Braz taõ affente , taõ maduro
Como deixa o descanso , que hoje gofa ,
Elevado de hum ansia cobiçosa
Vai ser ao Mar Arraez , ou Palinuro ?

Porem vá muito embora , em quanto eu curo
De outra vida , talvez menos rendosa ,
Mas posto cá por onde anda a raposa ,
Mais pobre viverei , mas mais seguro.

Valhate sathanâz por demasia ,
Que taõ mal os intentos aconselhas
Dos pastores mais saons da nossa gente :

Trazelhe sempre á roda a fantesia ,
Tendo nas laus , e leite das ovelhas ,
Com que passar a vida alegremente.

Soneto 50

Saiba o campo , o arvoredos , o monte , o prado
Que he este o som , e o canto derradeiro ,
Que tenho de fazer no meu Psalterio
Algum dia taõ doce , e taõ prezado :

Aqui o deixo pois , dependurado
Nos ramos deste rustico salgueiro ,
A onde possa ouvir o passageiro
Humas tristes memorias do passado.

Dita ferá , que o tempo o naõ destroce ;
Que nelle tem de ver seu mesmo giro
Huma coiza taõ nova , como estranha :

Pois ferido ao rumor do vento doce ,
Há de ficar fervindo o seu suspiro
De oraculo immortal desta campanha.

SONETOS PATHETICOS

Soneto I

P R E P O S I C , A M

Mortaes : os que viveis no mar sereno
De hum Ocio , que parece suavidade ,
Naõ tenhais a infeliz curiosidade
De veres quanto passo , ou quanto peno :

Fugi de mim , que basta hú leve aceno
Destá minha fatal calamidade
Para que a sua mesma qualidade
Vos sirva de contagio , e de veneno.

Mas se ainda , a pezar do meu retiro ,
Quereis ver a infosfrível competencia ,
Que trago com meu proprio desemparo ;

Attendei ás palavras que profiro ,
Sabereis nos arrojos da cadencia
A casta de martyrio , que preparo.

Soneto 2

Nem ausências da patria , nem mudança
De estado , profissão , e natureza ,
Já mais poderam ver minha tristeza ,
Sem a sua funesta semelhança :

Ainda que se alenta , e que se cansa
Do discurso a engenhosa futilidade ,
Não descobre outro indício , outra certeza
De me vir outro alívio , outra esperança .

Quanto mais a ventura persuado ;
Os vestígios do bem entãõ ofusco ,
Com maior confusão , maior empenho :

Mas para que se afflige o meu cuidado ,
Se quanto mais a chamo , mais a busco ,
Mais estou publicando , que a não tenho ?

164 A Bucolica, ou

Soneto 3

Entre a furia de males taõ subidos ,
Que vingança procuro , ou resistencia?
A vingança ló fundo na paciencia ,
O despique em meos ais , e em meos gemidos.

Para augmentar a guerra aos meus sentidos ,
Anda comigo a forte em competencia ;
E eu curo tanto mal na deligencia
De em mares ver meus olhos convertidos.

Mas esta naõ he boa medecina ,
Antes cuido que nella se acrescenta
O symptoma mortal das ansias graves :

Pois a mesma experiencia nos ensina ,
Que quando a enfermidade he mui violenta ,
Naõ se extingue com meios taõ suaves.

Soneto 4

A vaã , a cega , a louca fantesia
Suspenda de huma vez o passo incerto ;
E rompa finalmente aquelle aperto ,
Em que geme a infamada cobardia :

Caia o altar , acabe a idolatria :
Contra o Idolo a peito descoberto
Se prepare a razaõ , ficando aberto
Todo o engano da fera tyrannia :

Bem sei que naõ me aparto , sem a injuria
De me ensinar o mal , por mais que exponha
Que a violencia me pøs neste perigo :

Porem cesse a paixam , quebrese a furia ;
E faia já se quer , sem a vergonha
De estar inda obstinado no castigo.

166 A Bucolica, ou

Soneto 5

Com que ainda não vens desenganado?
Dizeme pensamento, quem te anima?
Se algum dia te tive em grande estima,
Quanto há, que esse tempo he já passado?

Aonde te arrebatava esse cuidado?
Ai quanto me magoa, e me lastima
Verte tão contumaz; e isto em cima
De achares tanto affecto mallogrado.

Pois eu não imagino que haja meio
De curarte, e cumprir aquelle voto,
Que he salvaçãõ da dor, e do delirio:

Porque fica, hindo atrás do teu enleio,
Infame o brio, o juramento roto,
Publico o estrago, immovel o martirio.

Soneto 6

Vendo estou como corre diligente,
E como de tão longe o impulso atina,
E como á sua origem se declina,
Tão ligeiro o cristal desta corrente!

E estando no Oceano já patente
Para o seu curso a urna cristalina,
Como busca o seu fim, sua ruina
Apressado, seguro, e transparente!

Ora sempre cuidei vendo a loucura
De buscar meo estrago em todo o instante,
Que eu só tinha huma sorte, tão escura:

A fonte he de meu mal participante;
E he certo que a mais triste desventura
Não deixa de ter outra semelhante.

Soneto 7

Quem vê desapegar-se lá da esfera
Exhalado vapor de errante lume,
Quando despede a chama não presume
Que para hum largo giro se acelera?

Pois tão pouco em seu curso perlevera,
Que segundo nos mostra o seu costume,
Em ligeiro despenho se consume,
Apenas pelos ares reverbera.

Quem vio também nos orbes da esperança
Correr meu pensamento, não diria,
Que o cercava huma eterna segurança?

Pois saibase que achando a mesma via,
Ficou sendo a mais propria semelhança
A exalação, da minha fantasia.

Soneto 8

Já vem cahindo a sombra, já procura
Auzentarse da relva o manso gado,
Já se veste de luto o Ceo, e o prado,
Já está cheia de horror esta espeffura:

Carregada se mostra, a noite escura,
Das aves mais sombrias se ouve o brado,
E ao longe de algum monte despenhado
Hum ribeiro somente he que murmura.

A modo, que não quer fer perffentido
Tambem anda, com toda a futiliza,
O vento pelo bosque denegrado:

Vive o silencio, a treva, a fizudeza:
Que lugar pois melhor para o sentido
Fartar huma alma triste de tristeza?

170 A Bucolica, ou

Soneto 9

Quem vir a minha vida, e vir meu rosto,
E souber que não fallo, nem respiro,
Que nem exalo hum ai, nem hú suspiro,
N'hum continuo silencio sempre posto:

Que passa o fresco Abril, o secco Agosto,
Que cumpre o anno seu redondo giro,
E que em fim deste estado me não tiro,
sem mostrar pena alguma, algum desgosto:

Cuidará que de bronze, pedra, ou gelo
se fez meu coração, pois nunca teve,
Nem pezar, nem angustia, nem desvelo:

E ai d'aquelle infeliz, que sempre esteve
A formar de seo peito hú Mongibelo,
Cobrindo o fogo, e ostentando a neve!

Soneto IO

Quem não se admira vendo que a rudeza
De huma penha, das lagrimas, que brota
Outra penha, cahidas gota, a gota,
Chegue em fim a abrandar tanta dureza!

Mas quanto será digno de estranheza
Maior, quanto de mais subida nota
Ver estar a hum deluvio, tão remota,
Da compaixão, mais nobre natureza.

Quem pois de ouvir assombros se convida
E este por impossivel o reputa,
Venha ver huma coisa, nunca ouvida:

Veja em pedaços feita aquella gruta,
Veja de meus suspiros combatida
Quem nem falla, nem ouve, nem escuta.

172 A Bucolica, ou

Soneto I I

Que causa pode haver para que neste,
Ou noutro qualquer monte, qualquer planta,
Nunca chegue a alcançar firmeza tanta
Como se acha no alento do Cipreste?

A sombria esmeralda, que o reveste,
Nem Dezembro, nem Junho lha quebranta;
Quando apenas o Inverno se levanta
Não ha tronco, quem fique a pompa agreste.

Como na gala tem taõ pouco assento
Hum frondoso Briareo, e como assiste
N'huma fantasma verde tanto alento?

Estou para afirmar que só presiste
Por copia da esperança, que sustento,
Que sempre verde está, sempre está triste.

Soneto 12

Se és, ó Lize, na luz, e na pureza,
Do Ceo taõ semelhante criatura,
Como tomaste delle a formosura,
E naõ tomaste delle a natureza?

Se o Ceo tem na piedade mais nobreza,
Como poens teu brazaõ em ser mais dura?
Ou destaze a harmonia da figura,
Ou emenda os estilos da fereza.

Trata pois de attender a quem te adora,
Que bem sabes que hú bronze perfumado
Chega a fazer o culto, idolatria:

Se a minha fé as aras condecora,
Naõ permitas que o voto desprezado
Passe de ser constancia a ser porfia.

174 A Bucolica, ou

Soneto 13

Gira o Sol, voa a ave, affopra o vento,
Corre a fera, anda o bruto, pasta o gado,
Mas todos (cadaqual em feo estado)
Descanção de feu proprio movimento:

Na fésta o gado, o bruto no sustento,
Na cova a fera, o vento no ar delgado,
A ave no feu ninho focegado,
E o sol no cristalino monumento.

Só na fragoa cruel da minha pena,
A tado sempre á roda do martirio,
Nem huma luz do bem-se quer alcanço:

Taõ vehemente fadiga se me ordena,
Que inda o curso fatal do meu delirio
Me vexa mais nas horas do descanso.

Soneto 14

Hé crível que na esfera do meu peito ,
Sendo taõ breve , e estando taõ conciso ,
Caber possa hum Inferno , e hum Paraíso ,
E nacer de huma causa tanto effeito ?

Apenas de meu mal sobe o conceito
Fico desesperado , e de improvizo
Basta ver o final de hum doce riso
Para deixarme logo satisfeito.

Isto naõ he paixãõ , que a natureza
Podesse nunca dar , he qualidade
Totalmente incapaz de hum peito humano :

Acabe pois , o assombro desta empreza ;
Ou chegue de huma vez a suavidade ,
Ou venha para sempre o desengano.

176 A Bucolica, ou

Soneto 15

De indultos luminosos adornado
Foi ocupando o ar gentil loureiro:
Commovido do vento lisongeiro,
Era idolo do bosque, e luz do prado:

Eis que encuberto o sol, e o Ceo turbado
Despedindo hum colerico luzeiro,
Antes de ouvirse o horror, ficou primeiro
Todo o brilhante tronco espedaçado.

Vivia; sem já mais ter presumido
Que o vehemente furor das tempestades
Lhe causasse taõ funebre mudança:

Quem se pode fiar no promettido,
Se o proprio juramento das Deidades
Naõ basta para a nossa segurança?

Soneto 16

Quando vejo este alegre passarinho ,
Prifioneiro entre as maons da falsidade ,
Que canta com taõ doce suavidade ,
Tanto contentamento , e tanto alinhõ ;

E tendo muitas vezes o caminho
Aberto , para a sua liberdade ,
Torna a buscar o laço por vontade ,
Mais querendo a prizaõ , que o caro ninho ;

Parece que estou vendo huma figura
Da minha preza , e louca fantasia ,
Que nunca deixa o canto lisonjeiro :

E se acafo conhece a desventura ,
Em lugar de fugir da tyrannia ,
Vem meterse outra vez no cativeiro.

178 A Bucolica, ou

Soneto 17

Doces ribeiras , arvores frondozas ,
Sombrias selvas , bosques dilatados ,
Alegres campos , florecentes prados ,
Praias benignas , margens deleitosas ;

Valles amenos , agoas amorosas ,
Ninfas gentís , pastores namorados ,
Auras serenas , páramos bordados ,
Açucenas , jálmins , goivos , e rozas :

Em fim retrato bello , imagem pura
Daquella regiaõ , em cuja esfera
Naõ houve nunca gloria fugitiva :

Que delicia , que gosto , que ventura
Podera em vos achar se eu naõ tivera
Sempre o meu coração em guerra viva ?

Soneto 18

Fugir, ò Lize, de hum rigor impio,
Naõ he culpa, he preciso movimento,
Pois como te elegeu o entendimento,
Naõ pode lisonjear-te o delvario.

He mais illustre o affecto, que o desvio;
E ao mais nobre se deve o rendimento;
Como ha pois de vir nunca o pensamento
Em render a hú desdem hú alvedrio?

E affim, por mais que o peito se quebranta,
Hei de negar o voto, em quanto queira
Sogear-me o rigor a liberdade.

Deixa, ò Nynfa gentil, violencia tanta,
Porque só nos impulsos da cegueira
Pode divinizar-se a atrocidade.

180 A Bucolica, ou

Soneto 19

Eu já vi esta arvore despida
Da sua gala verde, e derribada
Aquella fortaleza, vi turbada
Esta fonte, e essa flor amortecida:

Porem passou o tempo, e está vestida
Essa planta, esta torre levantada:
Outra vez a corrente, pratejada,
Outra vez a açucena renascida.

Foraõ em tudo, pois, taõ semelhantes,
Que pareciaõ ser da mesma esfera;
Do mesmo influxo, e luz participantes:

Quem taõ feliz mudança merecera,
E deixando de ser o que era d'antes,
Nunca tornasse a ser quem d'antes era!

Soneto 20

Trabalha o Lavrador com a esperança
No fructo da seara , o jornaleiro
Com o tino na paga , e o passageiro
Attende ao fim da tarde , em que descança :

Por amor do triumpho esgrime a lança
Na campanha o colerico guerreiro ;
E entre o horror da borrasca , o marinheiro
Fita os olhos no dia da bonança.

Quando trabalha , pois , quando periga ,
Ou no campo , ou no mar , ou na peleja ,
Tem certeza que o premio se lhe figa :

E só minha desgraça he taõ sobeja ,
Que tem disposto a forte , que a fadiga
Na mesma desventura sempre esteja.

Soneto 21

Pode haver taõ violento, efcuro fado,
Como o daquelle insecto, que alli anda,
Que ronda o fogo de huá, e de outra banda
Para verfe nas chamas abrazado?

Elle procura o influxo desgraçado
Daquella estrella incognita, que o manda;
Pois sabendo que acaba na demanda,
Se precipita ao termo destinado:

Hé na verdade horror, aonde o alento
Se congela, e esmorece, e perde o norte
O mais grave, e fífudo pensamento:

Mas que affombro será de maior porte
Ver buscar a quem tem entendimento
O feu misero fim da mesma forte?

Soneto 22

De não verte mil vezes determino
O' Lize ; e tu que faves o meu feio
Andas logo buscando algum enleio
Para tirarme d'isto , em que imagino.

Deixote : tu me segues ; volto ao tino ;
Tu foges : se procuro que haja meio
Neste mal , vás entãõ pelo rodeio ,
Com que ando em huma roda de continuo

Mas se no mesmo circulo dilatas
A propicia eleição , que desfiguras ,
No modo de inquietarme ; me socegas :

Pois inda que fogirme agora tratas ,
Eu bem fei que no giro , que procuras
Quanto mais te retiras , mais te chegas.

184 A Bucolica, ou

Soneto 23

Se eu não tivera, o Lize a experiencia
De ser fragil a tua segurança,
Esta fora a occasião, em que a esperança
Ter podia os seguros da clemencia.

Mas o cançado alento da paciencia
Teme a tormenta já, como a bonança;
E agora muito mais, porque a mudança
Preparandose está no mar da auzencia.

Eu delle muitas vezes hei sahido
Pegado de huma taboa, sem memoria
De furgir em lugar de salvamento:

Se torno á tempestade sou perdido,
Pois a minha fadiga he tão notoria,
Que a não acho capaz de vencimento.

Soneto 24

Eu estive nos braços da ventura ,
Mas , apenas me vi nesta grandeza ,
Fui ao ponto mais fundo da tristeza ,
Pela indigna traição da formosura.

Agora entre o horror da sorte escura
Apparece huma luz de outra fineza ;
A'manhã mudará de natureza ,
E ao depois terá nella a mesma dura.

Prompta sempre a mudar-se de continuo ,
De tal modo arruinou minha esperança ,
Que estou para chamarlhe desatino.

Pois consistindo o bem na segurança ,
He tão extravagante o meu destino ,
Que só tem a firmeza na mudança.

186 A Bucolica, ou

Soneto 25

Já pâra o rio o curso arrebatado,
Poemse o ar mais sereno, e mais aberto,
Povoase de brutos o deserto,
Alegrase o arvoredos carregado:

Abaixase o oiteiro levantado,
Este campo se vê todo coberto
De rosas, jasmins: final hé certo,
Que vem chegando Lize ao verde prado:

Porem se no insensivel se exprimenta,
Com taõ extranho effeito, o doce influxo
De seu rosto, inda apenas per sentido;

Que prodigios, que victimas, intenta
O activo resplendor de seu debuxo
Em quem tiver razaõ, e mais sentido?

Soneto 26

De que chama immortal , de que luz pura
Descende , o' Lize , o incognito motivo
De dar alma a hú penhasco insensitivo ,
E tiralla a huma viva criatura ?

Apenas de taõ rara formosura
Passa o raio cruel , e fugitivo ,
Perde a vida o alento , e fica vivo
O bronze , o ferro , o tronco , e a penha dura.

Mas se tens hum poder taõ soberano ,
Emprega essa Deidade esclarecida ,
N'hum tronco naõ , que o beneficio ignora :

Banha de resplandor o peito humano ;
Que he melhor , do que a hú bronze , dar a vida
A quem paga o que alcança no que adora.

188 A Bucolica, ou

Soneto 27

Naõ sei que novo horror dentro em meo peito
Inopinadamente hoje fabrico ,
Que a cada instante alento , e multiplico
A varia confusaõ de meu conceito.

Escolho aquillo mesmo , que regeito ,
Lisonjeo o que proprio mortifico ,
E confundindo tudo quanto explico ,
Desprezo , adoro , fujo , e me fogeito.

Neste confuso affombro se organiza
Hum enredo cruel , que perpetuo ,
Sem de alivio chegar hú breve instante :

E o que mais me consome , e martyrizo ,
He desmentir na ansia , em que fluctuo ,
A tristeza mortal do meu semblante.

Soneto 28

Divinos olhos, onde o pensamento
De balde tanta luz sondar procura;
Pois sendo a vossa cor da noite escura,
Tendes do claro dia o luzimento.

Que naufrago suspira o entendimento
Nos effeitos da vossa formosura,
Pois mil vezes duvida a conjectura
Se fois a minha gloria, ou meu tormento!

Mas seja alivio, ou ansia o que se ordena
No vosso resplandor, sempre a vangloria
Me eleva á confusão deste delirio:

Aonde se achará taõ nova pena,
Que saiba destilar a minha gloria
Das duvidas crueis do meu martyrio?

190 A Bucolica, ou

Soneto 29

Que inaudito poder, que divindade,
O' Lize, me arrebatada a fantesia,
Que celebro o rigor, e a tyrannia,
Como primeiro objecto da vontade?

Eu soborno a traição, douro a impiedade,
Applaudo o desalento, e a cobardia;
E ajoelhado no altar da idolatria,
Perco a razão, desprezo a liberdade.

Porem no mesmo assombro estou rendido,
Sem saber para onde o meu cuidado,
Pertende violentar o meu sentido:

Triste delirio, lastimoso estado
Pois a mesma evidencia de perdido,
Me acrescenta a cegueira de obstinado!

Soneto 30

Aonde, aonde a minha natureza
Poderá sepultarse? Em que retiro,
Taõ triste me acharei, que o que respiro
Nem o faiba do vento a sutileza?

Em que horror, em que centro, em q̃ aspereza
Deitarei os accentos, que profiro?
Em que parte do Mundo o meu suspiro
Se fartará de sombra, e de tristeza?

Aonde encontrarei alguma nova
Solidaõ, em que fique satisfeito,
Fazendo de meu mal a maior prova?

Mas que anda procurando o meu conceito,
Senaõ posso encontrar mais funda cova,
Do que o feio medonho de meu peito?

192 A Bucolica, ou

Soneto 31

Quando com minha ideia só me ponho,
Recordando memorias de algum dia,
Ou cuido que me engana a fantasia,
Ou parece que foi coiza de fonho:

Affim no que passei, no que disponho
Entendo que o discurso desvaria,
Pois inda de esperanças se confia
Em estado taõ triste, e taõ medonho.

Mas elle há de acabar com este engano,
Que o concurso mortal do sentimento,
Há de encher a constancia do seu dano:

O' venha a angustia já deste tormento;
Por ver, se inda sou tal, que o desengano
Chega a verme amarrado ao sofrimento.

Ethica Pastoral. 193.

Soneto 32

Melindroso jazmim, candido ensaio
Do risonho verão, mimo de Flora;
Formado do candor da bella Aurora,
Para aroma do Sol, e luz de Maio.

Que importa blazonar de seres raio
Dessa estancia gentil, que te enamora,
Se apenas vida tens de hũa só hora,
E trazes no teu nome o teu desmaio?

Contenta-tè com ser imagem viva
Da gloria temporal; e hũa figura
Do estrago, que dispoem a Sorte esquiva:

Tambem eu alcancei tanta ventura;
E mais foi taõ ligeira, e fugitiva,
Que achou no proprio berço a sepultura.

194 A Bucolica, ou

Soneto 33

VeZ como aquella fonte , e este arvoredo
Era algum dia todo o meu regallo ,
E como me dá hoje hũ grande aballo ,
Me entristece , me afflige , e mete medo !

Porem este mysterio , ou este enredo
Naõ poderá ninguem adevinhallo ,
Só aquelle , que foi de amor vassallo ,
He que pode alcançar este segredo .

Em fim no estado estou mais lastimoso ,
Com tristes pensamentos combatido ,
Sempre afflicto , inquieto , e cuidadoso :

Mas engolfese embora o meu sentido ,
Que oxalá ser podesse taõ ditoso ,
Que acabasse em memorias consumido .

Soneto 34

Que intentas já comigo , ò Sorte escura ,
Se me tens taõ rendido , e taõ cobarde ?
Que faz o teu rigor , com tanto alarde
Contra quem defenderse naõ procura ?

Se chagada me tens a alma pura ,
Se em chamas immortaes meu peito arde ,
Se naõ há pena , ou mal , que naõ me aguarde,
Que mais queres da minha desventura ?

Mas em fim se hé teu gosto que o tormento
Forme em mim todo o funebre apparatus ,
Seja embora , e confegue as tuas glorias :

Achryssolla a afflicçaõ do pensamento ,
Que eu te concedo tudo de barato ,
Com tanto que me deixes as memorias.

Soneto 35

Eu naci para ser continuo emprego
Da tua furia atróz, Fado inimigo,
Tens apostado já de ser comigo -
Mais duro, mais cruel, mais impio, e cego:

Trazes-me n'hum mortal defassocego,
Sobre mim está sempre o teu castigo,
Achando sempre o horror, sempre o perigo
Na tormenta infelíz, em que navego.

Andas sempre advertindo, e excogitando
como hás de executar na minha ideia
A tua costumada tyrannia:

Naõ sei para que assim te estás cansando,
Se para convocar a morte feia
Basta só minha triste fantasia.

Soneto 36

Nem hora , nem instante , nem minuto
Deixa de estar comigo o meu cuidado ,
Lembrandome as imagens do passado ,
De que recebo já taõ pouco fruto :

Por isso meu pezar taõ dissoluto
Se vai pondo no peito lastimado
Que me finto entre a gente envergonhado
De se ver o meu rosto nunca enxuto.

Taõ costumado estou á pena triste ,
Que a unica paixãõ , que me tempera ,
Hê a ansia mortal do meu segredo :

E este pezar comigo tanto assiste ,
Que se acaso algum bem me acontecera ,
Cuido , que inda do bem tivera medo.

198 A Bucolica, ou

Soneto 37.

Quem vir continuamente produzido
Dos olhos hum diluvio, e o raio acezo,
Em que arde o coração; quem vir o pezo,
Com que se move o corpo descahido:

Quem vir o pensamento conduzido
Pela etherea regiaõ, porque hú desprezo
Me tem cego, cativo, morto, e prezo,
Que terá vacilado, ou discurrido?

Dirá que a elemental voracidade,
Com violento furor, em mim se encerra,
E assim he, visto o mal, em que me afogo:

Eu vivo em toda a sua qualidade;
Tenho naideia o Ar, no corpo a Terra,
O Mar nos olhos, e no peito o Fogo.

Soneto 38

O Fado rigoroso , a Sorte escura
Tenho visto em meu dano sempre áleria ;
Hum empenhado , a outra descuberta
Se oppoem contra os alentos da ventura :

Toda a sua insolente conjectura
Com o meu sentimento se concerta ;
E para ter ao estrago a porta aberta ,
Inda o antigo bem me desfigura.

Mas em tanta desgraça , esta ferida ,
Que está no coração , maior alento
Recebe com se ver mais combatida :

E assim na força atróz deste tormento ,
Em lugar de se achar extincta a vida ,
Fica mais apurado o sofrimento.

Soneto 39

Que importa neste horror, que a ideia espanta
Que busque meu pezar novos retiros?
Que importa que os meus ais, e meus suspiros
Me fiquem congelados na garganta?

Que importa que desminta a torpe planta
O tremulo progresso dos seus giros?
E que o meu coração suporte os tiros,
Com tanta sumiſſão, paciencia tanta?

Que importa tresladar a pena dura
Ao mais fundo do peito, e o meo desgosto
Cubrillo com a capa do deſejo?

Que importa, em fim, mentir quanto me apura,
Se no pálido aſſombro de meu roſto,
Se eſtá vendo a batalha, em que pelejo?

Soneto 40

Supposto que a memoria sepultada
Em medonhas imagens apparece,
Inda ao longe a esperança permanece
De hũas ligeiras sombras adornada:

Ver como a Sorte astuta anda empenhada
Em fingirme o que logo desvanece!
Mas na minha experiencia, que a conhece,
Fica a sua destreza mallograda.

Ella cuida que enreda o meu sentido
Em me encobrir o horror, dourarme o dano,
Pondo-me por negaçã, hũ bem fingido:

Que pouco alcança em mal taõ deshumano,
Pois tendo-a tantas vezes conhecido,
Naõ sei para que he andar com este engano.

202 A Bucolica, ou

Soneto 41

Neste profundo abismo, em que me encanto,
Em que peno, em que ardo, e me consumo,
Que tenha já remedio não presumo,
Vista a ansia mortal do meu quebranto:

Tudo buscado tenho: o templo santo
Do Desengano adoro, e mais perfume,
E inda que abraze a offerta, e suba o fumo,
Fico no mesmo horror, no mesmo espanto:

Tambem já intentei o desafogo
Da fonte de meus olhos, que a não veda,
Nem proprio dano, nem alheio rogo:

Mas que importa que a ansia assim proceda,
Se he tão especial de amor o fogo,
Que em lagrimas sustenta a labareda?

Soneto 42

Tu me deixaste, ò Lize, e vens agora,
Sabe Deos, se cruel, ou se benina,
A alegrar esta margem cristalina,
Qual o faz, com seu riso, a bella Aurora:

Mas por mais que a minha alma te enamora,
Naõ sei que ansia mortal, que dôr malina
Acho na tua vista peregrina,
Que a sente o coração, e o peito a ignora.

Inda que o pensamento lhe resiste,
Mais se requinta entã a impaciencia,
Mais me cerca o pezar, e o horror me assiste:

Vê que paixãõ terei nesta violencia,
Quando chega esta pena a ser taõ triste,
Que antes quizera o mal da tua auzencia?

204 A Bucolica, ou

Soneto 43

Trouxeme a tal miseria a Sorte dura,
Que quem considerar minha tristeza,
Saberá que não tem a natureza
Mais molesta, e enfadonha criatura:

Mas que intenta esta infame, ou que procura
Nateima de tão barbara vileza,
Se já me poz na ultima baixeza
Do mais profundo horror da desventura?

Eu cuidava que vendo o meu quebranto
Perdesse esta tyranna o vil desejo
De fazerme a importuna companhia;

Mas ella inda comigo lida tanto,
Que no estado infeliz, em que me vejo,
Cuido que valho mais, do que entendia.

Soneto 44

Quem se vio da Fortuna taõ mimoso,
E hoje se acha em horror taõ inclemente,
Como pode mostrar-se indifferente,
Por mais firme que seja, e generoso?

Este mal, este tempo lastimoso,
Havendo tanta gloria antecedente,
Para por-me na angustia mais vehemente,
Foi astucia do Fado rigoroso.

Consulte cada qual a intelligencia,
E verâ se inda as forças do diamante
Se rendem desta sorte combatidas?

Ou tire á minha vida a consequencia,
Contemplando na scena de hú instante,
Tantas ditas em magoas convertidas.

Soneto 45

Se na ansia perpetua , em que me canso ,
 Chegara a aborrecer meu sentimento ,
 Inda podia ter algum intento
 De ver se quer ao Fado o rosto manso:

Mas nem discorro , nem taõ pouco alcanço
 Como devo tratar o meu tormento ;
 Que he taõ louco meu triste pensamento,
 Que na magoa he que encontra o seu descanso.

Em fim todo o cuidado dissoluto
 Se engolfa neste misero conflito ,
 Sem merito fazer , nem tirar fruto :

Eu fou da lei de Amor hú tal precito ,
 Que por mais , que os desmanchos executo
 Naõ posso arrependerme do delito.

Soneto 46

Invente a Sorte , invente em meos ardores ,
Invente em meu pezar tragedia nova ;
Faça de meu alento a maior prova ,
Com nova prevençã novos horrores :

Toda a chusma inclemente dos rigores
Granize a desventura , o Fado chova ;
E contra mim os círculos remova
A maquina dos orbes superiores :

Ponha em fim no mais horrído quilate
Da miseria a constancia de meo peito ,
Apure a sem razã , solte o delirio :

Arruïne , consuma , desbarate ,
Que nunca ha de fazer , que em meo conceito
Deixe de ser glorioso o meu martirio.

208 A Bucolica, ou

Soneto 47

Certo, que quem me vir nesta ruína,
Em que me pôz o horror da minha estrella,
Naõ ha nunca de crer, que eu tive nella
Ditoso influxo de húa luz benina:

Porem da mais esplendida officina
Fui já taõ venturosa centinella,
Que o prevenido alento da cautella
Girou por toda a esfera cristalina.

Mas tudo foi, tyranno pensamento,
Que lá no seu dil curso astucioso
Ordenou o rigor do injusto Fado:

Pois quem duvida fer o seu intento
Fazer-me tantas vezes venturoso,
Por me ver tantas vezes desgraçado?

Soneto 48

Deste empinado , e rustico penedo
Que alegre vista offrece o tempo manso !
Quem podera gozalla com descanso !
Porem tudo me afflige , e mete medo :

Affligime a alegria do arvoredos ,
Entristeceme o rio em seo remanso.
E com a mesma noite até me canso ,
Porque começa tarde , e acaba cedo.

Mas sobre tudo em fim o que convida
Para a tristeza mais a minha historia ,
He pôr o pensamento nesta altura :

Pois vendo aquelle fundo , e esta subida ,
Sempre tenho gravado na memoria
Onde estive , e onde está minha ventura.

210 A Bucolica, ou

Soneto 49

Ninguem estranhe a furia , e mais o arrojo ,
Com que sempre me lanço ao precipicio ,
Porque isto não hê mais , que hú leve indicio
Da causa , em que me irrito, e em que me enojo:

Só podera faciar o meu antojo
ver acefo em funesto sacrificio ,
Até d'alma o mais intimo resquicio ,
Servindo ao Desengano de despojo :

Por ver se se fartava a dura Sorte,
Vendo já destroçado o peito infaulto ,
Deste objecto infelíz do seu emprego :

Pois inda que estallasse á pena forte ,
Ao menos dar podia este holocausto
Novo appellido ás agoas do Mondego.

Soneto 50

Já me auzenta meu proprio defatino :
Aqui pois deixarei a minha historia ,
Porque a todos , em fim , seja notoria
A magoa, em que me enleio , e em q̄ me obstino:

Errante , solitario , peregrino
Do Mundo apagarei toda a vangloria ,
Para que fique impressa na memoria
A violencia mortal do meu destino.

Pelo rio infeliz , onde a esperança
Deixa o giro velôz do pensamento ,
Segura passará minha lembrança :

Indelevel será meu sentimento ;
Porque para os effeitos da mudança ,
Naõ me pode valer o esquecimento.

Libro 2o

In me autem et in aliis propriis distinctis...
Ad quod pertinet a nobis...
Forte autem, in hoc, si quis dixerit...
Et magis, in quibus dicitur... in quibus dicitur...

Etiam, solutio, propter hoc, ut dicitur...
Et magis, quod dicitur...
In quibus dicitur...
A violenta causa, de qua dicitur...

Plo in istis, unde dicitur...
Dicitur autem de potentibus...
Et magis, unde dicitur...

Unde dicitur...
Et magis, unde dicitur...
Unde dicitur...

ERRATAS

PROLOGO

Pagin.	Regr.	Erratas	Emendas
1	22	Theverito	Theocrito
2	11	Hespanhas	Hespanha

LIVRO

Paginas	Verfos.	Erratas	Emendas
11	29	que cá hum homem	que cá homem
ibid.	33	que o homem	que homem
16	51	O' barqueiro onde vas?	O' barqueiro aonde vas?
ibid.	64	a panha	a penha
35	66	quanto mais q̄ aproveita	quanto mais q̄ me aproveita
41	6	Cilo chega	eilo chega
ibid.	14	de nós sermos	de naõ sermos
42	17	e sabes se por ventura	e sabe-se por ventura
63	6	inda que o pobre	inda que pobre
65	62	tem os	temos
68	21	diz q̄ há hũ olio, q̄ se pega	diz q̄ há olio, que se pega

Na pagina 73 vers. 23 está o verso seguinte

De drogas, e pedraria, prata, e oiro

e há de ser deste modo

De drogas, prata, e oiro, e pedraria

Paginas	Verfos.	Erratas	Emendas
78	12	descuberto	descoberto
104	10	atento	alento
105	13	descuberto	descoberto
113	7	o q̄ inda duvida	q̄ inda duvida
125	14	que chorar o seu engano	q̄ chorar seu engano
132	13	he melhor estar	he melhor, que estar
164	10	ante	antes
166	8	mallogrado	mallogrado !
171	10	natureza.	natureza ?
186	7	de rosas, jasmims	de rosas, e jasmims
188	10	perpetuo	perpetúo
ibid.	13	fluctuo	fluctúo

Da pagina 136 se devia proseguir o num. 137 e se proseguio 157 erro de 20 numeros, que se continuou athé o fim deste Livro.

ERRATA

PUBLISHED

Page	Line	For	By
1	1
1	2
1	3
1	4
1	5
1	6
1	7
1	8
1	9
1	10
1	11
1	12
1	13
1	14
1	15
1	16
1	17
1	18
1	19
1	20
1	21
1	22
1	23
1	24
1	25
1	26
1	27
1	28
1	29
1	30
1	31
1	32
1	33
1	34
1	35
1	36
1	37
1	38
1	39
1	40
1	41
1	42
1	43
1	44
1	45
1	46
1	47
1	48
1	49
1	50
1	51
1	52
1	53
1	54
1	55
1	56
1	57
1	58
1	59
1	60
1	61
1	62
1	63
1	64
1	65
1	66
1	67
1	68
1	69
1	70
1	71
1	72
1	73
1	74
1	75
1	76
1	77
1	78
1	79
1	80
1	81
1	82
1	83
1	84
1	85
1	86
1	87
1	88
1	89
1	90
1	91
1	92
1	93
1	94
1	95
1	96
1	97
1	98
1	99
1	100

Printed and Published by J. B. ...

